



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA
MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

MAURA ESPINHEIRA AVENA

VÍNCULO FAMILIAR CONTEMPORÂNEO:
RESSONÂNCIAS NO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO

SALVADOR

2013

MAURA ESPINHEIRA A VENA

**VÍNCULO FAMILIAR CONTEMPORÂNEO:
RESSONÂNCIAS NO PROCESSO DE SOCILIZAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elaine Pedreira Rabinovich

SALVADOR

2013

UCSal. Sistema de Bibliotecas

A951 Avena, Maura Espinheira.

Vínculo familiar contemporâneo: ressonâncias no processo de socialização/ Maura Espinheira Avena. – Salvador, 2013.

140 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica do Salvador.
Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em
Família na Sociedade Contemporânea.

Orientação: Profa. Dra. Elaine Pedreira Rabinovich.

1. Vínculos familiares 2. Socialização 3. Sociedade contemporânea
I. Título.

CDU316.356.2

TERMO DE APROVAÇÃO

Maura Leite Espinheira Avena

**"Vínculo Familiar Contemporâneo: ressonâncias no processo de
socialização"**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Família
na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 11 de novembro de 2013.

Banca Examinadora:


Dr(a). Elaine Pedreira Rabinovich - UCSal
Orientador (a)


Dr(a) Feizi Masrour Milani - UNEB


Dr(a). Giancarlo Petri - UCSal

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela vida e pelas famílias: a de origem e a constituída.

À minha filha, Isadora, pelo amor, sorriso iluminado e gestos grandiosos de generosidade que me conduzem pelo caminho do bem, sempre. Obrigada, minha filha, porque a cada dia eu me torno alguém melhor porque você existe em minha vida.

À meu companheiro, André, pelo amor e incentivo constantes que reforçam a crença em mim mesma e em meus projetos. Obrigada!

À meu pai (in memoriam), Itamar, agradeço o ‘cheiro de goiaba’, presente de infância, e a infância presente na vida adulta, agora vivida com amor porque fui amada. Obrigada, pai, este trabalho é dedicado à você.

À minha mãe, Núbia, pelo ensinamento da fé. Fé em Deus, nas pessoas e num mundo melhor.

À cada um de meus amados irmãos: Espinheirinha, Fafá, Nubinha, Toinho, Tama, Betinho, Rita e Geo, pela presença e força de sempre em quaisquer circunstâncias da vida. Amo vocês.

À minha orientadora, Dra. Elaine Pedreira Rabinovich, por me ajudar a compreender, mais uma vez, que só ensina quem aprende! Obrigada, Elaine, por me acolher com tanto carinho no mestrado e por ter me apresentado a pessoas tão especiais, como você!

Ao Grupo de pesquisa Família (Auto) biografia e Poética - FABEP-UCSAL por fazer da minha trajetória acadêmica mais do que um caminho de pensamento, elaboração e aprendizagem, mas fundamentalmente, uma rica experiência de vida, de cooperação mútua e carinho. Um grupo operativo! Meninas: vocês são únicas!

À todos os docentes do Programa de Família na Sociedade Contemporânea/UCSAL, em especial ao Professor Petrini, com quem tanto aprendi, pela sabedoria e entusiasmo contagiantes nas aulas e pelas significativas contribuições não só para minha pesquisa, como também para minha vida pessoal.

Aos Professores da minha banca de qualificação: Professor Petrini e Professor Feizi Milani, que contribuíram com seu enorme conhecimento e experiência para o desenvolvimento do meu trabalho.

À todos os funcionários deste Programa, em especial à Luciana, da secretaria, pela disposição em ajudar sempre e pelo carinho. Obrigada Lú! Agradeço também aos funcionários da UCSAL, em especial à Rose da Biblioteca que, com sua gentileza e presteza, contribuiu muito para a organização do meu texto.

Ao CIEG – Centro Interdisciplinar de Estudos Grupais Enrique Pichon-Rivière e à todas as pessoas que dele fizeram e fazem parte, pelo conhecimento da expressão que incorporei à minha vida pessoal e profissional: “Cada ponto de chegada é um novo ponto de partida”.

Agradeço a todos! Obrigada.

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo investigar como vem se desenvolvendo a dinâmica interna do grupo familiar contemporâneo em sua rede vincular e interacional, buscando compreender suas ressonâncias no processo de socialização dos filhos. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa que partiu de um enfoque específico da Psicologia Social: o ECRO (Esquema Conceitual Referencial e Operativo) criado e desenvolvido por Pichon-Rivière. Foram realizadas, de maneira individualizada, entrevistas semi-estruturadas com três casais de classe média/média alta de Salvador, com nível superior e com filhos em idade de 05 a 10 anos. Em seguida, foi realizado o Grupo Operativo com as três mulheres/cônjuges dos casais entrevistados e mais duas mulheres cujos cônjuges não puderam ser entrevistados. Os resultados coletados foram apresentados através de cinco eixos temáticos: Mulher X Trabalho; Individualização X Pertença/cooperação; Crise X Mudança/Superação; Verticalidade X Horizontalidade; Novas tecnologias X Novos vínculos X Novos modelos de aprendizagem. Tais eixos puderam revelar que, a função de socialização e educação no grupo familiar vem sendo dificultada cotidianamente, como também a função parental que a sustenta, devido às condições novas e adversas que emergem com os processos sociais, culturais e tecnológicos na atualidade. Esses processos, pelo grau de aceleração com que ocorrem, geram instabilidade e insegurança no âmbito familiar e, portanto, em seus vínculos. Neste contexto e em relação às funções já citadas, a mãe/mulher tem o papel mais participativo junto aos filhos e na sustentação dos vínculos familiares. Os aspectos revelados não são conclusivos e merecem maior aprofundamento devido ao seu nível de complexidade.

PALAVRAS-CHAVES: Vínculos familiares. Socialização. Sociedade contemporânea.

ABSTRACT

INTRODUCTION: The present study aimed to investigate how the internal dynamics of the contemporary family group has been developing on its network link and interaction, seeking to understand its resonances in the children's process of socialization. This is a qualitative research that started with a specific focus of Social Psychology: CSRO (Conceptual Schema Reference and Operation) created and developed by Pichon-Rivière. **METHODOLOGY:** Semi-structured interviews were carried out on an individual basis, with three couples of middle class/upper middle class in Salvador with higher education, and children in 05-10 years. Then, the Operational Group formed with three women/spouses of interviewed couples and two other women whose spouses could not be interviewed. **RESULTS:** The results obtained were presented through five theme axes: Women X Work; Individualization X Belonging/Cooperation; Crisis X Change/Overcoming; Verticality X Horizontality; New technologies X New bonds X New models of learning. Such axes might reveal that the function of socialization and education in the family is being hampered every day, as well as the parental function that sustains it, due to new and adverse conditions emerging from social, cultural and technological processes nowadays. Those processes, due to the degree of acceleration they occur, generate instability and insecurity in the family and therefore in their ties. **CONCLUSION:** In this context and in relation to the functions already mentioned, the mother/woman has a more participatory role with their children and in the support of family bonds. Aspects revealed are inconclusive and deserve a more profound study, due to their level of complexity.

KEYWORDS: Family Ties. Socialization. Contemporary Society.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1. PSICOLOGIA SOCIAL E O ESQUEMA CONCEITUAL REFERENCIAL E OPERATIVO COMO APORTE PARA A COMPREENSÃO DO GRUPO FAMILIAR	12
1.1 O ECRO E A TEORIA DO VÍNCULO DE PICHON-RIVIÈRE	26
2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O “OBJETO” FAMÍLIA	31
2.1 BREVE HISTÓRICO, CONCEPÇÕES E CATEGORIAS RELACIONADAS	31
2.2 O GRUPO FAMILIAR COMO ESFERA DA VIDA COTIDIANA: TRANSFORMAÇÕES E RESSONÂNCIAS.....	38
2.3 VÍNCULOS FAMILIARES CONTEMPORÂNEOS: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS	47
3. METODOLOGIA	57
3.1 O ECRO E O GRUPO OPERATIVO COMO INSTRUMENTOS DE ANÁLISE E INTERVENÇÃO	57
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	59
4 DISCUSSÃO E RESULTADOS	64
4.1. EIXO I: MULHER X TRABALHO	64
4.2. EIXO II: INDIVIDUALIZAÇÃO X PERTENÇA/COOPERAÇÃO	71
4.3. EIXO III: CRISE X MUDANÇA/SUPERAÇÃO	86
4.4. EIXO IV: VERTICALIDADE X HORIZONTALIDADE	90
4.5. EIXO V: NOVAS TECNOLOGIAS X NOVOS VÍNCULOS X NOVOS MODELOS DE APRENDIZAGEM	96
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS	112
ANEXOS	118

INTRODUÇÃO

A Psicologia Social e a técnica de grupos operativos começaram a fazer parte da vida pessoal e profissional da autora a partir de um processo grupal dialético de aprendizagem no qual, pela primeira vez, a mesma pôde vivenciar, de fato, a conexão entre teoria e prática, muito embora essa conexão tenha sido um constante discurso no seu curso de graduação em Serviço Social.

A total identificação com esse âmbito de estudo e análise fez crescer o desejo de aprofundamento do mesmo, o que culminou com a fundação, juntamente com outras pessoas, do CIEG – Centro Interdisciplinar de Estudos Grupais Enrique Pichon-Rivière. Após sua formação nesta ONG, a autora assumiu a função de coordenadora comunitária da mesma e, essa prática profissional cotidiana, voltada para a interação com diversas pessoas, associações comunitárias, grupos e instituições, possibilitou ratificar a eficácia dos instrumentos da Psicologia Social para a realização de uma leitura mais operativa da realidade social e suas problemáticas, como também a intervenção mais eficaz do ponto de vista da resolução e superação das dificuldades aí encontradas.

O presente estudo surge de indagações e questionamentos produzidos a partir desta trajetória profissional, ao observar e identificar dificuldades recorrentes relatadas pelos alunos e/ou integrantes dos grupos e associações, relacionadas à sua formação/educação no grupo familiar e, fundamentalmente, à construção de modelos ou matrizes de aprendizagem.

É importante salientar desde já, ainda que no corpo do trabalho tal conceito seja mais claramente definido e explicado, que as matrizes de aprendizagem ou modelos internos são um dos conceitos fundamentais da Psicologia Social proposta pelo Psiquiatra, Psicanalista e Psicólogo Social Dr. Enrique Pichon-Rivière, mas precisamente, um conceito criado e desenvolvido pela atual diretora da Primeira Escola Privada de Psicologia Social de Buenos Aires/Argentina, Ana P. de Quiroga que deu continuidade ao pensamento deste grande cientista, cuja história e teoria iremos expor com mais detalhes adiante. As matrizes ou modelos internos podem ser definidas como “as diferentes modalidades através das quais o

indivíduo organiza e significa as suas experiências de pensamentos, sentimentos e ações” (QUIROGA, 1996, p. 49).

Por outro lado, a família, local por excelência onde essas matrizes ou modelos são construídos, vem sendo alvo de mudanças sociais, culturais e tecnológicas que reverberam em suas formas de organização grupal e que, conseqüentemente, influenciam na transmissão de valores e nas formas de educação, como também na construção das próprias matrizes de aprendizagem.

Por esse motivo, acreditamos que a Psicologia Social na linha de abordagem e interpretação de Enrique Pichon-Rivière e de Ana P. de Quiroga, aqui utilizada como o principal marco teórico, nos conduzirá a uma análise multidisciplinar mais complexa das questões aqui postas que envolvem fenômenos de várias ordens: subjetivas, sociais, institucionais e culturais. Nesta perspectiva, todo processo individual e subjetivo remete a processos vinculares, relacionais, grupais e sociais e vice-versa.

Assim, nos perguntamos pelo grupo familiar na atualidade e pelas funções que lhe foram atribuídas tradicionalmente, as de educar e transmitir valores àqueles que dela dependem em seu processo de desenvolvimento. De que forma, tendo como ponto de partida as referidas funções, pode-se definir o grupo familiar hoje ou, pelo menos, como podemos nos aproximar de uma visão mais complexa e objetiva do mesmo, como também de como vem desenvolvendo sua função de sustentação dos processos subjetivos? Como a família ou o grupo familiar, em suas diversas formas de organização e expressão, está se posicionando frente às mudanças sociais, econômicas e tecnológicas? Que formas de aprender estão sendo oportunizadas neste âmbito e que matrizes ou modelos internos tendem a estruturar-se nestas experiências?

Quais são os desafios que a família vem enfrentando para educar seus filhos e para transmitir valores? Que tipos de vínculos estão sendo construídos no grupo familiar e como se dá a interação? A família vem conseguindo manter seus vínculos de pertença e sustentar seu papel social de formar indivíduos para viverem em sociedade? Pode a família de hoje ser considerada como um grupo de pertencimento, onde não só existem os laços consanguíneos, mas fundamentalmente o comprometimento com o processo de aprendizagem do outro e de

seu desenvolvimento biopsicosocial? Ou, por outro lado, como reflexo da lógica capitalista pós-moderna do imediatismo, consumismo e da efemeridade (LYPOVETSKY, 2004) ela está sendo utilizada apenas como um “rito de passagem” na vida do indivíduo que, ao completar a maioridade, a abandona?

Não temos a pretensão de responder a todas estas questões, mas é importante tê-las como uma forma de bússola para nos direcionar em nossa trajetória na busca pelas respostas dos nossos objetivos, não de maneira fechada e conclusiva, mas sempre atentando para os desafios que se renovam constantemente quando se está estudando acerca das realidades individual, grupal e social e suas complexas dinâmicas.

São questões norteadoras e que justificam o presente estudo a partir da observação em um âmbito grupal, principalmente por considerarmos que o grupo é um campo privilegiado para verificá-las, na medida em que é nele que podemos visualizar de forma mais clara a relação que cada um estabelece consigo próprio (seus modelos ou matrizes) e com o outro no momento da construção do conhecimento/tarefa. Por este motivo e concordando com a expressão de Kurt Lewin, quando este afirma que “não há nada mais prático que uma boa teoria” (LEWIN apud PICHON-RIVIÈRE, 1994, p.128), além do ECRO (Esquema Conceitual Referencial e Operativo) e de outros instrumentos que iremos detalhar quando falarmos dos procedimentos metodológicos no segundo capítulo, utilizamos o Grupo Operativo como caminho para alcançar nossos objetivos.

O grupo operativo é um tipo de abordagem grupal criada e desenvolvida por Enrique Pichon-Rivière que pode ser compreendida e utilizada como um dispositivo de estudo e análise dos emergentes sociais que se manifestam nas esferas da vida cotidiana, sendo estas: a família, o trabalho e o tempo livre, como também das diversas formas de interação aí estabelecidas, e ainda como um espaço de reflexão da prática educativa familiar na formação, significação e organização das primeiras experiências de aprendizagem dos indivíduos.

É importante colocar que a escolha do grupo operativo como instrumento de tarefa e investigação e não outro tipo de abordagem ou técnica grupal está relacionada não só a sua vinculação com a teoria que o sustenta, o ECRO, mas, sobretudo, com a instrumentalização da pesquisadora em termos de uma “atitude psicológica” apreendida em um processo grupal

de aprendizagem vivencial, informativo e formativo que nos permitiu ter mais objetividade no processo de observação e análise dos conteúdos.

Objetivamos discutir o seguinte problema: o grupo familiar, impactado pelas mudanças sociais e culturais, pode ainda ser compreendido como horizonte de sustentação dos processos subjetivos?

E aqui esclarecemos que quando colocamos o termo ‘processos subjetivos’ estamos nos referindo aos processos de maturação e desenvolvimento vivenciados pelos indivíduos gerados no grupo familiar que, para se constituírem enquanto sujeitos, dependem da assunção de determinadas funções sustentadas pelos membros do grupo e sua rede vincular. Esta problematização estará sendo direcionada por nosso objetivo geral que é o de investigar como vem se desenvolvendo a dinâmica interna do grupo familiar contemporâneo – rede vincular e interacional – e sua ressonância no processo de socialização dos filhos; e também por nossos objetivos específicos que relacionamos abaixo:

- Observar como circulam as modalidades de interação grupal e as tendências possíveis direcionadas a cooperação ou a individualização no campo familiar;
- Listar como estão divididas as tarefas domésticas e educativas e como essa divisão é vivenciada na relação horizontal do casal e na relação vertical com os filhos;
- Relacionar algumas atitudes e/ou possíveis resoluções adotadas pela família em momentos de crise que eventualmente tenham ocorrido.
- Identificar as práticas de socialização, educacionais e de aprendizagem no âmbito familiar e as matrizes de aprendizagem que tendem a ser aí desenvolvidas;
- Verificar como está sendo estabelecida a rotina familiar diante das inúmeras mudanças tecnológicas e de espaço, tempo e ritmo na vida moderna.

Para tanto, este estudo será desenvolvido através de cinco capítulos. No primeiro capítulo, falaremos sobre nosso marco teórico de base, o ECRO (Esquema Conceitual Referencial e Operativo) da Psicologia Social de Pichon-Riviére, Ana Pampliega de Quiroga e alguns pensadores da Escola de Psicologia Social de Buenos Aires/Argentina. Este eixo central permitirá uma articulação permanente com outras abordagens e perspectivas da Sociologia da família e da Terapia sistêmica familiar, tendo em vista a complexidade de nosso problema e objetivos. No capítulo dois, discorreremos sobre nossa metodologia e sobre os

procedimentos metodológicos que utilizamos para chegar ao conhecimento das respostas procuradas ou a caminhos mais elucidativos para sua compreensão. Apresentaremos a discussão e os resultados no capítulo terceiro através de cinco eixos interpretativos ou de análise e no quarto capítulo faremos nossas considerações finais.

É importante ressaltar que este estudo poderá vir a auxiliar pais, educadores e coordenadores de grupos em sua prática profissional, dando-lhes mais elementos para refletir, entender e intervir nas questões que envolvem o grupo familiar e suas formas de adaptação às mudanças sociais, culturais e tecnológicas, como também aquelas que estão relacionadas mais especificamente às práticas educativas e de aprendizagem, formadoras de matrizes ou modelos internos.

1. A PSICOLOGIA SOCIAL E O ECRO – EQUEMA CONCEITUAL REFERENCIAL E OPERATIVO – COMO APORTE PARA O ENTENDIMENTO DO GRUPO FAMILIAR

Diversas disciplinas e áreas do conhecimento se perguntam pela organização familiar e seu processo de mudança na atualidade. A Antropologia, a Sociologia, a Psicologia, a História, são alguns destes campos que buscam compreender esta organização de vínculos e relações na qual se reproduz a vida humana e em cujo interior o ser humano se configura enquanto indivíduo. O objeto de conhecimento “família” se traduz, portanto, em um objeto complexo onde se articulam diversas dimensões e fenômenos como os processos psíquicos dos sujeitos que a integram e as relações sociais da organização socioeconômica na qual se inserem. É sob essa ótica que a Psicologia Social de Enrique Pichon-Rivière compreende e aborda a estrutura familiar e os processos que a ela estão relacionados, como o desenvolvimento da personalidade do indivíduo.

Enrique Pichon-Rivière nasceu em Genebra onde morou temporariamente com os pais e quando completa quatro anos muda-se com estes para a região do Chaco, localizada no Nordeste da Argentina. Vai para Buenos Aires quando jovem para estudar Medicina, formando-se em Psiquiatria e, posteriormente, em Psicanálise. Sua prática clínica o conduz progressivamente ao desenvolvimento de uma Psicologia que aborda “o homem concreto, em suas condições concretas de existência” (QUIROGA, 1997) e é esta compreensão que faz dele um grande investigador da estrutura familiar, institucional, da ordem social e um questionador incansável da cotidianidade e todas as formas de interação e expressão aí expostas, como a cultura popular, o futebol, o tango, o folclore, os mitos, etc.

Há alguns anos atrás no campo da Psicanálise tradicional e da Psicologia clássica se estudava o indivíduo de maneira isolada, procurando o entendimento deste e de seus processos internos de uma forma fechada, considerando basicamente a dinâmica intrapsíquica sem discutir e aprofundar sua relação com o mundo exterior. Dentre outras razões, isto ocorreu também em decorrência da maneira dicotômica de entender o indivíduo e a sociedade – cada um separadamente. Por outro lado essa situação possibilitou várias e grandes discussões sobre os objetos de estudo e análise da Psicologia, da Psicologia Social e da Sociologia, que com o passar do tempo e a partir das demandas acadêmicas, contextuais e

culturais, resultaram em abordagens mais ricas em termos de leitura e interpretação da realidade e produção de conhecimento.

Com base em algumas leituras (CARVALHO, BASTOS, RABINOVICH, SAMPAIO, 2005; CALEGARE, 2009) podemos afirmar que nas últimas décadas, tanto a Psicanálise quanto a Psicologia evoluíram em seus esquemas teóricos e metodológicos, buscando abordagens mais integradoras e complexas do indivíduo, e que a Psicologia Social vem se fortalecendo cada vez mais em seu âmago como uma ciência independente daquelas disciplinas ou mesmo de outras como a Sociologia e a Antropologia.

A Psicologia Social como ciência mais ampla, na qual se localiza a linha de pensamento e intervenção de Pichon-Rivière, tem muitas histórias relativas às suas origens e, ainda que não tenhamos aqui o objetivo de discuti-las, vale dizer que concordamos com alguns autores quando estes colocam que suas raízes estão relacionadas às interconexões da Psicologia e da Sociologia o que, por sua vez, deu origem a diferentes linhas de abordagem dentro da própria disciplina: uma linha mais voltada para a abordagem Psicológica e outra linha com abordagem mais Sociológica. Relatamos isto também para afirmar que a Psicologia Social de Pichon-Rivière se inscreve na abordagem mais sociológica desta disciplina, orientando-se através de seu caráter vincular, relacional e social.

Da mesma forma que a disciplina mais ampla, esta linha específica de conhecimento, reflexão e intervenção da realidade – através da Primeira Escola Privada de Psicologia Social, de sua Diretora: Ana P. de Quiroga, e daqueles que se formaram e continuaram produzindo e reproduzindo o pensamento de Pichon-Rivière – pôde seguir nesse curso e continuar a desenvolver seu processo de produção do conhecimento enquanto ciência, dialogando permanentemente, com outras disciplinas e saberes, como por exemplo, com o pensamento complexo de Edgar Morin (2005) e seus princípios e com a ecologia de saberes de Boaventura de Sousa Santos (2007), e ainda com outros autores que compreendem o indivíduo e a realidade numa perspectiva complexa, multi e interdisciplinar.

Em relação a isto e principalmente ao nosso estudo, podemos acrescentar que nosso marco teórico de base, a Psicologia Social de Pichon-Rivière, estará em permanente diálogo com abordagens do campo da Sociologia da Família e, mais especificamente, com o

Paradigma Relacional da sociedade e da família proposto pelo Sociólogo Pierpaolo Donati (2008), por se tratar de uma concepção que aborda o indivíduo, o grupo (a família) e a realidade social buscando suas múltiplas dimensões.

Nesse sentido, muito embora alguns acreditem que o pensamento de Pichon-Rivière tenha ficado para trás com o passar do tempo, acreditamos não só que ele ainda é atual, como também vem sistematicamente retificando-se e ratificando-se diante das demandas individuais, grupais e sociais e, a nosso ver, é esta a grande importância deste pensamento e de seu esquema conceitual referencial e operativo (ECRO), que mesmo tendo sido produzido num determinado contexto histórico/social, estando mais restritamente ligado especificamente ao Grupo Operativo e às experiências realizadas a partir deste dispositivo, pôde, de fato, desde sua origem, efetuar o que muitos de seus contemporâneos buscaram sem sucesso, o diálogo entre as diversas disciplinas e campos epistemológicos, algo que hoje tem sido cada vez mais perseguido por aqueles que investigam, trabalham e produzem na área das ciências humanas e sociais.

Na Psicologia Social Pichoniana, como se costuma dizer, a Psiquiatria e a Psicanálise clássicas foram pontos de partida fundamentais para os processos de investigação e compreensão do ser humano. Mas o esforço incansável de Pichon-Rivière para compreender o indivíduo, como também para desvendar a complexidade inerente das relações entre mundo interno e mundo externo, o levaram a defender uma abordagem vincular e social deste indivíduo. Isto se deve ao fato de ter como base o pensamento dialético, em constante processo de transformação e aprendizagem, incorporando novos conceitos e conhecimentos trazidos pelas ciências relacionadas ao homem.

Pichon-Rivière coloca desde o início a necessidade de complementar a investigação psicanalítica com a investigação social, que orienta em uma tríplice direção: psicossocial, sociodinâmica e institucional. Aborda o homem concebendo-o em uma só dimensão, a humana; mas ao mesmo tempo concebe a pessoa como uma totalidade integrada por três dimensões: a mente, o corpo e o mundo exterior (áreas 1-2-3) que integra dialeticamente. (TARAGANO, 1986, p. 12)

Essa maneira de compreender o ser humano vai se afirmando cada vez mais à medida que Pichon-Rivière prossegue em seu trabalho com pacientes nos Hospitais psiquiátricos e pode observar e estudar cuidadosamente a relação entre estes e seu grupo familiar. É partir daí

que desenvolve um conceito de sujeito e um critério de saúde mental que serão norteadores de sua prática e do repertório teórico metodológico que desenvolve, posteriormente, ao qual denomina de ECRO – Esquema Conceitual Referencial e Operativo.

É importante dizer que embora a palavra “Esquema” tenha uma conotação de algo fixo ou rígido, o sentido dado por Pichon-Rivière é de ‘estrutura’ ou ‘esqueleto’ que pode se transformar em algo rígido apenas se for utilizado de forma errada. A noção proposta, portanto, é a de esquema como uma estrutura em constante movimento, um esquema dinâmico.

O ECRO é um conjunto organizado de conceitos gerais acerca das condições nas quais os fenômenos empíricos aparecem e são ligadas entre si: é *referencial* na medida em que se reporta ao campo (ou fato concreto) sobre o qual refletimos e operamos, e aos conhecimentos a que nos referimos para refletir e operar; o *esquema* é operativo na medida em que manifesta a adequação do pensamento do enunciado ao seu objeto, sendo esta *operatividade* fonte de descoberta. (KAËS, 2003, P. 35)

O ECRO é um instrumento interdisciplinar de leitura, interpretação, análise e intervenção no qual se articulam conceitos de diferentes áreas do conhecimento na medida em que sejam pertinentes ao esclarecimento do objeto de estudo. Como afirma Ana Quiroga (2000), no ECRO se articulam aportes da Psicanálise, Psiquiatria francesa, Fenomenologia, Linguística, Cibernética, Surrealismo, Psicologia Social americana que convergem no sentido de “saber do homem ao qual entende como constituindo-se em uma práxis, em uma relação dialética, de mútua determinação com o mundo...”(QUIROGA, 2000, p. 20).

Para o ECRO, o sujeito é visto como sujeito “emergente”, pois emerge de uma trama de vínculos e relações sociais. Esta trama de vínculos é exatamente a família e sua dinâmica interna. O sujeito e sua conduta, portanto, só podem ser compreendidos em e na relação com o grupo familiar ao qual pertence. Como coloca Ana Quiroga:

(..) temos a intenção de assinalar que a organização familiar resulta no contexto pertinente, aquele que deve ser focalizado para compreender o sujeito e seu comportamento. A conduta do sujeito, ao ser essencialmente relacional, só pode ser decifrada na rede de relações, de vínculos da qual emerge e se configura. O sujeito se comporta em e para um contexto. Esse contexto é o horizonte de sua experiência e só nesse contexto essa conduta, ainda que pareça mais incompreensível, adquire coerência e significado. Se faz então decifrável e, em

conseqüência, susceptível de ser transformada. (Isto não significa absolutizar o papel da família, já que o homem é determinado desde outras formas de organização social, direta e indiretamente, mas a estrutura familiar tem uma peculiar eficácia na constituição do psiquismo). (QUIROGA, 1997, p. 121-122)

Por esse motivo a família é a “unidade de análise dos processos psíquicos” e da conduta, seja ela normal ou patológica. Entender o sujeito é, portanto, tão complexo quanto entender o grupo familiar, já que o mesmo está sendo perpassado por um sistema de normas e significações sociais que ressoam de diversas maneiras em seus membros.

A partir do ECRO de Pichon-Rivière, retratados por Ana Quiroga (1997), em seu texto: “Aproximações a um modelo de análise do grupo familiar”, explicitamos aqui os três níveis de análise da estrutura familiar, diferentes, mas correspondentes entre si e complementares.

➤ O nível histórico antropológico:

Neste nível pergunta-se pela origem da família e como se desenvolveu e se desenvolve. Algumas questões aqui colocadas: a organização familiar é universal? Terá existido sempre, desde o começo da história? Quais os tipos de família que terão existido no desenvolvimento da história?

➤ O nível que se refere à família como estrutura socializadora:

Este nível se fundamenta no anterior, se articula com ele e o desenvolve. Considera a família como transmissora das normas e sistemas sociais de representação. Mediadora entre sujeito e a organização social, portanto analisa os sistemas de status e papéis na família, as relações de poder e as modalidades com as quais a estrutura familiar reflete as contradições da organização social que a determina.

Este nível busca analisar que tipo de mensagem explícita transmite a família, mas também as formas ou modalidades de relação que implicitamente se constituem como conteúdo de uma mensagem subjacente, mas não por isso menos eficaz.

Indaga que tipos de experiências realizam os sujeitos que a integram, como são interpretadas e como são organizadas e significadas nas estruturas psíquicas de seus membros.

➤ O nível que estabelece relações entre saúde mental e interação familiar:

Constitui-se como nível de análise da organização familiar, a partir do trabalho clínico quando se estabelece que a unidade de indagação do processo de enfermar-se não se restringe ao sujeito que adoece (que é porta-voz do conflito), mas que esta enfermidade é um emergente de uma estrutura mais complexa e ampla: o grupo familiar. Estabelecer relações de causalidade e dialética, isto é, de determinação recíproca entre estrutura e dinâmica do grupo familiar e a estrutura dinâmica da conduta, particularmente deste tipo peculiar a qual se denomina patológica, é um fato científico recente.

Esta perspectiva de análise nasceu de diferentes linhas de pensamento dentro da Psiquiatria, centradas na investigação do processo de enfermar-se que chegam a uma conclusão comum: a doença mental, particularmente certos tipos de psicoses, não podem ser consideradas um fenômeno isolado, individual, mas sim determinado, tanto em sua gênese quanto em sua forma, em sua estruturação, por uma dinâmica de relações familiares. Neste nível se pergunta que tipo de interação familiar determinaria a emergência da doença mental? O que acontece no grupo familiar quando está por se configurar uma situação patológica? A indagação revela que se dá um tipo de interação na qual a satisfação de necessidades, que se deve cumprir no vínculo, é frustrante. A frustração é crônica, o que determina que as ansiedades nesse campo grupal tendam a se intensificar de forma crescente. Frente ao aumento das ansiedades utiliza-se mais rigidamente o mecanismo da deposição (uma técnica do ego, que perde seu caráter instrumental) e um membro é “escolhido” para ser o depositário destas ansiedades do grupo. Pichon-Rivière coloca que este membro, a princípio, desempenha o papel do bode expiatório, por assumir as ansiedades e os aspectos negativos do grupo; mas no momento em que ele adoece, ele deixa de ser o bode expiatório e se converte no porta-voz da doença do grupo familiar. A doença é o emergente, o doente o porta voz e a família a unidade de análise desta situação de interação patológica. Os processos de interação, comunicação e aprendizagem e o interjogo de papéis (quem assume e quem deposita) na trama familiar são fundamentais para o entendimento dos vínculos e das relações de poder e representações no grupo familiar.

É importante salientar, mais uma vez, a importância destes três níveis de análise do grupo familiar e sua complementaridade para o entendimento da complexidade desta estrutura que é a família e todos os processos que a envolvem. Entretanto, o nível que enfocaremos

aqui neste estudo é o nível dois e está relacionado aquele em que o grupo familiar, tenha ele a configuração que tiver, é abordado como o veículo da transmissão das normas e valores culturais, bem como das significações que a família constrói a partir da relação que estabelece com a organização social na qual se insere e com as instituições que formam parte desta organização social, como por exemplo, a Escola. Enfocaremos e indagaremos pela família enquanto estrutura que socializa e educa os indivíduos, ou seja, indagaremos de que forma a dinâmica interna familiar – inserida em um contexto social determinado – e seus vínculos interpessoais, jogo de papéis, relações de poder, formas concretas de contato e comunicação, transmitem os valores sociais vigentes e repassam concepções de mundo, de homem e de ordem social.

Este nível de análise que irá direcionar nossa abordagem do universo familiar, teórica e metodologicamente, compreendendo o desafio de articulá-lo a outras perspectivas diferentes que abordam a relação entre indivíduo, grupo (família) e processo social. Sendo assim e a título de ampliar o entendimento, é importante discorrer sobre o que estamos considerando neste nível de análise como sendo “processo de socialização no grupo familiar”.

É na família, neste contexto vincular primário, socialmente determinado, que se realizam as primeiras e mais vitais aprendizagens. Desde o nascimento, no interior do contexto familiar e, posteriormente, no contexto escolar, vamos experimentando e aprendendo com o mundo das pessoas, das relações e dos objetos. Segundo Quiroga (1994), em cada experiência há uma aprendizagem explícita que se objetiva e condensa em um conteúdo ou em uma habilidade, como por exemplo: aprender a ler ou a andar de bicicleta, mas nesta experiência também se inscreve no indivíduo uma modalidade de “ser-no-mundo” de interpretar o real. Esta é uma aprendizagem implícita, profunda e estruturante. Em todo processo de aprendizagem, portanto, aprende-se a aprender, isto é, configuram-se estilos, modelos internos de aprendizagem e formas de pensar, sentir e fazer, como também de interpretar a realidade.

Definimos como matriz ou modelo interno de aprendizagem a modalidade com a qual cada sujeito organiza e significa o universo de sua experiência, seu universo de conhecimento. Esta matriz ou modelo é uma estrutura complexa e contraditória com uma infraestrutura biológica. Está socialmente determinada e inclui não só aspectos conceituais, mas também emocionais e afetivos e esquemas de ação.

Este modelo construído em nossa trajetória de aprendizagens, sintetiza em cada aqui e agora nossas potencialidades e nossos obstáculos. Estas matrizes não constituem uma estrutura fechada, mas uma *gestalt-gestaltung*, uma estrutura em movimento, susceptível de modificação, com exceção dos mais extremos graus de patologia. (QUIROGA, 1994, p. 49)

Esta definição das matrizes de aprendizagem ou modelos internos esclarece e ao mesmo tempo revela quão complexo é o processo de construção e constituição do indivíduo inserido na trama vincular familiar. Revela ainda que falar de socialização, portanto, não é o mesmo que falar de educação na família, tendo em vista que o processo de socialização, embora envolva o processo de educação no sentido pedagógico do ensino-aprendizagem (discursos, práticas e estratégias educativas cotidianas), não se esgota neste processo e em suas práticas, mas as transcende e vai além destas, direcionando-se a construção do mundo interno do indivíduo, sua subjetividade, suas matrizes e modelos internos. Não obstante, muitas vezes o que se diz e se “ensina” não é o que se aprende, mas é aquilo que passa pelo não dito e pelo que se sente e faz ou o como se faz que está diretamente implicado no processo de socialização/internalização do sujeito e de sua conduta.

Compreendendo esta importante diferenciação e sabendo que chegar e identificar as matrizes ou modelos internos constituídos no âmbito familiar implicaria uma pesquisa mais aprofundada em relação ao processo de socialização e, pois, de aprendizagem e conhecimento do indivíduo neste âmbito, buscaremos refletir sobre as diversas práticas e estratégias educativas, como também sobre as formas de aprendizagem oportunizadas e/ou possibilitadas no cenário familiar, discutindo sobre as matrizes de aprendizagem ou modelos internos que tendem a ser construídas no mesmo.

Para Pichon-Rivière (1994), o grupo familiar e o grupo operativo são susceptíveis de uma mesma definição: conjunto de pessoas reunidas por constantes de tempo e espaço, articuladas por sua mútua representação interna, que se propõem implícita e explicitamente uma tarefa que constitui sua finalidade. Nesse sentido, a família tem a tarefa de socializar o indivíduo buscando seu desenvolvimento biopsicossocial e sua adaptação ativa à realidade. Pode-se ainda verificar, no grupo familiar, como no grupo operativo, como se dão os vetores de pertença, cooperação, pertinência, comunicação, aprendizagem e telé, como também os papéis. Mas antes de adentrarmos nestes assuntos, é importante definir os tipos de grupo

reconhecidos por Pichon-Rivière para entender melhor o grupo desenvolvido por ele: o grupo operativo.

Para Zimmerman (1997), a classificação geral dos grupos, fundamentada nos critérios de suas finalidades, divide-se em dois grandes ramos: operativos e psicoterápicos. O Grupo operativo foi introduzido e sistematizado por Pichon-Rivière e cobre os seguintes campos: ensino-aprendizagem, institucionais, comunitários e terapêuticos. Já os psicoterápicos são divididos em: psicodramático, sistêmico, cognitivo-comportamental e psicanalítico.

Partindo deste entendimento mais amplo sobre os grupos, colocamos a definição clássica de Grupo Operativo para poder tecer a relação entre esta definição e outros conceitos que serão utilizados nesta perspectiva para abordagem e análise do grupo familiar. Segundo Pichon-Rivière:

O Grupo Operativo é um conjunto restrito de pessoas que estão ligadas entre si por constantes de tempo e espaço, articuladas por sua mútua representação interna, que se propõem de forma explícita e implícita uma tarefa – sua finalidade – e que interagem com complexos mecanismos de depositação e assunção de papéis. (PICHON-RIVIÈRE, 1994, p. 116)

Nesta definição estão expostos os princípios organizadores da estrutura grupal, sendo estes: a) Necessidade, objetivo, tarefa; b) Mútua representação interna e c) Papéis.

Em relação ao primeiro princípio, tem-se que o grupo se configura a partir de uma necessidade que é o motor que o impulsiona ao alcance de seu (s) objetivo(s). Há então uma ação conjunta de vários integrantes como participantes da grupalidade, impulsionada pela (s) necessidade (s) e mobilizada por seu (s) objetivo (s). Eis a tarefa.

A tarefa é o princípio de construção, desenvolvimento e configuração da estrutura grupal. O grupo está centrado nesta tarefa que se divide em tarefa explícita (motivo da própria junção do grupo) e implícita (visualizar e superar as ansiedades e dificuldades que estão presentes em todo processo de conhecimento e aprendizagem e que levam a resistência à mudança).

Todo grupo passa por momentos de pré-tarefa, tarefa e projeto. A pré-tarefa é o momento em que o grupo tem dificuldades para abordar o objeto de conhecimento proposto e fica na situação de confusão e ansiedade (resistência). Ao superar essas ansiedades, o grupo entra em contato com sua tarefa, centrando-se na ação, dirigindo-se ao projeto, onde se verificam as mudanças e transformações pessoais e nas relações entre os integrantes.

A Mútua representação interna é um fenômeno que acontece nos grupos onde, a partir do processo de comunicação (verbal e não verbal), os integrantes vão se percebendo, se reconhecendo e, ao permanecerem nesta trama relacional, a presença do outro é incluída, instituindo-se assim o vínculo quando cada sujeito se insere no mundo interno do outro (processo de internalização recíproca ou reconstrução interna de uma operação externa). Sendo assim, o conceito de Mútua Representação Interna tem estreita relação com o conceito de *vínculo* na Psicologia Social e, devido ao fato deste último conceito ser considerado como uma noção fundamental nesta perspectiva, sendo estudado a partir da teoria do vínculo; como também por se tratar de uma noção importante no entendimento de nossa problemática, do indivíduo e sua relação com o grupo familiar, discutiremos mais sobre ele em um capítulo específico à parte.

O conceito de Papel, incorporado à Psicologia Social e desenvolvido por G. H. MEAD (1863-1931), grande precursor desta disciplina, é fundamental para o entendimento dos processos que se desenvolvem na dinâmica de qualquer campo grupal. Para Pichon-Rivière (1994), papel é um instrumento de interação sendo, portanto, um modelo organizado de conduta, relativo à certa posição do indivíduo em uma rede de interação, ligado a expectativas próprias e de outros.

Nós, sujeitos de conhecimento, interagimos em nossa vida através dos diversos papéis que assumimos e depositamos de acordo com as expectativas que temos de nós mesmos e dos outros. Os papéis são, portanto, condutas que estão relacionadas à nossa personalidade, mas que também tem a ver com o que acontece nos vínculos que estabelecemos com os outros e com o contexto mais amplo da sociedade na qual vivemos. Não obstante, a noção de papel está ligada a outras noções importantes para a sua compreensão sendo algumas destas as seguintes:

- Complementaridade ou reciprocidade – não há papel isolado; papel implica um contra-papel (professor/aluno; médico/paciente; pai/filho);
- Modelo – daquele que assume uma determinada posição se espera algo. Ex: modelo de mãe; de vendedor, etc.;
- Posição ou Status – aqui se fala daquele que ocupa um determinado lugar/posição. Muitas vezes o status pode ser confundir com a questão da hierarquia do papel, já que alguns papéis são mais valorizados socialmente que outros, mas aqui a noção de status é igual à de posição;
- Consenso – aceitação mútua entre as partes que estão envolvidas. Ex: Professor e aluno; ambos já sabem como proceder em relação a seus respectivos papéis, isso não precisa ser falado ou explicado; há uma legalização de um modelo;
- Expectativa - maneiras através das quais se conjugam os direitos e os deveres recíprocos das pessoas.

Segundo o Psicólogo Social Carlos Fumagalli (1999), esse conceito pode ser analisado em três níveis: nível sociológico, social; nível psicológico (não esquecendo que não há psicologia do indivíduo isolado) e o nível interpessoal (o da interação/vínculo). Na prática as condutas se dão no nível interpessoal. Por isso a Psicologia Social privilegia o campo grupal para a compreensão dos processos interacionais e vinculares, para entender o interjogo que se dá entre mundo interno e mundo externo do sujeito. O papel então cruza e interconecta os âmbitos de análise da P. Social: psico-social/individual; socio-dinâmico/grupal; institucional e comunitário.

Falamos da noção de papel de modo mais amplo para explicá-la no grupo operativo, afinal os papéis com os quais interagimos na vida cotidiana estão relacionados aos papéis que assumimos e depositamos em todos os grupos dos quais fizemos e fazemos parte incluindo, é claro, o grupo familiar. Nesse sentido podemos considerar a definição que Pichon-Rivière propõe para o grupo operativo como válida para os papéis que podemos visualizar no grupo familiar, compreendendo, é claro, que estes papéis só podem ser considerados e analisados em uma situação específica de tarefa (ação mobilizada por algum objetivo que deve ser alcançado).

No Grupo Operativo, Pichon-Rivière conceitua quatro papéis:

- ✚ O Líder;
- ✚ O Bode expiatório;
- ✚ O Porta-voz;
- ✚ O Sabotador.

O líder é aquele que define e orienta a ação grupal em uma determinada situação. Num momento de confusão na comunicação, por exemplo, o líder procura orientar a fala dos integrantes para que esta se torne mais fluida e as pessoas possam se escutar, evitando os ruídos.

O bode expiatório é aquele que assume os aspectos negativos do grupo. Muitas vezes é tido como o “problemático”. Este papel funciona como depositário das ansiedades do grupo para que o mesmo mantenha o equilíbrio. A origem deste papel está na observação, estudo e abordagem dos processos entre família e paciente (doente mental) desenvolvidos por Pichon-Rivière em sua prática clínica, na qual ele pôde constatar que na trama familiar o bode expiatório é o indivíduo que adocece. Durante muito tempo este indivíduo sofreu todo tipo de deposição por parte dos membros do grupo e num dado momento o montante de ansiedade é tamanho que ele não suporta e acaba por adoecer; é nesse momento que ele se converte então no porta-voz, denunciando a doença que, embora se materialize nele, está diretamente relacionada a toda trama vincular do grupo. Logo, a origem do conceito de porta-voz também se encontra na teoria da enfermidade em Pichon-Rivière. Mas podemos observar este papel em qualquer tipo de grupo, enquanto o indivíduo que denuncia uma situação grupal que tem a ver com sua verticalidade, mas que termina por coincidir com a horizontalidade grupal. E aqui estão os conceitos de verticalidade, que se traduz pelo próprio sujeito e seu mundo interno, suas matrizes e modelos, e a horizontalidade que significa a totalidade grupal e sua história, incluindo a dinâmica interacional deste grupo. O papel do porta-voz cruza verticalidade com horizontalidade.

O papel de sabotador ou líder da resistência à mudança está relacionado àquele integrante que é o depositário das forças que se opõem à tarefa no interior do grupo, o que leva ao mecanismo de segregação. Tal mecanismo é o inimigo numero um da construção da comunicação grupal. Pichon-Rivière dizia que o sabotador no futebol é aquele jogador que faz

o gol contra. Estes papéis são rotativos e complementares no campo grupal e estão em função da tarefa. Ou seja, não existem papéis bons ou ruins, mas sim papéis funcionais as situações diferentes vivenciadas pelo grupo e seus integrantes.

Como colocamos mais acima, a tarefa básica da família é a socialização do indivíduo, provendo-o com um ‘embasamento adequado’ para adquirir o que Pichon-Rivière chamou de *adaptação ativa à realidade*, processo no qual este indivíduo pode adequar-se ao meio vincular e social de uma forma dialética, ou seja, transformando este meio e transformando a si mesmo.

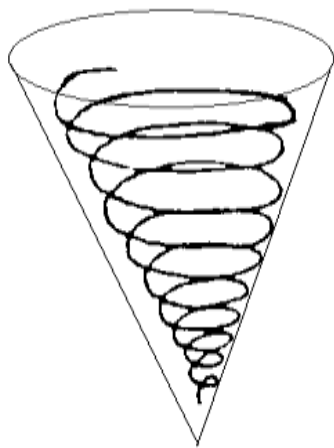
Como unidade básica de interação, a família aparece como um instrumento socializador, em cujo âmbito o sujeito adquire sua identidade, sua posição individual dentro da rede interacional. A funcionalidade e a mobilidade de tal posição assinalarão o grau e a natureza de adaptação neste contexto grupal, do qual cada sujeito é porta-voz. (PICHON-RIVIÉRE, 1994, p. 156)

Como estrutura e unidade primária de interação, Pichon-Rivière assinala o caráter instrumental e operativo do grupo familiar que se estabelece então sobre a base do interjogo de papéis diferenciados. Segundo ele, há uma interdependência dos papéis correspondentes à situação triangular básica – pai, mãe e filho – emergentes das relações e das diferenças funcionais e biológicas.

Esta situação triangular básica e universal, com suas possíveis variáveis culturais, determina o modelo que as inter-relações familiares irão seguir. (PICHON-RIVIÉRE, 1994, p. 156)

No grupo familiar, a inter-relação que se expressa na deposição e assunção dos papéis citados acima – Líder, Sabotador, Bode-expiatório e Porta-voz – está relacionada com a origem da rede vincular que se estabeleceu na situação triangular (papéis de pai, mãe e filho) e na forma de discriminação destes papéis. Por esta razão podemos nos aproximar do grupo familiar considerando-o como uma unidade de análise dos processos interacionais, objetivando identificar as formas de socialização/educação a partir da verificação das *modalidades de interação*, do estabelecimento da comunicação e dos vínculos, como também do processo de distribuição dos papéis, levando em conta o contexto social contemporâneo e as intensas mudanças que reverberam significativamente na organização familiar.

Quando falamos sobre *Modalidades de Interação Grupal*, falamos de categorias fundamentais para a compreensão dos processos grupais. São também chamadas de *Vetores do Cone* já que Pichon-Rivière atribuiu a forma de um cone invertido para definir o processo de tarefa do campo grupal que vai do explícito (dimensões explícitas, manifestas) ao implícito (os aspectos latentes, inconscientes) e vice-versa, num processo contínuo de movimento expressado pela espiral dialética do conhecimento.



EXPLÍCITO

Espiral Dialética do conhecimento

IMPLÍCITO

Tais modalidades ou vetores são:

- *Filiação* – Está relacionada ao grau de ligação; seria um primeiro grau de ligação que se dá a partir da interação. Para entendê-la melhor, Pichon-Rivière faz uma analogia com o futebol diferenciando a filiação da pertença quando afirma que ambas passam por uma questão de ‘vestir a camisa’ do time, mas que na filiação a pessoa fica na torcida e na pertença ela entra em campo para jogar e colaborar com o grupo para que todos consigam a vitória.
- *Pertença* – Significa o grau de ligação dos integrantes entre si e com a tarefa que têm. Quanto maior a pertença, o grupo pode se tornar mais confiante e integrado, o que permite um trabalho mais produtivo e uma maior cooperação.
- *Pertinência* – É o grau de ajuste a tarefa, já que existe a possibilidade de desajuste à tarefa que é a anti-tarefa (impertinência), sendo mais conhecida como pré-tarefa. Um grupo é pertinente quando se ajusta a sua tarefa e assim alcança seus objetivos, produzindo-se assim uma mudança. Caso contrário, se tem a resistência à mudança.

- *Cooperação* – Entende-se a cooperação como sendo o contrário da competitividade. Cada um faz a sua parte no momento da tarefa para que todos alcancem o objetivo final. Os papéis são vistos como complementares, estando, pois, em função da tarefa e não há papel mais importante ou melhor do que outro. Em um grupo pode haver momentos de competitividade, mas esta não deve suplantar a cooperação.
- *Comunicação* – Veículo através do qual se pode realizar a tarefa. É um vetor de grande importância já que é através dele que o coordenador pode visualizar se o grupo está ou não em tarefa.
- *Aprendizagem* – Para Pichon-Rivière este vetor, modalidade ou categoria é sinônimo de transformação, criatividade e adaptação ativa à realidade; significa apropriação instrumental da realidade para transformá-la e transformar-se a si mesmo.
- *Telé* – É um conceito tomado do psicodrama de J. L. Moreno (1889-1974). Significa a disposição para trabalhar com o outro ou não, dependendo do tipo de télé. Se a télé for positiva há a disposição de trabalhar com outros; mas se a télé for negativa essa disposição torna-se inexistente e isso dificulta o trabalho de todo o grupo e o clima se torna muitas vezes tenso e hostil.

Podemos afirmar desde já, no entanto, que muitas dificuldades na família estão relacionadas à questão dos vínculos, da comunicação e dos papéis. Em muitas situações onde os conflitos familiares são identificados, os ruídos na comunicação, as dificuldades para educar e repassar valores no mundo contemporâneo, as ansiedades, os comportamentos autodestrutivos, antissociais, hiperativos, ou até mesmo algum tipo de doença (seja ela mental ou física), encontramos em sua origem algum tipo de relação com as estruturas vinculares desenvolvidas na família; estruturas que não foram operativas, por exemplo, do ponto de vista da comunicação e da distribuição dos papéis e de sua funcionalidade.

1.1 O ECRO – ESQUEMA CONCEITUAL REFERENCIAL E OPERATIVO E A TEORIA DO VÍNCULO EM PICHON-RIVIÈRE

No presente estudo estamos abordando a questão dos vínculos familiares contemporâneos e sua relação com o processo de socialização dos filhos gerados neste contexto. Mais adiante falaremos mais desta relação, como também das mudanças sociais e culturais que vem modificando ou reestruturando o grupo familiar, mas aqui aprofundaremos

na questão do vínculo, por se tratar de uma categoria fundamental no nosso estudo, na medida em que não se pode desarticular processo de socialização de família e família/indivíduo de vínculo.

O Conceito de *vínculo* pode ser considerado como sendo um dos principais conceitos do ECRO porque foi e é através dele, como também dos conceitos de *grupo interno* e *grupo externo* que Pichon-Rivière pôde delimitar sua compreensão do ser humano e, portanto, sustentar uma determinada posição frente ao objeto de estudo da Psicologia Social em questão: a relação dialética entre os processos subjetivos (grupo interno) com o mundo vincular e social (grupo externo) e seus efeitos. É a partir daí que Pichon-Rivière se distância da Psicanálise e da psiquiatria tradicionais e de todas as abordagens rígidas e dogmáticas na busca pelo entendimento do indivíduo e sua relação com o mundo. Como coloca Taragano:

Com a Teoria do vínculo consegue dar o salto qualitativo de uma teoria psicanalítica predominantemente intrapsíquica para uma psiquiatria social, que considera o indivíduo como uma resultante dinâmico- mecanicista, não da ação dos instintos e dos objetos interiorizados, mas sim do interjogo estabelecido entre o sujeito e os objetos internos e externos, em uma predominante interação dialética, a qual se expressa através de certas condutas (...). (TARAGANO, 1986, p. 12)

Citamos acima que o ponto de partida de Pichon-Rivière na sua busca para desvendar a origem e desenvolvimento dos processos subjetivos e suas diversas relações vinculares e sociais, se construiu com a Psicanálise freudiana e a Psiquiatria. Mas após uma longa trajetória de experiências, investigações e estudos, Pichon-Rivière retoma a Psicanálise e reorganiza alguns de seus conceitos com base em sua compreensão do psiquismo como uma estrutura aberta em constante relação com o meio externo. A relação, ou seja, o vínculo e suas variáveis constituiriam assim a base para o entendimento desta problemática.

Enquanto psicanalista e, portanto, leitor e estudioso da obra de Freud, tendo sido inclusive, durante um tempo, presidente da Associação Psicanalítica da Argentina, Pichon-Rivière jamais negou a riqueza das descobertas da Psicanálise clássica para as ciências humanas e sociais, muito embora em um determinado momento de sua trajetória, começasse a

acreditar que este esquema evidenciava limitações em sua forma de compreensão e intervenção na realidade individual.

De acordo com Pichon-Rivière, Freud traz em suas colocações, sobretudo em seu trabalho: *Psicologia das Massas e Análise do Ego*, as relações do indivíduo com seu grupo familiar e com seu meio externo mais amplo, e conceitua para tanto duas importantes noções: as noções de mundo interno e mundo externo. Antes de desenvolver a Teoria do vínculo, Pichon-Rivière reformula tais conceitos de mundo externo e mundo interno de Freud. Na perspectiva Pichoniana, o mundo interno é chamado de grupo interno e se define como sendo um cenário povoado por pessoas, personagens, vínculos, relações e objetos diversos.

Esse mundo interno configura-se como um cenário no qual é possível reconhecer o fato dinâmico da internalização de objetos e relações. Nesse cenário interior tenta-se reconstruir a realidade exterior, porém os objetos e os vínculos aparecem como modalidades diferentes pela passagem fantasiada a partir do “fora” para o âmbito intrasubjetivo “o dentro”. É um processo comparável ao da representação teatral, no qual não se trata de uma repetição sempre idêntica do texto, mas onde cada ator recria, com uma modalidade particular, a obra e o personagem. O tempo e o espaço incluem-se como dimensões na fantasia inconsciente, crônica interna da realidade. (PICHON-RIVIÈRE, 1994, p. 10)

É esse conceito de grupo interno que faz com que Pichon-Rivière reformule o conceito de ‘*relação de objeto*’ em Freud, construindo assim a Teoria do vínculo e, mais especificamente, a noção de vínculo. A diferença neste enfoque está principalmente no pensamento dialético utilizado em todo o processo de investigação de Pichon-Rivière, algo que segundo ele, Freud não faz, ainda que em algum momento mencione superficialmente em parte de seus escritos. Freud emprega a noção de ‘*relação de objeto*’ de forma linear e formal. Para ele a relação se dava de maneira unidirecional, do sujeito para o objeto, mas não havia o foco no retorno dessa relação, da relação do objeto para o sujeito e as possíveis variáveis aí evidenciadas. Podemos ilustrar o esquema Freudiano da seguinte maneira:

SUJEITO \longrightarrow OBJETO

Na Psicologia vincular e social o esquema seria o seguinte:

SUJEITO \longleftrightarrow OBJETO
 OBJETO \longleftrightarrow SUJEITO

MOVIMENTO BIDIRECIONAL

Quando Pichon-Rivière substitui a noção de ‘relação de objeto’ pela noção de ‘vínculo’, além de resignificar parte de seu ECRO e delimitar seu campo de investigação e intervenção, também pretende chamar a atenção para a complexidade que existe na estrutura vincular e relacional que se estabelece entre os sujeitos. Para ele, em um vínculo não se dá apenas a relação de um para outro, além disso, há também vínculos/ relações internas que se mantêm permanentemente em interação, ao mesmo tempo em que nos relacionamos com os outros em nosso mundo externo. O vínculo é, pois, segundo Pichon-Rivière “uma estrutura complexa que inclui um sujeito, um objeto e sua mútua inter-relação com processos de comunicação e aprendizagem”. (PICHON-RIVIÈRE, 1994, p. 10)

A partir desta definição, verificamos que a noção de vínculo está relacionada com outras noções como as noções de papel e de comunicação. Nele se institui um processo comunicacional que inclui um emissor, um receptor, a codificação e decodificação da mensagem. Sujeito e objeto comunicam-se e realimentam-se mutuamente e assim se dá a internalização da estrutura relacional que agora está inscrita no mundo/grupo interno do sujeito. Por isso nesta interação também se dá a incorporação de novas aprendizagens, novos objetos.

Pichon-Rivière acrescenta ainda que a estrutura vincular traduz uma relação *bicorporal* e *tripessoal*. Bicorporal porque de fato são dois sujeitos/corpos que estão interagindo e se comunicando, mas neste processo comunicacional há a presença de uma terceira pessoa que está relacionada aos vínculos e personagens internalizados por cada sujeito envolvido neste processo. Essa terceira pessoa também é chamada de ‘ruído’ quando Pichon-Rivière faz uma analogia deste processo com a situação de duas pessoas falando ao telefone, onde podem ser escutados alguns ruídos que lhes são estranhos à comunicação, logo surge à necessidade de alguns códigos para superar essa dificuldade na comunicação que se dá através de uma determinada linguagem. Este ‘ruído’ seria essa terceira pessoa, cuja presença não é real, mas interna, mental dos sujeitos em relação, mas que interfere nesta relação externa.

Não existem relações impessoais, uma vez que o vínculo de dois se estabelece sempre em função de outros vínculos condicionados historicamente no sujeito e que, acumulados nele, constituem o que denominamos inconsciente. O inconsciente, portanto, é constituído por uma série de pautas de conduta acumuladas em relações com

vínculos e papéis que o sujeito desempenha frente a determinados sujeitos. (PICHON-RIVIÈRE, 1986, p. 51)

Com isto podemos concluir que o vínculo é sempre um vínculo social, mesmo sendo com uma só pessoa, tendo em vista que através da relação com essa pessoa repete-se uma história de vínculos determinados em um tempo e espaços determinados. Por essa razão, como coloca Pichon-Rivière, o vínculo se relaciona posteriormente com as noções de papel, status e comunicação.

A teoria do vínculo e a compreensão da constituição do grupo interno e, portanto, do sujeito, de forma dialética, pressupõe o entendimento deste inserido em seu grupo familiar, bem como das experiências aí vivenciadas, como também do entendimento mais amplo desta estrutura grupal inserida em um determinado contexto social, sua cultura e suas formas de interpretação da realidade. Por esse motivo na Psicologia Social se fala dos vários âmbitos de análise: o psico-social (individual), sócio-dinâmico (grupal), comunitário e institucional.

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O “OBJETO” FAMÍLIA

2.1 BREVE HISTÓRICO, CONCEPÇÕES E CATEGORIAS RELACIONADAS

A origem e a história da família e todos os processos relacionados a ela, como uma esfera fundamental da vida cotidiana e, portanto, da sociedade, foram e são hoje objeto de abordagem, estudo e análise de diversas áreas do conhecimento, como a Sociologia, a Psicologia, a Psicologia Social, a Antropologia, a História, etc. Não obstante, embora cada uma destas áreas tenha seu ponto de partida específico e sua maneira específica de focar o objeto em questão, todas elas terminam convergindo para um mesmo ponto de chegada já que todas buscam desvendar ou decifrar questões imbricadas e/ou relacionadas a este objeto.

Enfocamos em nosso estudo a família contemporânea e seus processos de transformação e mudança, fazendo-se necessário trazer algumas noções que têm acompanhado este processo nos últimos anos, buscando repensar algumas das diversas problemáticas relacionadas a tais mudanças e transformações sociais. Entretanto, para chegarmos a isto, acreditamos ser relevante registrar de forma breve, elementos de sua origem e da história desta instituição.

Ao analisar as fases clássicas da evolução da cultura, Engels (1982) assinala três grandes estágios: *o estado Selvagem*, no qual predomina a apropriação dos produtos naturais prontos para a utilização; *o estado da Barbárie*, quando aparecem a agricultura e a domesticação dos animais e, conforme avançam as formas do trabalho humano, incrementa-se a produção dos recursos da natureza; e a *Civilização*, que corresponde ao período da indústria, a elaboração mais complexa dos produtos naturais e ao surgimento das artes. Para Engels, desde os tempos pré-históricos a evolução da família consiste numa redução constante do círculo em cujo interior predomina a comunidade conjugal entre os sexos, círculo que antes envolvia a tribo inteira (estado selvagem).

Na civilização, o modelo correspondente é o da monogamia, que se baseia no domínio do homem, cujo objetivo é a procriação dos filhos e a preservação da riqueza através da herança.

Em sua obra “História social da criança e da família”, Ariès (1981) ressalta, na família da Idade Média, as mudanças aí ocorridas relativas à relação da família com a criança.

Na idade média (...) as crianças se misturavam com os adultos assim que eram consideradas capazes de dispensar a ajuda das mães ou das amas (...). O movimento da vida coletiva arrastava numa mesma torrente as idades e as condições sociais, sem deixar a ninguém o tempo da solidão e da intimidade. Nestas existências densas não havia lugar para um setor privado. A família cumpria uma função – assegurava a transmissão da vida, dos bens e dos nomes – mas não penetrava muito longe na sensibilidade. (ARIÈS, 1981, p. 275)

Para Áries (1981), os traços da família moderna iniciam com a preocupação com as crianças e sua educação, bem como com um tipo de vida social mais restrita; os membros da família começam a se reunir pelo sentimento, pelos costumes e pelo gênero de vida.

A cada época histórica, um tipo de vida cotidiana e de estruturação de suas esferas: família, trabalho e tempo livre. As transformações ocorridas na família estiveram, portanto, relacionadas às transformações sociais e culturais na vida cotidiana em cada tempo ou momento histórico.

Em se tratando da sociedade brasileira, de acordo com Peixoto e Cicchelli (2000), as pesquisas sobre a história da família e seus diversos modelos, estão registradas na obra de Gilberto Freire (1933) que revela a família patriarcal brasileira e pelos estudos mais específicos sobre família e organização sociopolítica da sociedade de Oliveira Vianna (1932), Antônio Candido (1974) e Alcântara Machado (1982) às pesquisas mais recentes sobre família, tradição e moral. A partir dos anos 70, as pesquisas sobre a “família moderna” brasileira adotaram perspectivas teóricas diversas.

Na sociedade rural, predominava a família patriarcal (FREIRE, 1933), fechada em si mesma, onde o poder masculino imperava.

Senhor absoluto desse ambiente, o pai patriarcal, conjugado à família colonial, foi o organizador do empreendimento maior daquela unidade doméstica, responsabilizando-se pela empresa colonial. Sua força provinha de três elementos contraditórios, a saber, o engenho, a escravidão e o latifúndio. (HOLANDA apud PETRINI, 2010, p. 26)

A partir do processo de industrialização e ascensão da burguesia industrial, surge a família nuclear moderna, que seguramente também se desenvolveu com base em mudanças psicológicas, culturais e sociais. Por muitos anos, se mantiveram características como a hierarquia e submissão da mulher e o poder masculino pela família como um todo, inclusive sobre os filhos. O homem era o provedor e, portanto, quem sustentava a casa e a mulher era a que cuidava de todos os assuntos relacionados à vida particular da família e mais diretamente da educação dos filhos.

Por volta dos anos 60, quando se passaram a questionar posições sociais e papéis nas relações conjugais, como também a divisão social do trabalho, surge a família pós-moderna, na qual os filhos aparecem com maior poder e onde são modificados alguns papéis entre o casal, sobretudo em função da saída da mulher para o mercado de trabalho. Nesse movimento surgem também as famílias monoparentais – chefiadas em sua maioria por mulheres – e mais recentemente, saindo da clandestinidade, as famílias homoparentais, as formadas por pais divorciados e aquelas formadas por pessoas que optaram por ter e criar seus filhos sozinhas (produção independente). No século XXI emerge então outro tipo de família, a “família pluralista”, como tem sido designada devido as suas várias formas de expressão.

Estas não são apenas transformações na configuração do grupo familiar, mas mudanças significativas nos vínculos, nas relações de poder, nos valores e nos sistemas de significação da família que, por sua vez, geram mudanças psíquicas, sociais, econômicas e culturais. Podemos dizer ainda, tendo em vista todos os aspectos colocados, que muitas transformações na família estão diretamente relacionadas às mudanças no casamento, com a igualdade de direitos, o declínio do poder do marido/pai e a inclusão feminina no mercado de trabalho, sobretudo a partir da década de 60.

Para Singly (2000), no início do século XX até os anos 60, a família chamada de “moderna 1”, se caracterizava por uma lógica de grupo, regulado pelo amor, no qual os adultos estavam a serviço do grupo e principalmente das crianças; a instituição do casamento é valorizada, uma vez que ela é concebida como melhor quadro para alcançar estes objetivos. Após a década de 60, o autor fala da “família moderna 2” que não estaria em ruptura completa com a anterior (moderna 1) na medida em que a lógica do amor estaria se impondo ainda mais (os casais só ficam juntos se se amarem e os pais devem dar ainda mais atenção os seus

filhos); mas a “família moderna 2” se distingue da anterior pelo peso maior dado ao processo de individualização. O elemento central não é mais o grupo reunido, são os membros que a compõem. “A família se transforma em um espaço privado a serviço dos indivíduos” (SINGLY, 2000, p. 15). Assim, ele propõe uma noção de família contemporânea que consideramos para nosso estudo muito importante quando afirma, pela razão já colocada, que a família contemporânea é ao mesmo tempo e paradoxalmente individualista e relacional. Ainda para este autor, é na tensão entre estes dois polos que se constroem e se desfazem os laços familiares contemporâneos.

Juntamente com Singly, Peixoto e Cicchelli (2000) apontam que as famílias continuam a contribuir para a reprodução biológica e social da sociedade, função que pode ser considerada do ponto de vista socioantropológico como universal. Ou seja, o que foi observado em seus estudos é que não houve exatamente o enfraquecimento da instituição família, mas o surgimento de novos modelos familiares, construídos a partir dos fenômenos sociais.

Nas sociedades individualistas, “a família” (qualquer que seja a forma ou a estrutura) toma para si a função de (tentar) consolidar em permanência o “eu” dos adultos e das crianças. Inversamente ao que o termo individualismo pode levar a crer, o indivíduo precisa assim, para tornar-se ele mesmo, do olhar das pessoas a que ele atribui importância e sentido. Esses outros significativos são, frequentemente, o cônjuge ou o parceiro para um homem ou uma mulher, os pais para os filhos (e reciprocamente), ainda que outros próximos possam preencher tal função. (SINGLY, 2000, p. 14)

Por outro lado, Donati (2008) traz outra problemática que está relacionada a pluralização das formas familiares no mundo contemporâneo.

(...) a identidade da família se perde em dinâmicas que afundam na zona latente do social, lá onde todo tipo de relação íntima – só pelo fato de ser íntima e ter certa continuidade no tempo – pede para ser reconhecida como familiar (...). Parece que todas as formas de viver junto constituem família. (DONATI, 2008, p. 65)

Para o autor, é preciso repensar sobre o sentido de “ter uma família” e do “constituir uma família”, entendendo que a mesma não se traduz meramente como sendo uma relação biológica ou psicológica, mas é, antes de tudo, “uma relação social” (DONATI, 2008). As

mudanças sociais que ocasionaram e ocasionam transformações familiares, não se constituem por si só como um problema; o aumento dos divórcios, a diminuição de casamentos, os nascimentos de filhos fora do casamento e outras manifestações não eliminam a instituição familiar em sua essência. A família passa a ser um problema quando desaparece o sentido de sua relacionalidade constitutiva.

Isto está relacionado aos movimentos impostos pela sociedade contemporânea que arrastam os grupos, e a família contida nestes, à lógica mercadológica e utilitarista atual na qual tudo se transforma em mercadoria, com um valor que pode ser comprado e vendido e isso inclui as relações e os vínculos. Nesse sentido, indo contrariamente a essa lógica, está a família compreendida como um âmbito no qual o indivíduo pode satisfazer necessidades que não são e não poderão ser satisfeitas pelo mercado e pelos bens e serviços aí produzidos, mas que só são satisfeitas no âmbito familiar. Estes são os “bens relacionais” (DONATI, 2008) que dependem dos vínculos estabelecidos entre os membros de um grupo familiar e da natureza de suas relações, sendo estes: a paternidade, a maternidade, a filiação, a fraternidade.

Ousamos aqui afirmar que, ainda que na perspectiva acima exposta esteja se falando também de “relação”, quando nela se fala de “relacionalidade” ou de “vínculo”, o sentido deste se assemelha ao significado que lhe é atribuído na Psicologia Social, como sendo uma “estrutura complexa que inclui um sujeito e um objeto e sua mútua inter-relação com complexos mecanismos de comunicação e aprendizagem” (PICHON-RIVIÉRE, 1994, P.10). Há uma convergência de idéias e uma identificação destas duas abordagens quando se está falando do sentido de “vínculo” no contexto familiar e sobre os bens relacionais aí produzidos.

Poderíamos acrescentar ainda, outra importante contribuição que pode vir a somar na direção de uma compreensão mais ampla dos processos vinculares e sociais na família. Tratam-se das categorias colocadas por Bernard Fourez (2000) em seu texto: *Fratria: perspectivas históricas e sociais*, que parte de uma abordagem sistêmica da família, no qual o autor discorre sobre os conceitos de horizontalidade e verticalidade (também trabalhados pela Psicologia Social), como também sobre a distinção entre relação e vínculo e ainda sobre as noções de vínculo social e vínculo social pós-moderno.

Para este autor, o entendimento dos conceitos de verticalidade e horizontalidade está ligado a determinadas representações sociais e históricas, como também as fases da história e seus respectivos modos de produção econômica e cultural. A verticalidade representa ou simboliza o mundo do invisível e do abstrato, que transcende o horizontal. Nela se inscrevem o divino, o pensamento, o ideal, o simbólico, o societal, o institucional. Seu tempo é o tempo longo, da permanência (o divino é eterno). A dimensão horizontal simboliza o mundo das aparências, do concreto, terra-à-terra, nível humano, as relações inter-humanas e pessoais. Seu tempo é curto, do instante, do efêmero, do mortal, como o ser humano.

Em relação as fases históricas pode-se resumir da seguinte maneira:

- Idade Média – Predomínio da verticalidade; o homem subordinado ao divino; forte hierarquia social.
- Idade Moderna – Ruptura com a ordem até então única do sagrado que regia o mundo; necessidade de articular o vertical ao horizontal; o ser humano é ator, sujeito do mundo, articulado com o vertical; manutenção da vinculação dos dois níveis.
- Pós-modernidade – Queda da verticalidade e plenos poderes a dimensão horizontal.

Fourez (2000) expõe ainda que a relação é um fenômeno plano, ligado a coexistência interativa de dois ou vários elementos. Ela se inscreve na dimensão da horizontalidade. O vínculo, entretanto, para ele, que é o mesmo que falar de vínculo social, tem a capacidade de representar, instituir e transcender uma relação e situa-se na dimensão da verticalidade. Nesse sentido este autor questiona se o vínculo social pós-moderno é verdadeiramente um vínculo social e utiliza o vínculo conjugal para tentar responder a questão, pontuando o seguinte: antes, o vínculo do casamento podia, com mais frequência que hoje, pré-existir à relação; podia assim governar e conter a relação. Mas hoje esse tipo de visão e interação está como ele mesmo diz “fora de moda” e é a própria relação que será posta à prova por tentar produzir o acontecimento que exprimirá o vínculo: “Ou vai ou racha”. E continua:

Se quiser perdurar sem ‘pifar’, o vínculo social de intersubjetividade carece de uma qualidade de relação irrepreensível ou ilimitada. Ele corre o risco de reduzir a relação a um único fenômeno de relação afetiva. Ora, o casal não é apenas um processo afetivo, é também um processo social. (FOUREZ, 2000, p. 11)

Entendemos que este olhar que relaciona o vínculo social na pós-modernidade e a problemática da cultura individualista e do relativismo, contribui bastante para o esclarecimento das transformações na rede vincular familiar e nos processos comunicacionais e interacionais que acontecem na família.

Ainda de acordo com o autor supracitado e estabelecendo um breve paralelo, o vínculo social moderno pôde se articular, através de sua ligação com a dimensão vertical, em nome de uma ideologia, de uma religião, de uma ciência, etc., e isso possibilitava uma ligação e uma organização dos homens em torno de algum ideal ou real, algum projeto. O vínculo social pós-moderno se baseia na coexistência de singularidades. Cada um por si só e a todo momento deve negociar as condições e possibilidades dessa coexistência. Nesse sentido a relação será então colocada à prova a todo instante e a percepção de estar vinculado só poderá ser sentida em situação de relação imediata e isso poderá gerar sérias dificuldades para a internalização dos vínculos inter-humanos, como também para sua representação.

A ideia de Fourez (2000) de refletir sobre o vínculo social pós-moderno através do vínculo conjugal nos remete a duas importantes categorias intrinsecamente relacionadas ao grupo familiar: a conjugalidade e a parentalidade e estas, por sua vez, nos remetem a questão dos “bens relacionais” (DONATI, 2008) aí produzidos, através das reciprocidades vinculares como a paternidade, a maternidade e a fraternidade.

A família é o local onde se vivencia a relação a dois, do casal – conjugalidade – e onde se exerce a parentalidade ou a função parental, contudo, não podemos dizer que a família se resume a soma destes dois vínculos, mas ela extrapola essas vivências, sendo uma trama relacional vincular de maior complexidade, tendo em vista que envolve outros processos como a transmissão geracional e cultural e o diálogo permanente que se estabelece entre tradição e modernidade, conservadorismo e emancipação, modelos flexíveis e modelos rígidos, que também irá interferir na forma como vai se dando o processo de educação e de socialização. Por esta razão podemos afirmar que as categorias conjugalidade e a parentalidade em nosso estudo estão sendo contempladas no contexto da grupalidade (rede vincular) que constitui o grupo familiar que por sua vez tem um lugar na vida social.

Todas estas são noções e perspectivas que se unem para a compreensão de como a dinâmica interna familiar e, portanto, a sua estrutura vincular e interacional, vem se desenvolvendo diante deste cenário social recheado de desafios no que se refere aos processos de internalização, socialização, educação, aprendizagem e transmissão de valores.

2.2 O GRUPO FAMILIAR COMO ESFERA DA VIDA COTIDIANA: TRANSFORMAÇÕES E RESSONÂNCIAS

Tomando como referencia a tarefa tradicional da família como uma instituição que busca dar suporte aos processos subjetivos através de sua rede vincular, socializando, educando e transmitindo valores, objetivamos discorrer agora sobre a lógica capitalista pós-moderna e a cultura do individualismo, imediatismo e consumismo (LIPOVETSKY, 2007), bem como sobre a questão da liquidez nos vínculos e relações cotidianas (BAUMAN, 2004), por acreditarmos que possuem grande ressonância nos indivíduos, nos vínculos e no grupo familiar.

As transformações econômicas e mercadológicas ocasionadas pelas reformas do capitalismo desde o final do século XX têm gerado significativas mudanças que repercutem na vida cotidiana e em suas principais esferas de expressão que, segundo a Psicologia Social são: *a família, o trabalho e o tempo livre*.

Entendendo que a Psicologia Social aborda a vida cotidiana através de um enfoque específico, como também as esferas que dela fazem parte, antes de discutirmos a problemática situada acima e sua relação com o grupo familiar, falaremos do conceito de vida cotidiana para o ECRO.

A Psicologia Social conceitua Vida Cotidiana como “a manifestação imediata, em um tempo, espaço e ritmo, das complexas relações sociais que regulam a vida dos homens numa época histórica determinada” (QUIROGA, 1996, p. 10-11). A cada época histórica e a cada organização social corresponde um tipo de vida cotidiana, já que se dão distintos tipos de relações dos homens com a natureza e com outros homens.

Esta cotidianidade e as relações que nela se apresentam estão intimamente vinculadas às necessidades que os sujeitos têm e que desejam e buscam satisfazer. Para tanto, desenvolvem várias relações e ações na família, no trabalho e em seu tempo livre. Por outro lado, tais relações e as interações aí engendradas, associadas à cultura predominante na sociedade, constituirão o sujeito em seu modo de pensar, sentir, agir e representar a realidade. Para Pichon (1994), “o sujeito é um ser de necessidades que só se satisfazem em relações que o determinam”. (PICHON-RIVIÈRE, 1994, p. 174)

Desse modo as necessidades dos indivíduos são satisfeitas vincular e socialmente nestas relações que ocorrem nas esferas da vida cotidiana: família, trabalho e tempo livre. E aqui falaremos mais da esfera familiar e cotidianidade enfocando as diversas transformações que vem ocorrendo neste contexto e, portanto, dos próprios vínculos entre os seus membros e discutiremos sobre alguns aspectos e fenômenos sociais e culturais que estão postos na nova ordem capitalista. Não abordaremos de maneira mais profunda questões relacionadas às outras esferas da cotidianidade – o trabalho e o tempo livre – mas ressaltaremos alguns aspectos destas que consideramos importantes para o entendimento de nossa problemática já que têm uma relação estreita com a estrutura familiar e suas demandas no contexto social atual, como por exemplo, a relação entre o casal, sua vida profissional e o tempo destinado à socialização e educação dos filhos.

A organização familiar, como instituição, está situada em um tempo histórico determinado e, nesse contexto de transformações, não poderia deixar de sofrer as consequências diversas destas grandes mudanças. Tais consequências podem ser vistas inicialmente na configuração das famílias, nos vínculos entre seus membros e suas novas formas de significado e na relação desta família com a sociedade na qual está inserida.

Trata-se de mudanças profundas e permanentes, que dizem respeito à atividade produtiva e à organização do trabalho, aos processos educativos e de comunicação, até a socialização das novas gerações, ao universo de valores e critérios que orientam a conduta no cotidiano. Essas mudanças, concentradas e aceleradas, repercutem significativamente na vida familiar, desde a concepção de masculinidade e feminilidade e a forma de compreender a sexualidade e a relação entre os sexos, até a maternidade e a paternidade, a relação

entre as gerações, principalmente no tocante à atividade educativa e de socialização. (PETRINI, 2005, p. 29)

Desde o processo de industrialização e mais especificamente a partir da década de 90, com o avanço da globalização e todos os processos tecnológicos aí incrementados, a relação com o trabalho na cotidianidade mudou significativamente. Mas essa mudança não se deu apenas a partir de tais avanços tecnológicos, mas fundamentalmente, a partir das novas formas de trabalho e produção e do consumo crescente e insaciável da sociedade capitalista pós-moderna.

Abordamos a esfera “trabalho” tendo como embasamento a Psicologia Social, para a qual esta esfera significa uma ação socialmente planejada e uma das formas de relação sujeito-mundo; relação através da qual ele opera em seu contexto, modificando-o segundo suas necessidades (QUIROGA, 1996, p. 24). Entretanto, através da esfera do trabalho o sujeito pode satisfazer várias necessidades, não só aquelas de natureza material, como as mercadorias e os bens de consumo, mas outras necessidades que a priori não são detectadas de forma objetiva, como a possibilidade de se reconhecer como um sujeito produtor e assim, fortalecer-se em sua autoestima e identidade.

Na organização sócio-material do trabalho na vida cotidiana pós-moderna, o trabalho pode ser compreendido e vivido como um processo que gera autoestima, satisfação pessoal e reconhecimento ou, pelo contrário, que gera frustração e insatisfação? Até que ponto o trabalho pode ser vivido e compreendido como uma esfera que gera realização, autoestima e fortalecimento da identidade? Não seria o trabalho um mero meio ou caminho para ter acesso aos bens materiais e aos serviços prestados pelas instituições sociais e ao consumo? Como vem sendo vivenciada tanto pelo homem quanto pela mulher a relação com o trabalho na sociedade pós-moderna? E como isso se reflete no grupo familiar?

Em se tratando da mulher, sabemos de sua crescente inserção no mercado de trabalho, mas será que essa sua inserção profissional se dá da mesma maneira e na mesma proporção que a inserção masculina? E como a família vem se reorganizando frente aos novos papéis assumidos socialmente pela mulher que também assume os papéis de mãe e de esposa? Poderíamos nos questionar ainda até que ponto numa sociedade na qual é cada vez mais

intensa a relação com o trabalho e o apelo ao consumo, estaria sendo assumida e exercida a função parental na família, tendo em vista que tal função requer dentre outros fatores, por exemplo, tempo de permanência, sobretudo no caso dos filhos pequenos. Será que esta função não estaria sendo “terceirizada”, pelo menos em parte, já que vemos a crescente procura dos pais por instituições (escolas e creches) que possam receber seus filhos desde cedo, bem como a procura por babás e funcionárias? Nesse caso, a relação familiar se mantém, mas as funções de cuidar, sustentar, proteger e, por vezes, até de socializar, estariam sendo repassadas a outras pessoas.

Outra questão é que ainda que em nossa sociedade muitas pessoas, talvez a maioria delas, que ainda estão inseridas no mercado de trabalho, ao final de sua produtividade não têm garantida a satisfação de suas necessidades básicas e nem muito menos o reconhecimento de si mesma como uma pessoa produtiva e que contribui para o crescimento econômico e social.

Outro fator que está sendo observado atualmente em relação à economia e que tem relação com a falta de satisfação das necessidades materiais básicas no trabalho e com a escassez cada vez maior de emprego formal, é o crescimento do trabalho informal que, por sua vez, está associado à ausência de políticas públicas voltadas para a criação de empregos. Por outro lado, a relação do indivíduo com o trabalho/emprego se torna instável ou ainda se rompe, ocasionando efeitos não só para este indivíduo, mas para toda sua família como também para a rede social na qual o mesmo está inserido.

Esta é uma questão que, somada a outros fatores sociais e culturais, além de afetar diretamente a família contemporânea, desencadeia outras problemáticas como crise e insegurança, exclusão social e pobreza. Estas problemáticas quase sempre vêm acompanhadas de outros sintomas como a vulnerabilidade e a perda de referenciais de solidariedade e coletividade.

Quando em uma organização social se incrementam as condições objetivas para a carência; quando desde a ameaça de exclusão e o incentivo à rivalidade se deteriora o tecido social, e o sujeito é desvalorizado ou negado em sua condição essencial de produtor, tende a dar-se um impacto no subjetivo que se expressa numa coisificação de si e do outro, crescendo a violência nas relações interpessoais. (...) Se vulnerabiliza assim nossa capacidade para a inquietude, nossa preocupação com o outro, um dos fundamentos da condição ética e embasamento da construção de redes grupais como sustentação do ser. (QUIROGA, 1998, p. 55)

A fragilização ou vulnerabilidade dos vínculos familiares e sociais e, conseqüentemente, o enfrentamento com o qual se depara o grupo familiar para sustentar-se enquanto instituição cujo “maior” objetivo é a socialização do indivíduo e sua adaptação ativa à realidade nos leva a recordar Maria do Carmo Brant de Carvalho que, trazendo em seu texto Castels (2000), coloca:

Se o indivíduo possui trabalho e vínculos sociofamiliares, encontra-se potencialmente incluído nas redes de integração social. Se lhe falta o trabalho ou os vínculos, escorrega para zonas de vulnerabilidade. E, se perde trabalho e vínculos, pode tombar em processos de ‘desafiliação’ social. (CARVALHO, 2003, p. 271)

Desde a Psicologia Social, quando se aborda a esfera do tempo livre, este “tempo livre” não significa apenas tempo livre de trabalho, mas significa um tempo no qual o sujeito pode direcionar-se mental e corporalmente ao descanso ou a alguma atividade que lhe dê satisfação e bem estar (que pode estar ou não vinculada ao convívio familiar) e lhe permita recarregar suas energias e obter mais qualidade de vida. Entretanto, sabemos que essa perspectiva de entendimento do tempo livre na sociedade contemporânea tem estado cada vez mais comprometida ou mesmo inexistente, tendo em vista a relação que tem sido estabelecida entre espaço, tempo e ritmo, onde o tempo se esgota nele próprio – a implosão do tempo (LIPOVETSKY, 2004), e o sujeito se direciona apenas para o trabalho, a produção e o consumo. O tempo livre na contemporaneidade quase sempre está voltado para as redes sociais e a TV e, nestas, ao próprio consumo. Pode-se pensar que até mesmo o lazer ou a prática de esporte estão sob a ótica da sociedade do espetáculo e do consumo (shoppings, academias e esportes radicais). E no grupo familiar? Como esta sendo organizado e vivenciado o tempo na cotidianidade?

Na sociedade contemporânea parece que a falta da qual mais se queixam mulheres e homens, mães e pais, é a falta de tempo; tempo para viver e sentir a vida, refletir e avaliar comportamentos e atitudes no dia a dia. E naquelas famílias de menor poder aquisitivo, o tempo se direciona quase que exclusivamente à sobrevivência através do trabalho que possibilita o sustento da família.

Nos últimos anos, nos discursos de pais, mães e educadores em geral, se ouve muito falar acerca da “qualidade do tempo”, quando se trata de estar com e educar os filhos. Mas como poderíamos compreender melhor a questão da “qualidade de tempo” nesse caso? Será que estar com o (s) filho (s) ao acordar pela manhã, durante uma hora, mais ou menos, e ao chegar do trabalho à noite cansado (a) e ainda com coisas a fazer em casa, poderia garantir um tempo de qualidade para o (s) mesmo (s)?

Por outro lado, o modo de vivenciar e de representar o tempo na vida cotidiana atual, não só na família, mas em outras instituições, organizações e grupos vêm demonstrando certa inquietação com o passar deste tempo que muitas vezes é vivido como improdutivo ou superficial, gerando ansiedade e angustia, e isto, segundo Richard Sennet, estaria relacionado com o fenômeno da desorganização do tempo na ordem social em que vivemos.

A seta do tempo se partiu; não tem trajetória numa economia política continuamente replanejada, que detesta a rotina, e de curto prazo. As pessoas sentem falta de relações humanas constantes e objetivos duráveis. (SENNETT, 2012, p. 111)

De acordo com a Psicologia Social, podemos compreender de maneira mais detalhada como se organiza a vida cotidiana e suas esferas através da manifestação e representação de alguns elementos importantes como o tempo, o espaço e o ritmo, ainda que tais elementos não a definam por completo. São elementos importantes porque demarcam e delimitam o horizonte de nossa experiência diária interferindo naquilo que pensamos, sentimos e fazemos seja na família, no trabalho ou em outros âmbitos e momentos.

Mas, como pontuamos acima, as questões relativas às esferas do trabalho e do tempo livre (que está relacionado ao tempo em sua compreensão geral), estão aqui colocadas para situar a instituição familiar e sua relação com as mudanças na vida cotidiana em suas diversas demandas, como também para ressaltar que o tema em questão exige uma abordagem mais abrangente.

Repetimos aqui o pensamento de que, como importante esfera da vida cotidiana, a família vem sendo alvo de intensos e diversos processos de mudanças sociais, econômicas e tecnológicas que repercutem em seu campo de várias formas. Como coloca Cynthia Sarti:

Vivemos uma época como nenhuma outra, em que a mais naturalizada de todas as esferas sociais, a família, além de sofrer importantes abalos internos tem sido alvo de marcantes interferências externas. (SARTI, 2003, p. 21)

Em pouco espaço de tempo as pessoas testemunharam descobertas e mudanças que operaram significativamente na esfera familiar, sendo estas: a descoberta e difusão da pílula anticoncepcional; a entrada da mulher no mercado de trabalho; o início e fortalecimento do movimento feminista (que parece ter sido a “revolução” mais bem sucedida dos últimos tempos); a reprodução assistida; as mudanças nas leis que regulam os direitos da criança e do adolescente (Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA), que regulam o casamento ou a sociedade conjugal, como também aquelas que não mais discriminam filhos legítimos e ilegítimos; e ainda a prática cada vez mais utilizada do exame de DNA para a confirmação da paternidade.

A partir de todas as transformações culturais e sociais já relacionadas e as consequentes reformulações nos seus padrões vinculares e relacionais e em seus papéis, a família ainda pode ser considerada como a principal esfera da vida cotidiana se levarmos em conta que é através dela que as pessoas suprem suas primeiras e principais necessidades como as necessidades de acolhimento, afeto, cuidado, atenção, reconhecimento e continência. É através dela que as pessoas vão se constituindo enquanto pessoas e, de forma gradativa, através de sua intermediação, vão participando da vida social e fazendo parte de uma determinada cultura. Assim acontece quando a criança – de qualquer classe social – sai de sua casa para o playground, para a rua, para o parquinho, para a praça ou para a casa da vizinha ou da tia pela primeira vez, passando a interagir com outras crianças e pessoas, como também quando vai à escola para dar continuidade ao seu processo de aprendizagem e socialização. Não obstante, a família da qual falamos aqui é aquela que, independentemente da formatação que adquiriu ao longo do tempo (não se tratando, portanto, de uma família nuclear ou tradicional), continua a desenvolver sua função de sustentação dos processos subjetivos e sendo grupo de pertença de seus integrantes que, por sua vez, têm um vínculo positivo e um compromisso com esse grupo e seu desenvolvimento.

Por outro lado, nesta perspectiva nos deparamos com outro desafio em relação à família e a sua compreensão. Como postular que a família é uma esfera da vida cotidiana que dá sustentação aos processos subjetivos e, ao mesmo tempo, um grupo de pertença onde há

comprometimento entre seus membros no sentido de seu desenvolvimento como um todo, se a lógica cultural e política na qual a família está inserida atualmente é a lógica do consumo e do mercado, da efemeridade (LYPOVETSKY, 2002) e da liquidez (BAUMAN, 2004) nas relações e nos vínculos?

É que os processos contemporâneos de globalização da economia, da informação, da política, da cultura, assim como os avanços tecnológicos e a transformação produtiva, vêm produzindo uma sociedade complexa e multifacetada, uma sociedade global que, de um lado, mantém seus cidadãos fortemente interconectados e, por outro, extremamente vulnerabilizados em seus vínculos relacionais de inclusão e pertença. (CARVALHO, 2003, p. 269)

Neste contexto, a família termina perdendo o seu real significado e se deparando com o abismo que se abre entre o que ela de fato significa e representa na cotidianidade para o sujeito e para a sociedade e a cultura do individualismo instituída pelas exigências mercadológicas e de consumo na era da globalização.

(...) a família não é considerada pela sociedade por aquilo que realmente ela significa para as pessoas, que nela jogam seu destino existencial, mas é considerada como uma compensação afetiva num mundo globalmente alienado e mercantilizado. (DONATI, 2011, p. 2)

Para os membros de um grupo familiar, diante deste contexto complexo, não raras vezes surgem muitos questionamentos em relação aos papéis, funções, direitos e deveres, até por conta da impossibilidade de uma identificação com um modelo único e ideal de família. A certeza que se tem (e isso se vê em várias pesquisas atuais) é a de que esta estrutura está em permanente processo de mudança. Por outro lado, não temos a pretensão de apontar aqui o “melhor” arranjo familiar e a maneira “mais eficaz” de desenvolver suas funções de educar e socializar e, portanto, o grupo familiar “mais adequado” para que a criança se desenvolva física, psíquica e socialmente. Mas entendemos que é preciso considerar e ressaltar que a família, como “*grupo de pertença*”, sempre teve e continuará tendo uma importância fundamental para o indivíduo e para a sociedade, no sentido de que é ela quem estrutura o sujeito e a subjetividade através do processo de socialização, dando-lhe as condições básicas de sobrevivência e fazendo com que o mesmo possa se transformar em um indivíduo capaz de

viver socialmente e de contribuir para o desenvolvimento da comunidade onde vive. Como coloca Petrini:

A família responde a necessidades humanas e sociais relevantes, por isso é considerada um recurso para a pessoa e para a sociedade. Muitos estudiosos observam que a estrutura familiar permanece, sob uma multiplicidade de formas, nas diversas culturas, em todos os períodos históricos, como forma de relação social constitutiva da espécie humana. (...) Em suma, a família é um requisito do processo de humanização, que enraíza a pessoa no tempo, através das relações de parentesco, destinada a permanecer durante toda a existência. (PETRINI, 2000, p. 77)

Em relação ao exposto, mesmo com todas as transformações sociais, culturais e com a quebra de muitos paradigmas que deixaram de responder à complexidade da realidade estrutural da família, já que esta tem se apresentado em diversas configurações e formas, pode-se afirmar que o grupo familiar tem permanecido como uma instituição fundamental para o crescimento e o desenvolvimento individual. Como afirma Roudinesco (2003), pontuando que isso se mostra em todas as pesquisas sociológicas.

(...) para os pessimistas que pensam que a civilização corre o risco de ser engolida por clones, bárbaros bissexuais ou delinquentes da periferia, concebidos por pais desvairados e mães errantes, observamos que essas desordens não são novas – mesmo que se manifestem de forma inédita – e sobretudo que não impedem que a família seja atualmente reivindicada como único valor seguro ao qual ninguém quer renunciar. Ela é amada, sonhada e desejada por homens, mulheres e crianças de todas as idades, de todas as orientações sexuais e de todas as condições. (ROUDINESCO, 2003, p. 198)

Essa importância da família, como organização que cuida, protege e estrutura o indivíduo, através do afeto e da educação, e que possibilita uma transição saudável deste para “o mundo maior”, ou seja, a comunidade da qual ele faz parte, nos obriga a repensar as novas configurações familiares, sua função na transmissão dos valores e cultura e sobre o sujeito que está sendo formado neste contexto familiar e social, marcado por diversos fenômenos tecnológicos e culturais. Quais são os desafios que a família vem enfrentando hoje para educar seus filhos e para transmitir valores? A família vem conseguindo manter seus vínculos de pertença, enquanto grupo e sustentar seu papel social de formar indivíduos para viverem em sociedade?

2.3 VÍNCULOS FAMILIARES CONTEMPORÂNEOS: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS

Na sociedade em que vivemos hoje, temos menos certezas do que dúvidas, o que de certo ponto de vista seria positivo se estas dúvidas e incertezas gerassem questionamentos mais profícuos em relação à realidade e suas problemáticas, ao invés de incitarem, na maior parte das vezes, uma cultura da queixa e da superficialidade evidenciadas nas diferentes formas de pensar, sentir e agir dos indivíduos. Estas formas estão sendo cada vez mais incrementadas e fortalecidas pela cultura hipermoderna, que prima pelo efêmero, pela ausência de sentido, pela “liquidez” (BAUMAN, 2004), resultando em comportamentos e ações pouco ou nada instrumentalizados para lidar, de fato, com as problemáticas familiares, educacionais e sociais que vem emergindo na contemporaneidade.

É importante colocar que, desde a Psicologia Social, situamos aqui a ‘queixa’ como uma conduta que muitas vezes substitui o questionamento e a ação voltada para a mudança, constituindo-se em uma conduta pouco operativa e estreitamente relacionada a outro aspecto da realidade atual que é a condição de ‘mal estar’. Na queixa, encontramos sinais de impotência, desesperança e resignação quando não de submetimento (QUIROGA, 2009). Como coloca Bauman (1999), citando Cornelius Castoriadis, o problema da condição contemporânea de nossa civilização moderna é que ela parou de questionar-se. E continua ele próprio:

Não formular certas questões é extremamente perigoso, mais do que deixar de responder às questões que já figuram na agenda oficial; ao passo que responder o tipo errado de questões com frequência ajuda a desviar os olhos das questões realmente importantes. (...) Questionar as premissas supostamente inquestionáveis do nosso modo de vida é provavelmente o serviço mais urgente que devemos prestar aos nossos companheiros humanos e a nós mesmos. (BAUMAN, 1999, p. 11)

Nesse sentido, a Psicologia Social de Pichon-Rivière fala da importância da “Crítica da vida cotidiana” (QUIROGA, 1996), como forma de questionar nossa cotidianidade e as maneiras de pensar, sentir e agir aí produzidas e reproduzidas e que, por outro lado, também vão produzindo novas formas de pensar, sentir e agir diante dos novos movimentos gestados socialmente. Ou seja, fala-se, desde esta linha da Psicologia Social, da necessidade de se “problematizar o óbvio”, como forma de renunciar a atitude não reflexiva e que tende a dar

respostas prontas e a atribuir logo um único e simples significado aos fatos e fenômenos sociais.

Foi esse tipo de crítica da vida cotidiana que Bauman (1999) e Lipovetsky (2004) propuseram quando se debruçaram e aprofundaram seus estudos sobre os processos sociais nas fases do capitalismo e as formas de subjetivação aí produzidas, embora cada um tenha partido de contextos diferentes para tal análise. Ambos buscam entender como tais processos sociais, econômicos, tecnológicos, culturais, de mudanças substanciais no modo de internalizar a questão tempo-espaço e as questões do consumo, vão afetando e construindo com o passar dos anos novas subjetividades, como também como estes “novos sujeitos” vão desenvolvendo uma nova cultura e novas formas de representações sociais deles mesmos, dos outros, e dos grupos ou instituições como a família.

Este indivíduo e suas diversas e novas formas de subjetividade no mundo contemporâneo, investigado por tais cientistas sociais, é também o indivíduo ou sujeito investigado pela Psicologia Social, que o entende como um sujeito “produtor e produzido” socialmente; como um sujeito de necessidades que só se satisfazem em relações que o determinam; um sujeito que emerge de uma trama de vínculos (a família) e de relações sociais. (QUIROGA, 1998). Este sujeito é essencialmente vincular e social e, portanto, sua subjetividade e sua conduta só podem ser compreendidas e analisadas em e através dos contextos nos quais ele interage. Nesse sentido, consideramos que não se pode pensar e refletir sobre sujeito e subjetividade, sem refletir e pensar o “grupo familiar”, seus vínculos e funções, entendendo que esta é uma relação de determinação recíproca.

É importante frisar que quando aqui falamos de “organização familiar” ou de “grupo familiar” não estamos falando de um único modelo ou de um modelo tradicional ou ideal de família, mas estamos atribuindo um termo para definir aquele ou aqueles grupos de pessoas que vêm se sustentando enquanto “*grupo de pertença*” e desenvolvendo suas funções de cuidado, proteção, educação e transmissão de valores a seus filhos, buscando a superação dos desafios que se apresentam cotidianamente para a realização desta tarefa. Essa compreensão parte da Psicologia Social e abaixo colocamos um conceito que pode referenciar esta perspectiva e seu olhar sobre a estrutura familiar:

A família é um complexo campo de forças no qual se interpenetram fenômenos tão distintos como os processos intrapsíquicos dos indivíduos que o integram e os aspectos mais amplos da cultura e os interesses sociais. (QUIROGA, 1997, p. 120)

Considerar a família como ‘este complexo campo de forças’ ou como uma estrutura que se expressa através de uma trama de vínculos e relações sociais é se aproximar de uma delimitação desta categoria mais realista, sobretudo se considerarmos as intensas mudanças pelas quais vem passando. Nesse sentido, esta forma de compreender a família se identifica com a abordagem relacional citada anteriormente proposta por Pierpaolo Donati (2008):

Na base da nossa abordagem está a suposição de que a identidade da família não repousa em um fato material observável (não é um lugar ou uma estrutura física, ainda que muitas vezes a observemos assim), nem uma característica subjetiva (um sentimento, uma percepção, um afeto, etc.), mas no fato de ser uma relação social. (...). A sua realidade, com efeito, consiste num entrelaçamento de elementos objetivos e subjetivos que transcendem as coisas já dadas. Pode ser realizada só pelas pessoas, mas precede e vai além das pessoas. No seu modo de ser, a família é uma solução às necessidades mais fundamentais quer da pessoa quer da sociedade. (DONATI, 2008, p. 66)

O grupo familiar faz a ponte entre o sujeito e a ordem social, seus valores e cultura, da mesma maneira em que a ordem social e seus “mandatos” chegam ao sujeito através do grupo familiar. O que podemos questionar é como essa relação tem sido mediada e de que ou quais maneiras isso vem acontecendo e, fundamentalmente, se as formas empregadas têm favorecido ou não o desenvolvimento mais pleno deste indivíduo possibilitando-lhe uma atitude mais crítica e cooperativa socialmente, como também mais instrumentalizada para lidar com situações novas e conflituosas. Neste contexto, ao falarmos de ‘desenvolvimento’ desde a Psicologia Social e de compreendermos, portanto, que o desenvolvimento humano está relacionado ao desenvolvimento social e vice-versa e de que não passa meramente por questões materiais ou econômicas, coincidimos com a tese de Amartya Sen (2010) quando este afirma que o desenvolvimento é o processo de ampliação da capacidade de os indivíduos terem opções e fazerem escolhas. Essa expansão das “capacidades” das pessoas também está atrelada ao seu poder de participação política e social através de uma atitude mais protagonista.

Esse sentido de ‘desenvolvimento’ pode ser comparado também ao sentido de ‘aprendizagem’ na Psicologia Social, considerada como “apropriação instrumental da realidade para transformar-se e transformá-la” (PICHON-RIVIÈRE APUD QUIROGA, 1997, p.10) que, por sua vez, unida as noções de criatividade e transformação podem ser vistas como práticas de prevenção da saúde psicosocial.

Diante de tais noções e objetivando partilhar de uma crítica da vida cotidiana poderíamos nos perguntar se nossa sociedade e seu complexo funcionamento político, social e econômico têm se constituído em um cenário no qual o grupo familiar, nela inserido, vem conseguindo manter seu papel de criar, educar e socializar pessoas “capacitadas” e “protagonistas” ou vem servindo meramente de “trampolim” até que chegue o momento em que o indivíduo adquira sua maioridade e siga de acordo com seus interesses individuais? Os interesses pessoais e individuais, neste contexto, terminam sendo predominantes em relação aos interesses do grupo familiar?

Por este motivo citamos aqui a expressão “*grupo de pertença*” – utilizada pela Psicologia Social, relacionada ao conceito de *pertença*, uma das modalidades de interação grupal definidas acima – para resgatar a importância do processo de vinculação no grupo familiar, principalmente quando estamos tratando de discutir sua função de cuidar, educar e transmitir uma determinada cultura ao sujeito que nasce em seu contexto, e que necessita de um ambiente seguro para se desenvolver.

Neste processo interacional não predominam os interesses individuais sobre os do grupo, o que não significa dizer que as diferenças pessoais são sejam respeitadas; mas o que se busca de modo geral é a satisfação do grupo como um todo, cada um desenvolvendo seus respectivos papéis e tarefas. Pode haver competitividade, mas esta não é maior que a cooperação entre eles, pois há um significado comum a todos do sentido do grupo e em seu *sentimento de pertença*. Os integrantes deste grupo se sentem coparticipes e, portanto, coresponsáveis pelos sucessos e insucessos do grupo. Com isso não estamos afirmando que este grupo, ao construir este sentimento de pertença, deixe de ter dificuldades e que viva em perfeita harmonia, mas pontuando que ele está mais integrado e mais fortalecido em sua relação vincular para sustentar-se em sua função primordial de educar, para “informar” e

“formar” alguém. Não obstante, há neste contexto uma vivência de internalização e reciprocidade da conjugalidade e da parentalidade aí instituídas e assumidas pelo grupo.

Esse processo no qual emerge o sentido de grupalidade através do sentimento de pertencimento do grupo familiar vem se confrontando permanentemente com o fenômeno de ‘individualização’ da sociedade contemporânea que, por sua vez, tem relação com os inúmeros efeitos da globalização e das intensas contradições impressas na vida cotidiana atual. O processo de individualização vem sendo abordado e estudado por vários pensadores seja de maneira direta ou indireta quando estes abordam a liquidez dos laços ou vínculos sociais (BAUMAN, 2004) e a busca incessante pelo prazer e satisfação pessoal em todos os sentidos (LIPOVETSKY, 2007).

Discorreremos aqui sobre o pensamento destes autores, mas antes pontuaremos a posição de um Sociólogo contemporâneo já citado em nosso texto anteriormente, que nos traz uma compreensão do processo de individualização que consideramos importante para a abordagem de nossa problemática.

De acordo com Francois de Singly (2000), estudioso dos comportamentos conjugais e parentais e, portanto, das relações interpessoais do grupo familiar, a individualização é um conceito-chave na Sociologia da família tendo em vista que a família é o lugar central para a construção da identidade individualizada, já que existe uma interdependência entre os indivíduos e as relações afetivas e pessoais são fundamentais para a construção do mundo interno deste indivíduo. Por esta razão, a família é vista menos como instituição e mais como o espaço de socialização e das relações (vínculos) afetivas, já que a identidade pessoal depende do diálogo com os próximos. Posteriormente, Singly (2000) desenvolve a ideia do paradoxo do individualismo contemporâneo que faz com que as pessoas adultas queiram momentos de vida só e momentos de vida em comum (com outros), ou seja, nasce aí a noção de um individualismo relacional.

Com a lente da Psicologia Social, consideramos que o processo de individualização colocado por Singly (2000) é um fenômeno inerente a todo ser humano, na medida em que todos nós necessitamos, sobretudo quando nascemos e somos crianças, de outras pessoas para

que possamos, através de vínculos de apoio e sustentação, construir-nos enquanto sujeitos de conhecimento e aprendizagem, tornando-nos adultos que podem gerir sua vida por si próprios.

O que problematizamos aqui, com o suporte de outros autores que objetivam esclarecer alguns fenômenos de ordem social e econômica e que afetam todas as outras esferas do cotidiano, é até que ponto esse processo de individualização, até então considerado como caminho para a socialização dos indivíduos em desenvolvimento, pode se converter em um processo de individualismo que leva a uma dispersão e/ou um rompimento com a rede de vínculos familiares e sociais, através do qual o indivíduo começa a prescindir dessas formas vinculares e interacionais de convivência e vai fechando-se em si próprio adaptando-se passivamente a realidade.

Como colocamos acima, Bauman (1999) e Lipovetsky (2004) partiram de diferentes contextos em sua “crítica da vida cotidiana” das sociedades capitalistas “pós-modernas” e, com estilos de escrita e análise próprios, ambos coincidem, em muitas passagens de suas obras, com uma idéia que seria a “marca registrada” destas sociedades: a idéia de *paradoxo*. Para Bauman (1999) isto pode ser visualizado quando ele fala dos efeitos da globalização que, segundo ele, tanto divide quanto une, embora a ideia inicial que se atribui a este fenômeno (e que muitas vezes predomina) seja unicamente a de união ou junção (de mercados, de povos, de culturas, de redes de comunicação, etc.).

Estamos em movimento mesmo que fisicamente estejamos imóveis: a imobilidade não é uma opção realista num mundo em permanente mudança. E, no entanto, os efeitos desta nova condição são radicalmente desiguais. Alguns de nós tornam-se plenamente “globais”, alguns se fixam na sua “localidade” – transe que não é nem agradável, nem suportável num mundo em que os “globais” dão o tom e fazem as regras do jogo da vida. (BAUMAN, 1999, p. 8)

Lipovetsky (2007) traz em um de seus ensaios mais recentes, a questão da “felicidade paradoxal” observada na sociedade do hiperconsumo e do hiperconsumidor (que se afirma principalmente a partir da década de 70), na qual estão postas inúmeras condições para que o indivíduo satisfaça suas “necessidades” e aspirações de todo tipo, mas que, por outro lado, se colocam frente a estas, várias dificuldades e conflitos. Segundo ele, o hiperconsumidor tem acesso ao “ter”, mas aspira “ser” e isso vai gerando muitas situações e comportamentos contraditórios.

O hiperconsumidor não está mais apenas ávido de bem-estar material, ele aparece como um solicitante exponencial de conforto psíquico, de harmonia interior e de desabrochamento subjetivo (...), assistimos a expansão do mercado da alma e de sua transformação, do equilíbrio e da auto-estima, enquanto proliferam as farmácias da felicidade. Numa época em que o sofrimento é desprovido de todo sentido, em que os grandes referenciais tradicionais e históricos estão esgotados, a questão da felicidade interior ‘volta à tona’, tornando-se um seguimento comercial, um objeto de marketing que o hiperconsumidor quer poder ter em mãos, sem esforço, imediatamente e por todos os meios. (LIPOVETSKY, 2007, p. 15)

Podemos nos perguntar, através desta ideia de paradoxo, se as transformações e dificuldades que perpassam o grupo familiar para sustentar-se enquanto “*grupo de pertença*”, também não estariam relacionadas ao sentimento paradoxal de conviver com desejos ambivalentes e situações contraditórias em sua cotidianidade. O individualismo de um lado, reforçado pela cultura moderna e, de outro, a necessidade de se sentir membro pertencente de um grupo frente à insegurança em relação ao amanhã e às fragilidades e superficialidades das relações vinculares e sociais.

A compreensão da estrutura familiar também pode ser vista sob essa ótica:

Em relação à família acontece algo semelhante: de um lado, a família é considerada com um grande valor pela maioria das pessoas, de outro, é sempre mais compreendida como um fato privado, totalmente ao dispor dos indivíduos que subjetivamente podem decidir quando e como constituí-la, quando dela desistir, que feições atribuir-lhe, esvaziando-a, de fato, de qualquer conteúdo objetivo. (PETRINI, 2003, p. 17)

Bauman (2004) em seu livro “Amor líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos”, faz uma análise profunda dos vínculos humanos nos tempos modernos e afirma que, por um lado, constata-se um desejo por “relacionar-se” (anseio por segurança do convívio e pela mão amiga na aflição) e por outro, uma desconfiança por “estar ligado permanentemente” (temor dos encargos e tensões próprias dos relacionamentos). Nesse sentido, as pessoas podem experimentar diversas formas de vínculos e de relacionamentos, como:

Os relacionamentos de bolso”, do tipo que se “pode dispor quando necessário” e depois tornar a guardar. Ou que os relacionamentos são como a vitamina C: em altas doses, provocam náuseas e podem

prejudicar a saúde. Tal como no caso desse remédio, é preciso diluir as relações para que se possa consumi-las. Ou que os CSSs – Casais semi-separados – merecem louvor como “revolucionários do relacionamento que romperam a bolha sufocante dos casais”. Ou ainda que as relações, da mesma forma que os automóveis, devem passar por revisões regulares para termos certeza de que continuarão funcionando bem. (BAUMAN, 2004, p. 10)

O que está sendo colocado pelo referido autor traduz-se pela fragilidade dos vínculos humanos ou pela predominância dos “vínculos sem consequência” ou “laços carnavalescos” (BAUMAN, 2004). Numa sociedade globalizada, de consumo, também os vínculos são tratados como mercadorias e produtos ou até mesmo objetos que podem ser a qualquer tempo substituídos, ainda que não haja nenhuma garantia em relação ao novo produto ou nova relação. Nessa lógica o afeto e o sentimento de pertencimento de uma relação ou de um grupo seriam substituídos pelos “relacionamentos de bolso”, fragilizados e esvaziados de humanidade, porém muito mais funcionais à lógica instituída pela cultura do consumo.

Esta lógica está sendo reproduzida também nos vínculos familiares e, nesse sentido, a família está sendo utilizada como um “trampolim” para o indivíduo, até sua maioridade e, portanto, apenas como o lugar de individualização e não como local do afeto, do amor mútuo e de pertença para a partilha e aprendizado nas situações de dificuldade e para a estruturação da pessoa e de sua personalidade.

Nesta perspectiva, a família está sendo contemplada meramente como um agrupamento de funções que objetiva dar as condições de sobrevivência para o sujeito, como também satisfazer-lhe as necessidades impostas pela cultura consumista. Não se assume, de fato, mas só de forma idealizada, como “*grupo de pertença*” e ao seu compromisso de acompanhar, educar, dar afeto, cuidar e sustentar a pessoa em sua estruturação subjetiva.

Em muitos estudos e, mais especificamente, no estudo de Ribeiro e Ribeiro (1993), sobre a “fragilização das funções parentais na família contemporânea: determinantes e consequências”, citado por Zanetti e Gomes (2011), está posto:

(...) os novos valores da família estruturam-se em torno do caráter idealizado de cuidados, de respeito à autonomia e às individualidades, e conjectura-se que essas foram as formas em que “individualismo”. “igualdade de direitos” e “narcisismo” têm-se apresentado na família. Essas mudanças podem ser entendidas como efeito de uma sociedade pouco compromissada com o próximo que,

refletida na família, assume esse caráter de “emergência de cuidados”, mas que efetivamente não ocorre, porque se os pais estão tomados pelo ideal, na prática, não se implicam nesta tarefa de educar. (ZANETTI & GOMES, 2011, p. 497)

Somando-se a tais leituras e aos enfrentamentos das realidades individual e familiar, está o que os teóricos e pensadores chamam “crise da modernidade” que se confunde com a “crise da razão” ou ainda “crise da razão positivista”. De forma resumida, a ciência e a tecnologia e o princípio da razão que fazem uso delas estão a serviço de determinados interesses econômicos e de mercado e a serviço de quem está no poder, retirando da realidade e dos saberes aí construídos sua dimensão crítica e humana. É uma forma empobrecida e reduzida de compreensão da realidade e de seus fatos e fenômenos.

O horizonte do conhecimento identifica-se, em boa medida, com o horizonte do mercado: o que vale a pena conhecer é o que está ao alcance da razão-que-calcula, é o que pode ser analisado e avaliado em sua utilidade. Cria-se uma situação pela qual ‘nada mais parece transcender uma lógica de mercado que tende a tornar os valores mais altos radicalmente imanentes a seu próprio funcionamento. (FERRY apud PETRINI, 2012, p. 7)

Como afirma Lipovetsky (2006), o espírito de mercado e de consumo consegue infiltrar-se até na relação com a família e religião, com a cultura e o tempo disponível. Em relação ao tempo, o autor fala de situações conflituosas que estão relacionadas diretamente ao grupo familiar: Desfrutar os prazeres ou assegurar a vitalidade nos anos vindouros? Tempo para os filhos ou tempo para a carreira? Há o império da urgência, é preciso fazer mais em menor quantidade de tempo e isso interfere nas relações vinculares e sociais. Ninguém tem tempo para nada, nem para si próprio, nem para o outro, a não ser quando o tempo está dirigido ao consumo ou ao “passeio” virtual.

Vive-se o enfraquecimento do poder regulador das instituições coletivas: priva-se o indivíduo dos esquemas sociais estruturantes que o dotavam de forças interiores, os quais lhe possibilitavam fazer frente às desventuras da existência. Tal enfraquecimento é perceptível, por exemplo, nas diferentes perturbações do estado de ânimo. (LIPOVETSKY, 2004, p. 80)

A família ou o grupo familiar está exposto a todas estas problemáticas apresentadas e acreditamos que ela vem resistindo e adaptando-se à sociedade contemporânea e buscando caminhos assertivos e operativos para a qualificação e fortalecimento de seus vínculos, como

também desenvolver de forma “crítica” e “realista” suas funções. Mas não podemos esquecer que a família reflete, em maior ou em menor grau, a lógica e a cultura da ordem social da qual faz parte. E esta lógica, conforme descrita aqui, não favorece a construção de valores humanos, de solidariedade, de união, de vínculos de pertença, como também não favorece o comprometimento com papéis e/ou funções que impliquem em um tempo de permanência considerável, como é o caso dos vínculos conjugais e parentais e das funções inscritas nestes vínculos.

Diante desta lógica imposta pela economia de mercado e de consumo, poderíamos nos perguntar até que ponto na família pode prevalecer o pensamento e a atitude crítica, voltados para a reflexão e a ação no sentido da mudança daquilo que de fato vem reduzindo o sujeito em sua humanidade e humanitarismo, coisificando-o e colocando-o, como também as suas relações e vínculos, como objetos a serem “usados” e/ou “descartados” a qualquer momento e tempo. E as gerações que já nasceram após o funcionamento desta lógica já então “legitimada”, será que irão sucumbir a ideia do mundo do “eu me basto” e da não valorização dos vínculos e da família?

3 METODOLOGIA

3.1 O ECRO E O GRUPO OPERATIVO COMO INSTRUMENTOS DE ANÁLISE E INTERVENÇÃO

Conforme exposto na parte introdutória, o grupo operativo, dispositivo grupal criado pelo Dr. Enrique Pichon-Rivière (1994) foi um dos instrumentos utilizados para abordagem e investigação do tema proposto. A razão da escolha do mesmo está relacionada a dois aspectos que consideramos importantes: o primeiro é que acreditamos que em qualquer estudo, o método ou os procedimentos metodológicos utilizados não estão separados dos aportes teóricos que sustentam o trabalho e, por esta razão, há uma coerência epistemológica ao utilizarmos o grupo operativo estando este sustentado pela teoria que sempre o sustentou e deu significado: o ECRO da Psicologia Social. O segundo, devido ao fato da importância da abordagem da problemática inserida em um espaço grupal concreto, identificando-se a rede vincular deste âmbito.

O ECRO, através do grupo operativo, pode ser utilizado como instrumento de apreensão, interpretação e leitura de uma determinada realidade ou campo, podendo ser este um grupo de discussão, aprendizagem ou crescimento (casais, crianças, idosos, etc.), um grupo de produção ou mesmo um grupo de trabalho (setor de uma organização). Também pode ser utilizado no âmbito da terapia familiar desde que os profissionais envolvidos tenham a devida capacitação.

Uma vez em campo, o pesquisador também esteve confrontando o seu próprio ECRO (Esquema Conceitual Referencial e Operativo), com outros ECROS (dos participantes do grupo) e com o ECRO formado pelo próprio grupo. A Psicologia Social e seu ECRO lhe possibilitaram colocar em prática sua ‘atitude psicológica’ para atuar de maneira mais operativa no campo de investigação.

Podemos considerar nosso esquema como um esquema que se vai integrando permanentemente com elementos novos. O investigador no campo científico deve estar capacitado para não ser vítima de sua ideologia ou de seus pensamentos prévios, para poder corrigir seu esquema referencial (...) com a ideia de enriquecê-lo, e não – o que seria um erro – porque este esquema seja mau ou bom. Incluir conceitos morais no esquema referencial científico é um critério que

se opõe a evolução do conhecimento. (PICHON-RIVIÈRE, 1996, p. 117).

O grupo operativo pressupõe um enquadre que se refere às constantes metodológicas que dão suporte ao processo grupal. Podemos citar as constantes temporais e espaciais, como também os papéis necessários para o andamento do trabalho, sendo estes: o papel do coordenador (aquele que acompanha o grupo na realização de sua tarefa), o papel de observador participante (aquele que faz o registro das crônicas do processo grupal – ou das falas dos integrantes do grupo) que pode colocar suas hipóteses para o coordenador e verificar se as mesmas estão sendo operativas de acordo com o processo grupal sem, no entanto, intervir no campo grupal. Há também o papel do observador que faz apenas o registro das falas dos integrantes para que, após o término da reunião, sejam lidas e discutidas com o coordenador e com o observador participante. Este momento é de fundamental importância para o entendimento do processo grupal, os vínculos que estão sendo estabelecidos e os papéis que os integrantes vão assumindo; como também para ajustar didaticamente as temáticas a serem abordadas no grupo posteriormente. Estes são papéis funcionais, ou seja, são papéis que funcionam para facilitar a tarefa do grupo.

Nesse sentido, a pesquisadora desenvolveu o papel de coordenadora de grupos, contando com sua ‘atitude psicológica’ para intervir no campo grupal e, é claro, com o suporte de alguns aparelhos tecnológicos (gravador) para fazer o registro das colocações dos integrantes. Objetivado visualizar e compreender como se reatualiza no grupo o processo dinâmico vincular, o grupo operativo pôde promover discussões, confirmando o colocado por Pichon-Rivière, quando afirma que ele traduz e reflete aspectos do mundo cotidiano problematizando-os.

O grupo operativo é a primeira instância de ancoragem do cotidiano. As relações cotidianas, os vínculos que põem em jogo modelos internos tendem a reproduzir-se nele. O enquadramento ou a técnica operativa do grupo (conjunto de constantes metodológicas que permitem a compreensão de um processo), através da confrontação desses modelos internos numa nova situação de interação, e na análise de suas condições de produção, facilitam a compreensão dos modelos sociais internalizados que geram e organizam as formas observáveis de interação. (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p. 245)

Desde esse ponto de vista e, se o indivíduo, para Pichon-Rivière, em certas circunstâncias conscientes ou inconscientes, é considerado como porta-voz do grupo ao qual pertence, o grupo, por sua vez, pode ser considerado como um porta-voz de situações sociais. É na cena grupal que emergem e podem ser problematizados os sentimentos, conflitos, expectativas e desejos que não poderiam ser expressos em outros tipos de abordagens. Por esta razão entendemos que o grupo operativo é um potente instrumento de aprendizagem e pesquisa.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O caminho percorrido para chegar à informação e ao conhecimento foi delineado pelos momentos do planejamento de uma ação propostos por Pichon-Rivière: Estratégia, Tática, Técnica e Logística. A estratégia utilizada esteve voltada para a complementaridade de instrumentos utilizados, a saber: o roteiro geral de questões norteadoras (anexo 1), elaborado com base no problema a ser investigado e nos objetivos da pesquisa; o roteiro semiestruturado de entrevista (anexo 2) e o grupo operativo como dispositivo para acessar o campo grupal familiar. Na prática esta estratégia converteu-se em tática e os elementos necessários ao estudo foram sendo ajustados (logística).

Acreditamos que seja importante relatar um pouco o itinerário da pesquisadora no que se refere ao acesso aos sujeitos da pesquisa e aos percalços e limitações da mesma tendo em vista a questão do tempo/prazo para a finalização do trabalho.

A ideia inicial em relação à coleta de dados foi a seguinte: a pesquisadora faria a observação de um grupo operativo (Em um dos Cursos realizados no CIEG – Centro Interdisciplinar de Estudos Grupais), cujo tema principal abordado era família, que se reuniria uma vez na semana durante dois meses. Um grupo heterogêneo composto por homens e mulheres de diversas classes sociais, sendo a maioria de classe média. De fato, isto foi feito e os dados foram gravados e devidamente transcritos. Em reunião com a orientadora, foi avaliado que os dados coletados não dariam conta dos objetivos da pesquisa. Desse modo e considerando a questão do tempo, foi necessária a utilização de entrevistas semiestruturadas, tendo em vista que estas, por se tratarem de um instrumento mais diretivo, poderiam ser mais

eficazes no percurso da investigação e seus objetivos. Foi elaborado então o roteiro semiestruturado de entrevista.

Inicialmente, seriam entrevistados cinco casais, mas só foi possível a realização de entrevistas com três casais, tendo em vista o motivo de viagem de dois homens/pais e a falta de conciliação em relação ao tempo para a entrevista. Foi pensada a possibilidade da realização destas entrevistas por e-mail, mas logo em seguida, tendo em vista a natureza da pesquisa e da necessidade da relação presencial entre pesquisador e pesquisado, esta possibilidade foi descartada pela pesquisadora. As três entrevistas foram realizadas de forma individualizada seguindo o referido roteiro e a partir da aprovação do comitê de ética em pesquisa. Em seguida, com a estratégia de não apenas complementar a informação mas, fundamentalmente, de abrir a possibilidade da abordagem do campo interacional/grupal, foi desenvolvido o grupo operativo com as três mulheres/mães cônjuges dos casais entrevistados e mais duas mulheres cujos cônjuges não puderam ser entrevistados. Além de complementar e/ou ratificar os elementos coletados, este instrumento permitiu acessar as possíveis dinâmicas interacionais que surgem em um grupo familiar, tendo em vista que seu funcionamento se dá através da comunicação e vinculação em função de suas necessidades/tarefas, como acontece na família em função do processo de socialização/educação do (s) filho (s).

Houve então um contato pessoal com as mulheres/mães, no qual foram explicados os propósitos e objetivos da pesquisa e marcada a entrevista com data, horário e local escolhidos pelas mesmas. Todas as entrevistas femininas que estavam previstas foram realizadas, uma delas em uma das salas de aula da Escola e duas nos respectivos locais de trabalho das mulheres/mães. Ao término de cada entrevista, a pesquisadora questionava as mulheres/mães sobre a disponibilidade dos seus maridos/pais de participarem da pesquisa como elas e, nessa oportunidade, solicitava que falassem para eles (os esposos) a respeito do trabalho. Finalmente explicava as mulheres/mães que faria, posteriormente, um contato com cada um para ratificar sua participação no estudo. Esta estratégia de abordagem em relação aos homens/pais funcionou bem, tendo em vista que, no momento do contato com a pesquisadora, os mesmos já tinham informações acerca da pesquisa através do olhar de suas esposas e de suas experiências nas entrevistas o que possibilitou menos resistências por parte dos mesmos. Colocamos isso porque acreditamos que os homens de modo geral têm mais resistências para participar de atividades nas quais tenham que se expor e afirmamos isso a partir de nossa

experiência coordenando grupos operativos. Uma entrevista masculina foi realizada no ambiente de trabalho e as outras duas na escola dos filhos. Vale ressaltar que avaliamos que a seleção intencional de três casais poderia dar conta de nosso objeto de investigação e, portanto, dos objetivos traçados.

Os sujeitos participantes das entrevistas foram identificados como casais A, B e C, conforme o quadro 1 abaixo.

Quadro 1: Dados sócio-demográficos dos sujeitos das entrevistas, Salvador, 2013

Participantes /casal	Sexo	Idade	Profissão	Tempo/ Casamento	Filhos/idade
A	Masculino	45	Contador	16 anos	2 filhos – 7 e 13
	Feminino	41	Administradora		
B	Masculino	44	Contador	12 anos	2 filhos – 8 e 9
	Feminino	40	Contadora		
C	Masculino	36	Dentista	13 anos	2 filhos – 7 e 9
	Feminino	36	Dentista		

Os sujeitos participantes do grupo operativo foram identificados pelo nome de “integrante” de acordo com o quadro 2 abaixo. Dessa forma foi possível delinear melhor o perfil dos sujeitos de nosso estudo.

Quadro 2: Dados sócio-demográficos dos sujeitos do grupo, Salvador, 2013.

Integrante	Sexo	Idade	Profissão	Tempo /casamento	Filhos/idade
1	Feminino	38	Contadora	12 anos	2 filhos – 8 e 9
2	Feminino	41	Administradora	16 anos	2 filhos- 7 e 13
3	Feminino	36	Dentista	13 anos	2 filhos – 7 e 9
4	Feminino	45	Administradora	22 anos	3 filhos – 7, 12 e 21
5	Feminino	39	Administradora	10 anos	2 filhos - 4 e 8

Também identificamos tais sujeitos de acordo com seus papéis no grupo familiar – Pai e mãe; esposo e esposa – e suas colocações/falas de acordo com os cinco eixos de análise no quadro 3 (anexo 4).

Os critérios utilizados para a escolha dos casais foram os seguintes:

- Casais de classe média/média alta de Salvador/BA;
- Casados formalmente ou não;
- Cujos cônjuges tivessem na faixa etária entre 35 e 45 anos;
- Com um ou mais filhos, sendo pelo menos um com idade entre 5 e 10 anos;
- Com nível de escolaridade superior.

Podemos dizer que um dos motivos pelos quais escolhemos trabalhar com a classe média está relacionado ao fato de considerarmos que esta classe é detentora de um poder de reprodução social de valores, crenças e representações significativas e isto tem relação direta com a questão da educação e da socialização dos indivíduos. Muito embora seja bastante difícil mapear e definir a classe média hoje, sobretudo do ponto de vista econômico, do ponto de vista social e educativo, acreditamos que esta classe tem uma responsabilidade preponderante em relação à difusão e repasse de valores predominantes socialmente, sobretudo devido ao lugar que ocupa no processo produtivo. Outra razão da escolha desta classe é por conta da acessibilidade a uma escola de classe média de Salvador, entendendo que o recrutamento destes participantes de modo aleatório poderia acarretar em entraves para acessá-los. Assim foi realizado o recrutamento dos casais cujos filhos estudavam no grupo 8 (entre 7 e 9 anos de idade), estando assim, na faixa etária requerida pelo estudo.

Optamos por casais mais maduros tanto na idade quanto no tempo de relação da vivência conjugal e parental, tendo em vista que assim já teriam vivenciado mais aspectos desta dinâmica interacional e teriam mais elementos para compreender e delinear melhor tal dinâmica interna no momento de suas respostas às entrevistas. Pensamos que o fato de todos serem de nível superior também poderia ser um facilitador neste sentido.

Quanto aos filhos em idade entre 5 e 10 anos, foi para que tivéssemos uma ideia mais concreta da maneira de criação e educação/socialização dos mesmos, já que nesta fase começam a aparecer as matrizes ou modelos internos que já foram formadas na fase inicial da

vida. E isso está relacionado também a uma possibilidade de diálogo maior com os pais e com percepção destes de seus filhos e dos modelos que estariam sendo internalizados e ou organizados vincular e socialmente.

Análise

Para fins de análise, foram criados cinco eixos temáticos ou interpretativos com a finalidade de permitir que os elementos oriundos das entrevistas e do grupo fossem apresentados e analisados de modo organizado. No entanto, queremos ressaltar que tais elementos, conforme apresentados nos eixos, estão imbricados na trama vincular familiar, levando-se em conta toda sua complexidade. Nesse sentido, embora cada eixo interpretativo tenha sua especificidade em relação aos aspectos abordados, todos eles estão sendo perpassados pelo recorte do segundo nível de análise da família em nosso estudo: o nível que considera a família como estrutura socializadora e mediadora entre sujeito e organização social.

Eixos temáticos:

- ❖ Mulher X Trabalho;
- ❖ Individualização X Pertença/cooperação;
- ❖ Crise X Mudança/Superação;
- ❖ Verticalidade X Horizontalidade;
- ❖ Novas tecnologias X Novos vínculos X Novos modelos de aprendizagem

4. DISCUSSÃO E RESULTADOS

4.1 MULHER X TRABALHO

Neste eixo, buscaremos situar a mulher e seu papel nas duas esferas básicas da vida cotidiana: família e trabalho, objetivando analisar as alterações e/ou transformações aí sofridas e sua articulação com o processo vincular e social no grupo familiar, de modo a compreender as novas variáveis que interferem na vida da mulher e em sua forma de pensar, sentir e interagir com e na família, como também os novos contornos que esta vem apresentando a partir dos diferentes papéis que a mulher vem assumindo.

Podemos dizer que a mulher moderna deixou de assumir com exclusividade os papéis de mãe, esposa e dona de casa e passou a assumir e exercer outros papéis dirigidos a sua vida social e profissional. Isto aconteceu não só devido à necessidade do aumento de mão de obra para atender a demanda econômica e produtiva da sociedade (e pelo fato da mão de obra feminina ser em geral ainda mais barata que a masculina), mas fundamentalmente por dois aspectos: realização pessoal e profissional da mulher – atreladas a independência financeira, como também a importância da contribuição na renda familiar, tendo em vista o aumento do custo de vida e o grande apelo ao consumo.

Por outro lado, podemos afirmar que o papel masculino no trabalho e socialmente falando não teve muitas transformações – a não ser por mudanças que são reflexo do próprio trabalho gestado na organização material da sociedade atual que vem assumindo algumas características significativas (sobretudo nas grandes corporações) como: disponibilidade, mobilidade e flexibilização (SENNETT, 2012). Tais características também são vivenciadas hoje pelo universo da mulher que terminou se rendendo as necessidades e demandas mercadológicas, o que resultou em algumas ou muitas limitações para a assunção e/ou o desenvolvimento de suas tarefas e funções relacionadas ao grupo familiar, sobretudo sua função parental, muito embora ela busque de maneira incansável conciliar e administrar os dois universos: o familiar (sobretudo com os filhos) e o profissional como observamos em nosso estudo.

Em se tratando do contexto abordado em nossa pesquisa e ratificando que consideramos a família como o local, por excelência, no qual se desenvolve o processo de socialização/educação do indivíduo, destacamos que a mulher/mãe é identificada como peça preponderante neste cenário de ensino-aprendizagem, como também nos assuntos relacionados aos cuidados com a casa e às tarefas domésticas, mesmo quando possui uma vida profissional ativa, trabalhando, inclusive, dois turnos em alguns dos casos.

Essa situação pode nos mostrar que “nem tudo que muda, muda tudo”, como afirma Maria Consuelo Passos (2011), ao falar sobre as funções familiares na contemporaneidade. Mesmo com todas as mudanças já mencionadas no grupo familiar (algumas delas certamente ocasionadas pelas mudanças no papel social e familiar da mulher), em suas diversas formas de configuração, modalidades de interação, papéis e funções distribuídos entre homens e mulheres; mães e pais; pais e filhos; alguns papéis e/ou funções permanecem, mesmo que se expressem de formas mais diferenciadas, como podemos ver nas seguintes expressões:

“... de um ano para cá que ela assumiu a loja a coisa ficou bastante complicada porque de uma hora para a outra nós perdemos a mulher que cuidava, perdemos a funcionária que muitas vezes acaba fazendo o papel da mãe na hora em que o filho quer um carinho ou alguma coisa, e ficou uma pessoa estranha dentro de casa com duas crianças...”.(Pai /casal B)

“Nesse tempo em que eu fiquei em casa, uns 4 anos, eu é que acompanhava os dois e assim é com a L (filha), o B (filho) é mais independente...desde um ano e meio que estou na loja e ela (filha) se viu na obrigação de fazer sozinha, então ela vai, senta e faz e depois sou eu que corrijo...”. (Mãe/casal B)

“... para F (esposo) está sendo muito difícil... ele reclama que estou trabalhando e estudando e tenho que cuidar da casa e chego e vou olhar dever... quando dá 10 horas da noite eu estou morta... ele manda as meninas arrumar a mochila e fica sentado falando... pegue isso, coloque aquilo... o que ele faz de vez em quando é lavar a louça e colocar as roupas na máquina... mas pelo menos tenta ajudar, mas o que ele reclama muito é de carinho, atenção, quer conversar e essa parte está mais difícil...”. (Integrante 3 - Grupo)

Existe ainda, embora se apresente de maneira sutil, uma herança da família nuclear tradicional moderna, na qual os papéis eram mais claramente definidos e complementares e à mulher cabia fundamentalmente a responsabilidade com as funções de esposa, mãe e dona de casa, ou seja, cabia a ela cuidar dos filhos e educá-los, dar atenção ao marido e realizar as tarefas domésticas. No caso de nosso estudo, entre as três mulheres entrevistadas, também

observamos que há uma homogeneidade no que diz respeito a forma como vêm exercendo a maternidade, seu papel de esposa e de dona de casa e isso pode também estar relacionado a referida herança da família nuclear moderna, na medida em que aparece a representação de que cabe predominantemente a mulher cuidar dos filhos e das tarefas domésticas, como também a ideia de que é ela, e não o homem/esposo/pai, que deve estar sempre apta e disposta a dar seu tempo à família, ainda que muitas vezes não disponha deste tempo.

“... a família possui tarefas e às vezes sobrecarrega um lado... W (esposo) trabalha fora e hoje ele é o cabeça financeiro da família é quem traz o dinheiro e eu conscientemente procuro não sobrecarregar ele com outras tarefas... mas assim tem coisas que eu acabo deixando mesmo para ele, tipo: ele me cobra algum concerto em casa e aí eu digo ‘isso eu não faço’... tem alguns maridos que fazem supermercado... o meu não...eu tenho as minhas tarefas, cuido da meninas, da casa, levo elas para escola e coloco ele a par das coisas, mas as tarefas de concerto é com ele...”. (Integrante 1- Grupo)

Pode-se entender então que aquela representação da mulher como alguém que deve estar sempre apta a doar seu tempo para a família também aparece com a sobrecarga nas tarefas de cunho doméstico, tendo em vista que o esposo trabalha fora e sustenta a casa e com isto não poderia assumir outras tarefas como, por exemplo, cozinhar ou arrumar a casa.

Em relação às tarefas domésticas, percebe-se que há uma certa divisão, sendo que, quando acontece esta divisão, a mesma é realizada entre a mulher e alguma funcionária/secretária e não com o marido, exceto em raras e furtivas ocasiões. Em relação as tarefas e atividades mais práticas com os filhos, como por exemplo, dar um banho, fazer a comida, etc., não há uma participação equilibrada, mas o apoio e a participação do esposo se mostraram maiores.

“... R (marido) até ajuda com as filhas, dá um banho de vez em quando... olha, mas o negócio é a cozinha que eu é que tenho que chegar e dar conta, dar conta da casa... e encontro tudo assim jogado, sapato das meninas, roupa e ele não consegue controlar isso porque ele também fez assim e faz... ele cresceu assim não mudou nele e aí S (filha) tem isso dele... meu marido reclamava muito da faculdade... ah essa faculdade você faz toma tempo e aí não deixa as coisas prontas... eu faço janta todos os dias...”. (Integrante 5 - Grupo)

“Só para registrar: tudo de casa é para o meu lado... eu vi formas de lidar com isso, porque ele (esposo) sempre foi de trabalhar fora, nasceu para ser... para trabalhar... aí o que é que eu faço, eu tenho empregada, minha vida é meio maluca então eu tenho duas pessoas lá

em casa e elas fazem tudo, fazem supermercado, ligam, chamam alguém para concertar as coisas que preciso, então eu delego; eu falo, pode chamar... faça, então eu estou dando meu jeito...”. (Integrante 4 – Grupo)

Um dado significativo entre as mulheres da pesquisa foi sua representação e relação com a vida profissional/trabalho. Para todas elas, o trabalho e a vida profissional sempre foi e continua sendo muito importante para o seu bem estar psicológico e físico e, conseqüentemente, para seu papel e forma de interação no grupo familiar, muito embora algumas explicitem ou deixem transparecer de algum modo na fala, que há um custo emocional em abrir mão do papel de mãe ainda que por um período do dia. Um dado que vem corroborar para esse sentimento é o fato de não terem uma rede de apoio familiar próxima e, portanto, mais confiável, tendo em vista que suas famílias de origem e as de seus esposos são de outros estados (São Paulo e Fortaleza) ou do interior do estado da Bahia (Feira de Santana). Vale ressaltar que a mudança de estado/cidade, em todas as famílias pesquisadas, ocorreu em função da carreira profissional dos homens/companheiros, devido a transferências e/ou aprovação em concursos realizados. Tais mudanças aconteceram quase sempre em paralelo a união do casal (casamento) e em alguns casos no momento do nascimento do primeiro filho:

“... ele foi para o Rio e eu fiquei com P (filha) em Feira de Santana esperando ele chegar, se ambientar, alugar apartamento, eu fazia faculdade e tranquei e fui para o Rio ...quando chegamos lá, P (filha) com oito meses, eu engravidei (...); ...quando a gente estava em Feira era mais fácil, minha mãe estava quase todo dia, no Rio eu não tinha isso...no primeiro mês foi horrível, muita mudança, filho pequeno, gravidez...o medo de estar numa cidade sem conhecer ninguém com duas filhas praticamente da mesma idade...”. (Mãe – casal A)

“Me casei em 97 e ele recebeu o telegrama sendo convocado em 98, não tínhamos filhos, os filhos nasceram aqui, vim e voltei para São Paulo para pegar o resto da mudança... foi bastante difícil pois nunca tinha saído de perto da minha família, sempre morei com meus pais em São Paulo, trabalho lá, aí você casa é uma vida nova...eu senti por um ano bastante! Meu medo era não me adaptar”. (Mãe – casal B)

“Nos conhecemos lá, namoramos lá em São Paulo e ele recebeu uma proposta para trabalhar no interior da Bahia...aí ficamos noivos e ele veio trabalhar, depois voltou para casar e viemos para cá... assim que chegamos, eu trabalhei um ano em Itaberaba (interior) e ele também, depois viemos para Salvador os dois e L (filha) nasceu cinco anos depois...”. (Mãe – Casal C)

Duas das mulheres/mães entrevistadas estavam exercendo atividade profissional quando se casaram, engravidaram e tiveram o primeiro filho. Uma delas estava cursando a faculdade. Após o nascimento do segundo filho, que se deu quando o primeiro ainda não havia completado 2 anos, duas delas ficaram um tempo, além da licença maternidade, sem retomar a carreira profissional. Atualmente duas estão trabalhando fora durante dois turnos e, portanto, com o tempo mais voltado para a vida profissional buscando administrar trabalho com o cuidado dos filhos e da casa. Uma delas está conciliando suas atividades como autônoma com a função materna, sendo que ela expressa claramente que sua prioridade na vida é o tempo dedicado às filhas, afirmando que sua profissão é ser mãe.

“Pedi para sair do trabalho para dar uma atenção maior às meninas e por uma questão específica que é a de P (filha mais velha) que tem déficit de atenção... ela estava tendo dificuldade de acompanhar as atividades porque não tinha uma pessoa exclusiva para ela... meu trabalho era bom e eu gostava, ganhava direitinho... mas o custo benefício não tava bom para ela aí a gente colocou na balança e viu que era melhor eu sair do trabalho e dar essa atenção então estou desde 2011 acompanhando elas e a parte da casa, levar para a escola, terapia, sou eu que faço... fui convidada para ensinar e agora estou ensinando na faculdade... e adoro ensinar...”. (Integrante 1 – Grupo)

Nesse sentido pode-se dizer que o caminho profissional da mulher se adequou/adaptou a três circunstâncias básicas diferentes: a carreira profissional do companheiro/esposo, a ausência ou carência de uma rede de suporte familiar próxima e a situações específicas vivenciadas no grupo familiar que demandaram mais atenção e tempo para um indivíduo especificamente ou para a rede vincular como um todo.

Considerando a relação marido/esposa-trabalho, identificamos que o apoio à vida profissional da mulher aparece condicionado ao apoio dado à família como um todo. Ou seja, no momento em que a mulher/esposa se ausenta em função do trabalho, quando não há uma terceira pessoa, uma funcionária ou babá, por exemplo, o esposo/pai assume algumas tarefas relacionadas aos filhos – basicamente tarefas relacionadas a alimentação e higiene e ao acompanhamento das atividades escolares, como pontuamos acima. Em todo caso, o que persiste é o sentimento entre elas de que o homem/esposo manifesta de algum modo certa resistência ou inconformismo em relação a seus projetos pessoais e/ou profissionais.

“... eu acho que nessa parte ainda existe um pouco de machismo sabia? O homem não admite, mas eles se incomodam... eu sinto que F

(esposo) na verdade não fica à vontade, não que ele seja contra a minha faculdade, mas ele tá vendo de certa forma que se eu passar num concurso eu vou ser mais independente e eu acho que isso ainda para o homem pega um pouco...”. (Integrante 3 – Grupo)

“... às vezes eu chego da loja cansada, não quero fazer nada... e ele (esposo) fala que eu não devia ficar trabalhar na loja, mas devia ficar em casa cuidando das meninas que era melhor porque loja dá dor de cabeça e termina que eu deixo de fazer as coisas em casa...” (Integrante 5 - Grupo)

“... a vida a dois ficou comprometida em grande parte ainda mais que ela (esposa) estava concomitantemente fazendo o curso e isso tomava muito tempo e L (filha) com 5 meses... C (esposa) precisava de estagiar para se formar...nossa vida passou por dificuldades, se dedicava menos tempo a vida a dois, eu ficava preocupado com aquela coisa de família”. (Pai – casal A)

Contudo, o homem/esposo/pai, aparece assumindo de forma mais expressiva a função parental se mostrando num papel mais atuante em relação ao processo de educação e socialização dos filhos junto à mulher/esposa/mãe.

“A gente considera que o grande desafio de nossas vidas é dar a elas (as filhas) uma criação adequada em todos os aspectos, educação familiar, escolar, comportamento... a gente tá sempre chamando a atenção, conduzindo isso e elas são receptivas”. (Pai – casal B)

“A gente se preocupa muito com a educação dos dois e a gente se preocupa pensando no futuro deles para que tenham tranquilidade (...) acho que é obrigação do pai e da mãe olhar e acompanhar, a gente pode pedir um auxílio a babá, secretária, mas a gente é que deve olhar...”. (Mãe – casal B)

“Desde que nasceu a gente decidiu eu e ela que íamos ser pai e mãe e não ia delegar isso a ninguém” (Pai- casal B)

Outro aspecto significativo que pode ser ratificado com essas falas é que a vinculação do e no grupo familiar e seus consequentes processos como: mútua representação interna, integração e o sentimento de pertencimento, estão sendo estabelecidos de maneira mais intensa através da assunção dos papéis de mãe e de pai no grupo familiar e, portanto, através da função parental assumida cotidianamente, do que através do laço conjugal propriamente dito. Percebe-se, inclusive, que o vínculo entre o casal se fortaleceu, a partir de sua interação em função da educação/socialização dos filhos – tarefa preponderante na família. Por outro lado, esse vínculo mais fortalecido, possibilitou uma maior cooperação entre os membros da família.

“Eu não teria conseguido concluir faculdade, cuidar das meninas, trabalhar, sem o apoio de W (esposo), partiu de um incentivo dele...”. (Mãe – casal A).

“No ano passado acho que fui à uma reunião escolar, quem foi mais foi o E (esposo), até muito mais do que eu, esse ano também, eles chamam, a coordenadora chama e se precisar ele vai conversar ou para a reunião, em relação a isso ele ajuda demais, não sei se é porque os pais dele se separam cedo, quando ele tinha só 9 anos e ele não teve um pai presente, então ele se sente na obrigação de participar e dar uma boa educação aos filhos, ele sempre participa mesmo”. (Mãe – casal B)

O homem/pai/esposo é identificado, principalmente em dois dos grupos familiares, como alguém que assume de maneira mais contundente a função parental preocupando-se com a educação e com a socialização dos filhos, como também em dar suporte a mulher/mãe/esposa nesta função. Vale ressaltar aqui um aspecto que consideramos significativo, o fato de que estes dois participantes, em suas entrevistas, se referiram muito a relação de afeto e sustentação que tiveram na infância com suas respectivas mães que assumiram a função materna e parental, transmitindo também para eles a importância desta função na sustentação dos vínculos familiares.

Ficou evidente, como já colocado, que a mulher/mãe/esposa nos grupos familiares estudados, ainda com todas as limitações ocasionadas pela vida profissional no trabalho, assumiu de fato seu papel de mãe e sua função parental com os filhos. Nesse itinerário, em todas elas apareceu o sentido do sacrifício, não exatamente pelo compromisso com tal função, mas por ter que desenvolvê-la em um contexto absolutamente desfavorável e não fortalecedor da mesma e do papel de mulher/mãe, em que pese os diferentes discursos.

Partindo da ideia de que para a Psicologia Social “a cotidianidade é o modo de organização material e social da experiência humana, em um contexto histórico-social determinado” (QUIROGA, 1996), propomos então repensar, antes de encerrarmos a análise neste eixo, que a maneira através da qual vem se organizando social e materialmente o trabalho na vida cotidiana atual não tem sido compatível com as exigências adaptativas que emergem quando numa família nasce um filho. E aqui não estamos apenas falando do trabalho/emprego formal, mas estamos falando do trabalho como atividade socialmente planejada e que desprende energia, direcionando o tempo e o ritmo no cotidiano, organizando

esse cotidiano de forma tal que tudo gira em torno dele. Esse formato diário onde o ritmo é cada vez mais acelerado e onde o tempo é cada vez mais escasso é que ceifa da mãe a possibilidade de um comprometimento ainda maior com sua função parental. Por vezes até aquelas que buscam priorizar tal função em sua vida, quando os filhos ainda estão na fase infantil, sofrem com a forma de organização/desorganizada do ritmo e do tempo no mundo atual.

“... hoje eu trabalho muito mais do que quando eu trabalhava fora, porque quando eu trabalhava fora, elas (filhas) estavam no turno integral então eu deixava 7h na escola e ia para o trabalho, trabalhava lá no meu trabalho e se tivesse necessidade de hora extra eu fazia e pronto, fiz ali e não levo nada para casa... às 6h pegava as crianças na escola e levava para casa, tomava banho já com janta... chegava em casa e ia olhar a mochila, arrumar, mas a casa já estava arrumada porque a menina já havia arrumado, mas aí se eu for falar do que faço hoje! Não vou nem começar a contar senão vocês vão cansar”.
(Integrante 1- Grupo)

As características da nova ordem econômica e social que perpassam todas as esferas da vida cotidiana, como a família e o trabalho, impõem suas normas de convivência (ou de não convivência) e suas regras, como também esperam que o indivíduo que dela faz parte, esteja sempre apto a seguir estas normas e regras sem questionar e sem “perder tempo”, deixando de lado possíveis crenças e/ou ideologias que possam lhe impedir de continuar vivendo, produzindo e consumindo.

4.2 INDIVIDUALIZAÇÃO X PERTENÇA/COOPERAÇÃO

Discutiremos aqui, a partir dos elementos obtidos na pesquisa, os seguintes aspectos: Modalidades de interação grupal e família; a constituição dos vínculos familiares e do sentimento de pertença; tendências ao fechamento ou a abertura ao mundo exterior/vida social; sinais de individualismo ou de individualização; a cooperação nas tarefas familiares; a falta de cooperação nas tarefas e possíveis desigualdades entre homens e mulheres; diferença de papéis entre homem e mulher; a relação com os filhos; o grupo (vínculos familiares) como espaço de sustentação dos processos subjetivos e da função de educar e socializar a partir do pertencimento.

Quando trazemos neste eixo as temáticas: pertença e cooperação, estamos nos referindo a duas das importantes modalidades de interação classificadas pela Psicologia Social de Pichon-Rivière em relação ao campo grupal, sendo que a pertença e sua consequente cooperação, em se tratando de família e socialização, possuem um significado fundamental. A pertença é a modalidade que permite estabelecer a identidade do grupo e o estabelecimento da própria identidade como integrante deste grupo e, como pertencente, este indivíduo adquire uma referência básica que lhe permite localizar-se e elaborar estratégias de mudança. Cabe dizer ainda que, da mesma maneira que é preciso mais do que laços consanguíneos para se formar uma família, a pertença não é dada, mas construída através da vivência diária dos vínculos familiares. Ou seja, ‘estar contido’ não é o mesmo que ‘pertencer’ quando consideramos a história vincular e social do grupo familiar.

Além destas modalidades, existem outras de grande importância para a compreensão dos processos interacionais de um grupo, são elas: pertinência, comunicação, aprendizagem e telé. Não citamos aqui a filiação por se tratar de um primeiro grau de ligação/identificação com o grupo e, nesse sentido, pertença pressupõe filiação. Todas estas modalidades de interação já foram definidas em nosso quadro teórico e aqui voltaremos a discuti-las, articulando-as ao nosso objeto de estudo.

Em relação aos elementos coletados nas famílias pesquisadas, foi possível perceber que ainda com todas as transformações e exigências adaptativas trazidas com o nascimento do primeiro filho – fato que estrutura o casal definitivamente como um grupo familiar – houve reciprocidade e vinculação em prol das adequações necessárias à nova vida e fase familiar, articulando-se assim conjugalidade e parentalidade, como podemos ver a seguir:

“... o filho vem para dentro do seu quarto, você tem que conviver com isso, mas para mim era ótimo porque eu queria estar perto... então nossa relação com o primeiro filho foi tranquila, eu acho que foi, é claro que tira um pouco da privacidade porque você acaba tendo que dividir a atenção e todo lugar que tem divisão há perdas...”. (Pai – casal B).

“Toda vez que nasce uma criança muda a vida do casal, a mãe fica numa dedicação exclusiva ao filho, é assim. Eu passei a dar valores diferentes tanto para a família como para o que não está relacionado a família”. (Pai – casal C)

“Mudou muito porque quando é só marido e mulher a gente não tem muita preocupação... um dá atenção para o outro... mudou na seguinte situação: a gente acaba dando mais atenção ao filho, a gente tem um amor muito grande pelos filhos e isso muda o casal... você acaba esquecendo um pouco o marido”. (Mãe – casal B)

Nesse processo de transformação da vida conjugal e familiar, que se dá com o nascimento do primeiro filho, vão se dando os ajustes necessários em termos de pertença grupal, como também a construção de maneira mais concreta e expressiva dos papéis de mãe, pai e filho e dos bens relacionais que coexistem no mundo familiar: filiação, maternidade, paternidade e fraternidade. Tais bens só podem ser construídos nesta teia vincular e por isso se diz que a família é uma relação social plena (DONATI, 2008), que não deve ser comparada a nenhum outro tipo de relação que ocorre socialmente, tendo em vista que é somente nela que se encontra o “capital relacional”, traduzido por estes bens relacionais que não são ofertados pelo mercado de consumo ou por outros grupos sociais. Esse processo invisível que se dá na família, de constituição vincular, relacional e subjetiva, fortalecerá o sentimento de pertencimento e cooperação entre seus membros e, conseqüentemente, aumentará as possibilidades de alcançar os objetivos propostos pelo grupo, como também a superação das possíveis dificuldades que poderão surgir nesse percurso.

“Quando L (primeiro filho) nasceu mudou tudo, muda tudo, o relacionamento de marido e esposa muda, a gente quer queira quer não, dá mais atenção aos filhos... o marido reclama um pouquinho, porque antes eram dois e era tudo ali perfeito, bonitinho... vem o filho, mas não é que destrutura não, acho que o foco começa a ser outro...”. (Mãe – casal C).

“Primeiro filho... achei que ia tirar de letra, mas tive dificuldades e minha mãe e irmã vieram me dar apoio e ficaram uns 15 dias, só que o apoio foi invasivo e eu tive alguns conflitos com W (esposo), administrar filho e casamento, muda sim, muda porque a gente tem que dividir a atenção e era pouca atenção para ele (esposo)...”. (Mãe – casal A)

Vale ressaltar que os bens relacionais produzidos em uma família estão também relacionados à sua história vincular, geracional e social, na medida em que cada pessoa, ao se unir a outra, traz consigo e reedita na família constituída aqui e agora, representações e símbolos que estão ligados aos vínculos e aos papéis assumidos e depositados em sua família de origem. Ou seja, além das informações e dos conhecimentos que podem ser repassados ou transmitidos no discurso explícito, há uma forma de aprendizagem implícita e representações,

por exemplo, do que significa ser pai e do significado da paternidade, e isso acontece também com outros papéis, vínculos e/ou funções inseridos no grupo familiar, como a representação do papel de mãe e da função materna e a representação do modelo do vínculo conjugal.

Sendo assim, a transmissão geracional familiar não é um processo que se dá de maneira linear e simples, até porque não passa apenas por questões racionais e de intencionalidade, sendo realizada através dos processos de comunicação, internalização e aprendizagem que ocorrem em função das tarefas do grupo, mas basicamente em função de duas tarefas preponderantes que são: a construção dos vínculos (do sentimento de pertença) e a tarefa de socialização.

“Considero a família muito importante, primeiro porque ela vai ser o pilar pra gente construir uma pirâmide mesmo, para a gente conseguir seguir na vida, a partir da família a gente tem uma educação, tem... descobre realmente o que é certo e o que é errado... na verdade não é nem o que é certo, mas a gente tenta mostrar para os filhos qual o caminho melhor para eles não sofrerem tanto... a partir do momento em que você vai para um lado errado está fadado a sofrer... mais pra frente... é para formar a estrutura da criança porque a criança não sabe nada da vida e quem vai ensinar mesmo somos nós pais...”. (Integrante 3 – Grupo)

O grupo familiar e seus vínculos estão sendo compreendidos nessa colocação como um caminho no qual se cruzam intersubjetividade (vínculos interpessoais - vínculos entre diferentes pessoas) e intrasubjetividade (a pessoa e sua estrutura interna), numa relação dialética de ressonância e transformação recíprocas (QUIROGA, 1996). Nesse sentido, pode-se dizer que a pessoa determina o grupo e o grupo determina a pessoa e que ambos vão construindo e internalizando significados relativos ao que é estar e viver em grupo e mais especificamente viver no grupo familiar.

Contudo, é importante colocar que, na família, quando estão em jogo as tarefas de educação e de socialização, expressa-se uma assimetria entre os adultos/pais que transmitem ou ensinam os conhecimentos (e que se supõe que já estão formados em sua personalidade) e aqueles que estão ali para receber tais conhecimentos e informações, os filhos, que por sua vez aprendem e internalizam tais conhecimentos, através de suas experiências de pensamentos, sentimentos e ações.

“A própria criação familiar que nós tivemos de querer manter a família junta, unida, contribui sobremaneira para que a gente tenha essa preocupação, buscar cada um abrir mão de certas coisas, ceder um pouco (...) acho que é a consciência do que é família, da importância de se ter uma família unida, de ver os filhos crescendo com acompanhamento de ambos...”. (Pai – casal A)

A forma como vão sendo desenvolvidas essas modalidades de interação na dinâmica interna do grupo familiar, como a comunicação e a aprendizagem, têm estreita relação não só com a transmissão geracional (e, portanto, com os valores repassados ao longo do tempo), mas também com a maneira através da qual ele se articula ao mundo externo e a vida comunitária e social, ou seja, toda família exerce um tipo de relação com o contexto externo e social, mas essa relação supõe um grau de abertura maior ou menor a esse contexto e isso também vai depender do grau de abertura ou fechamento da própria estrutura familiar. Por outro lado, o grau de abertura ou fechamento manifestado pelo grupo familiar, bem como a maneira como são estruturados os vínculos interpessoais, neste âmbito, têm estreita relação não só com o sentimento de pertencimento e a atitude de cooperação, mas também com a pertinência grupal.

A pertinência é outro vetor ou modalidade que se refere ao ajuste do grupo em relação à sua tarefa, ou seja, há pertinência quando um grupo se dirige à sua tarefa para alcançar seus objetivos. Contudo, é importante frisar que, no caso do grupo familiar, esta tarefa não está unicamente relacionada aos processos de construção vincular, ao sentimento de pertença e à tarefa de socialização que se dá também através das práticas educacionais; senão também com a superação das dificuldades e/ou obstáculos que irão surgir e se interpor ao desenvolvimento de tais tarefas. Estas dificuldades e/ou obstáculos podem ser vistos através das situações novas de aprendizagem e das situações nas quais eclodem as crises no grupo, das quais falaremos mais adiante.

Considerando a tarefa prescrita, foi possível identificar a pertinência nos grupos familiares pesquisados na medida em que em todos eles fica evidente o sentimento de pertença e de cooperação não só com a família constituída, atual, mas também com os membros e vínculos da família de origem, embora esta não esteja próxima geograficamente falando. Arriscamos dizer que a construção deste sentimento de pertença, como também da cooperação entre os membros do grupo, tem relação com os valores transmitidos pelas

gerações anteriores e que foram internalizados por estas famílias de agora que, por sua vez, se dirigem à sua tarefa buscando retransmitir aos seus filhos o sentido de grupo e de família que adquiriram através de práticas educativas e do processo de socialização.

“...acho assim... que a família como eixo até meu pai, minha mãe... meus filhos... as coisas giram em torno desse eixo... a família para mim é estruturante... é o que dá estrutura para as pessoas... é claro que o conceito de família mudou um pouco... a família do mundo moderno... mesmo que você se separe mesmo que mude... a família continua... é para sempre... é pai, é mãe, é filho, é para sempre... mesmo que em algum momento isso não dê certo... acho que o conceito de família e as relações por mais que isso mude de alguma maneira deve ser preservado e acho assim a família é um apoio... minha família, minha mãe, meus tios, minha cunhadas... para mim são pessoas que eu sei que posso contar, é base, é sustentação, é referência e eu vejo assim, às vezes a gente passa por fases... tem horas que você pensa ‘família é bom longe! Mas depois você vai descobrindo o quanto que aquilo é importante! É fundamental... avô e avó são importantes, né? Eu sinto muito por meus filhos ficarem longe de meus pais... mas apesar da distância acho que conseguem ter um vínculo...”. (Integrante 4 – Grupo)

Os vínculos com a família de origem estão sendo ratificados e sustentados em relação à família constituída aqui e agora, no presente. Isto pode ser entendido como um valor familiar ou como um conhecimento valorizado e transmitido que revela a família como “algo durável” e “pra sempre”, mesmo com todas as transformações ocasionadas pela realidade social. Esta forma de pensar e sentir a família difere daquela que considera que qualquer grupo de pessoas reunidas em uma casa pode se constituir em um grupo familiar e que este é visto meramente como um lugar necessário ao indivíduo e a seu processo de individualização, desaparecendo, posteriormente, sua história vincular e social bem como a história do próprio grupo, que poderá ser substituído por outras relações mais impessoais, ocasionais e/ou líquidas (BAUMAN, 2000).

Nos grupos familiares abordados, o processo de individualização está atravessado pela valorização da transmissão e reprodução de valores familiares considerados desde a família de origem. Ainda com as barreiras da distância espacial e temporal, identificamos a sustentação dos vínculos com a família de origem – vínculos com os avós, irmãs e irmãos e com modalidades vinculares, representações e aprendizagens realizadas nestes contextos que estão sendo mantidas. Acreditamos que a partir desta modalidade vincular, tais famílias estejam mais resguardadas das lógicas individualista e utilitarista da vida moderna.

“... meus filhos me cobram muito falam ‘mãe quando a gente vai para São Paulo’ ver minha avó e meu avô? Acho tão bom isso... a gente se preocupa bastante em relação a isso... para mim família não é só marido e filhos, mas acho que é o pai, a mãe, os avós, irmãs...”
(Integrante 2 – grupo)

“... morei no interior com meus pais e avós... até os 19 anos eu convivi com eles... ir aos domingos, tomar o lanche da tarde tomar a benção... e eu falo para vocês até hoje eu não superei essa distância da família... se vocês me perguntarem o que é que mais me dói hoje assim... graças a Deus eu tenho uma vida maravilhosa, com W (esposo) e as crianças, de realização profissional e pessoal, de tudo, mas eu sinto um vazio familiar porque aqui em Salvador eu só tenho minha madrinha que é como se fosse uma segunda mãe para mim e é a quem eu recorro... e minha irmã que morava aqui até ontem, agora foi para o Rio porque o esposo foi transferido... a família é muito forte... as crianças tem um conceito de família muito importante... porque além da sociedade mostrar esse conceito de família diferente eu ainda sou muito tradicional... quero que elas acreditem que família é isso... e se lá na frente elas quiserem de outro modo, pelo menos eu mostrei que pode ser assim...”. (Integrante 1 – Grupo)

A pertinência em relação à sua tarefa, sua vinculação e pertença fazem destes grupos familiares estruturas mais voltadas para o seu interior, aparecendo ainda certa tendência a um fechamento em relação ao mundo externo, muito embora isto esteja relacionado também a outros fatores. E aqui iremos introduzir duas leituras diferentes em relação à dinâmica interna familiar e à maneira como se estabelece a interação entre os próprios membros dentro do grupo, como também à maneira com que se relacionam com o contexto externo, podendo ser esta mais fluida ou não, dependendo do grau de coesão interna e de controle.

Tais perspectivas ou formas de leituras da dinâmica familiar – uma mais antiga, baseada em pesquisas na área da Antropologia tomadas por Pichon-Rivière (1994) em seu trabalho, e outra bem mais recente baseada em pesquisas com casais de Jean Kellerhals (2008) – trazem determinadas tipologias e/ou classificações que podem nos ajudar a compreender melhor alguns aspectos relacionados a essa dinâmica e sua relação com o meio externo.

Entretanto, é importante esclarecer, desde já, que utilizaremos tais classificações como parâmetros por entendermos que quando atribuímos categorias ou classificações à trama vincular e social que é a família, podemos deixar de considerar dimensões tão importantes quanto as que estão sendo contempladas nestas classificações. Estas categorias ou

classificações serão utilizadas para trazer luz a dinâmicas contínuas, múltiplas e não de um modo dicotômico. Sendo assim, utilizaremos apenas as noções/características apresentadas nestas tipologias que consideramos significativas para o nosso caso, sendo estas as noções de vinculação dos membros da família entre si e as de coesão interna e integração externa (fechamento ou abertura ao exterior).

Em relação às tipologias utilizadas por Pichon-Rivière (1994), baseadas em pesquisas de campo da antropologia (que utilizaram como critérios de classificação os diferentes graus de aglutinação, dispersão e dissolução dos vínculos), temos dois tipos de famílias: a família epileptóide e a família esquizóide. A primeira tem uma estrutura familiar fechada e rígida e aceita com muita dificuldade a entrada de novos membros que, em geral, são colocados num status inferior. Os papéis são fixos e estereotipados e estão muito apegados à sua terra; por isso, não migram ou se mudam, e quando o fazem, vai o grupo como um todo.

A família esquizóide, por sua vez, tende à dissolução, à ruptura progressiva dos vínculos. A unidade familiar é escassa, quase nula, e seus integrantes emigram frequentemente, rompem a comunicação e desconhecem a nostalgia. Segundo Pichon-Rivière (1994), o arquétipo ou modelo de conduta é o do pioneiro, do aventureiro.

É claro que além destas duas tipologias, que representam pólos extremos, existem quadros ou estruturas intermediárias ou mistas entre aglutinação e dispersão, como é o caso da família hipocondríaca (com características semelhantes a da família epileptóide quanto à aglutinação/viscosidade). A personagem central nesse caso é a doença, em torno da qual se estrutura a rede de comunicação e a interação.

Em relação aos grupos pesquisados, tirando a dependência mútua em excesso, a viscosidade nos vínculos e a estereotipia de papéis, podemos dizer que todos possuem mais características da estrutura epileptóide do que da estrutura esquizóide, tendo em vista inicialmente o fato dos casais terem migrado conjuntamente para outro lugar, saindo do lugar de origem, como também a rede vincular construída e o sentimento de pertencimento e cooperação entre seus membros. Nesses casos, não podemos falar de dispersão ou dissolução dos vínculos, mas pelo contrário, ficou confirmada uma continuidade em relação à rede de vinculação com a família de origem como já colocado anteriormente.

Com o mesmo propósito de balizarmos nossa análise através de estudos mais recentes e realizados por alguém com vasta experiência em pesquisa na área de família, também utilizaremos aqui as tipologias de Jean Kellerhals (2008). Este autor desenvolveu quatro tipos de famílias partindo dos casais, tendo como foco a relação destes com o contexto social, a saber:

- a) Famílias Bastião: caracterizadas por coesão fusional, regulação normativa e fechamento ao exterior;
- b) Famílias Companheirismo: caracterizadas por coesão fusional, regulação comunicacional e abertura ao exterior;
- c) Famílias Paralelas: caracterizadas por coesão por autonomia, regulação normativa e fechamento ao exterior e;
- d) Famílias Associação: caracterizadas por coesão por autonomia, regulação comunicacional e abertura ao exterior.

Em se tratando das três famílias pesquisadas e considerando que ficou configurado um perfil semelhante entre elas no que diz respeito a serem de um determinado lugar (cidade ou interior) e terem migrado para outro, podemos classificá-las como sendo grupos com estrutura mais fechada, com uma coesão interna maior e pouca abertura ao exterior, havendo um controle, ou pelo menos uma tentativa de controle, sobretudo em relação ao que vem “de fora para dentro”. Isto certamente tem relação com o fato de estarem distantes de suas famílias de origem e, conseqüentemente, não disporem de uma rede de apoio mais segura e confiável.

“Essa coisa de você estar em outro lugar e querer assumir a maternidade e a paternidade envolve a questão social, você quer assumir de um lado e vai perder de outro, então a gente perdeu muito isso... prova disso é que a gente está aqui há 15 anos e não tem um relacionamento de amizade social com muita gente, são poucos... essa questão de relacionamento social acabou ficando para segundo plano, eu diria até que para terceiro plano...”. (Pai – casal B)

“... nos contatos com outras crianças e principalmente nas escolas, que é onde passam a maior parte do tempo com outras crianças, a gente percebe que nem todas as crianças tem a mesma criação ou o mesmo perfil que nós temos e tem crianças que tem facilidade e acesso a certas situações que a gente acha que não é adequado para essa idade e aí a gente conversa e mostra que isso não é bom para elas...tem que tá sempre monitorando...”. (Pai – casal A)

Nesse sentido, poderíamos considerar que estes grupos familiares, tendo como parâmetro as tipologias de Kellerhals (2008), se aproximam do tipo classificado como “bastião” na medida em que apresentam um grau considerável de coesão fusional, regulação normativa e fechamento ao exterior. São famílias que têm uma estrutura mais fechada e nas quais os casais possuem grande coesão fusional, ainda que se apresente neles também certo grau de autonomia, considerando que ambos, marido e esposa, têm suas atividades pessoais e profissionais de maneira autônoma. Em todos os casais, tanto o marido como a esposa trabalham fora ou possuem atividades profissionais em outros espaços; ambos exercem os papéis em relação à família, sendo que o papel da mulher/mãe é mais participativo no que diz respeito ao acompanhamento à socialização e educação dos filhos e no acompanhamento destes em sua vida escolar. Vale colocar ainda, o que já explicitamos no eixo anterior, o fato de que a mulher continua assumindo praticamente de maneira exclusiva a administração da casa e as tarefas domésticas e, quando não assumem totalmente, essas tarefas são delegadas e assumidas por terceiros (funcionárias e/ou avós, quando podem estar presentes), muito embora na fala masculina se reproduza a ideia de igualdade em relação a tais tarefas.

Podemos então problematizar aqui o discurso da igualdade entre homens e mulheres na vida cotidiana das famílias contemporâneas, na medida em que ainda são verificadas desigualdades entre eles no que diz respeito às tarefas domésticas e à inserção profissional. Vale ressaltar que, segundo Kellerhals (2008), nos casais dos tipos ‘Bastião’ e ‘Paralelo’ essas desigualdades são comuns e se estendem para além dos papéis funcionais aos papéis relacionais e à repartição do poder de decisão e, quando se tornam frequentes, vão estar associadas aos conflitos conjugais. A diferenciação sexuada dos papéis e dos poderes, quando não é contrabalançada por uma coesão de natureza fusional, como no caso do estilo Bastião têm, pois, um preço: o do mal-estar psicológico da mulher, e, por extensão sem dúvida, da insatisfação conjugal dos dois parceiros. Essa situação poderá levar a fragmentação ou fragilização da rede comunicacional e vincular do casal e do sentimento de pertença no grupo, podendo originar uma crise ou mesmo uma separação, situações que têm sido muito frequentes nas famílias contemporâneas.

“... foi uma crise fruto de um desgaste... o casamento é algo difícil... foi iniciativa dele e eu entendi, mas foi sofrido para mim... vi a gente com três filhos... rotina pesada... tem uma imagem que ficou na minha cabeça, embora seja apenas o simbólico... fomos a um churrasco na casa de amigos... gente jovem com outro frescor sem esse peso que

naturalmente vai vindo aí a pequena começou a chorar e tinha que ir embora e ele me disse ‘então vá’...isso foi um peso... para mim a gente tinha que ter voltado juntos...’. (Integrante 4 – Grupo)

E, nesses casos, nos perguntamos: como fica a tarefa de socialização dos filhos? Como serão redistribuídos os papéis e como, neste novo cenário, será assumida a função parental, que conta agora com uma situação nova de aprendizagem: uma situação de crise. E, se a crise é seguida de uma separação, as dificuldades tendem a aumentar, pelo menos durante um período, considerando a saída de um dos pais do grupo/espço/casa e o conseqüente afastamento do (s) filho (s).

Fazemos referência à questão da separação e das famílias recompostas, que surgem nesses casos, por entendermos que trazem grandes desafios ao processo de socialização das crianças e a abordagem e estudo do grupo familiar que, neste cenário, vem apresentando maior complexidade no que diz respeito aos vínculos interpessoais, papéis e funções. Em todo caso, cabe aqui discorrer sobre os possíveis momentos de crise nas famílias e as estratégias utilizadas para a superação das mesmas. É o que faremos no próximo eixo.

As famílias estudadas já foram aqui colocadas como apresentando mais características do estilo Bastião (Kellerhals, 2008) e, além da coesão fusional interna e fechamento ao externo, predomina nesta tipologia a regulação normativa. Embora não tenhamos percebido como predominante esse tipo de regulação nas famílias estudadas, a regulação normativa está também presente nestes grupos e, de fato, as regras e as normas balizam a comunicação e a interação, muito embora apareçam traços que denotam também um tipo de regulação comunicacional. Ou seja, há um equilíbrio entre os dois tipos de regulação, na medida em que os grupos familiares não interagem e se comunicam somente a partir das normas e regras estabelecidas pelo e no grupo, mas também constroem formas de interação e de comunicação diferenciadas que podem ou não fluir de maneira mais produtiva.

Segundo o Psicólogo Social e terapeuta familiar Marcos Berstein (2000), é através do vetor da comunicação que se pode visualizar e detectar as dificuldades e os obstáculos entre as pessoas no grupo familiar, como também a maneira como estas pessoas assumem os papéis de líder, porta-voz, bode expiatório e sabotador. Também pode ser visto se existem subgrupos dentro do grupo e até que ponto surgem os maus entendidos ou ruídos na comunicação; ou

seja, o tipo de comunicação permite identificar como está sendo decodificada a mensagem enviada ao receptor, pelo emissor, e se está havendo um entendimento entre eles.

Assim, nos grupos familiares estudados, foi observada a necessidade de se construírem canais mais flexíveis de comunicação que permitissem a expressão das verticalidades de cada sujeito e de suas matrizes e modelos internos, considerando o lugar e o papel de cada um dentro do grupo e isto está relacionado também às novas demandas comunicacionais que vêm surgindo tanto entre os casais na família quanto entre pais e filhos.

“A gente escuta a opinião delas (filhas) e participa tudo, mas elas não decidem as coisas, elas participam de tudo que convém a uma criança da idade delas participar e a gente vê o que é melhor para a família e não o que é bom para uma só...”. (Pai – casal C)

“A gente tem que mostrar os ‘não’ também porque a vida vai mostrar e eles têm que aprender... sempre o ‘sim’ não dá, a vida não mostra só isso, então a gente tem que mostrar e as negociações dão resultado”. (Mãe – casal B)

Podemos dizer ainda, complementando a idéia anterior que, se por um lado foram criados canais de comunicação mais flexíveis, por outro lado percebemos que se tratam de famílias com traços conservadores que, através destes canais de comunicação e dos processos educacionais e de socialização, buscam reproduzir regras, normas e valores apreendidos em suas famílias de origem, mesmo com todas as dificuldades e desafios encontrados diante no novo contexto social moderno e suas novas demandas.

“Lá em casa tem o cantinho da disciplina, a gente procura fazer as coisas direito... tem um cronograminha para as meninas; chegam e vão tomar banho, vão fazer isso, fazer aquilo, todos os deveres, aí sim podem ver televisão, vão poder fazer o seu lazer e elas aceitam bem...”. (Mãe – casal C)

“... a gente procura dar uma educação rigorosa, mas não é nem sombra do que era, então hoje, por exemplo, é inadmissível que um filho não exponha seu ponto de vista mesmo que você ache que ele esteja errado, mas eles falam, cobram, eu nunca pude cobrar a presença de minha mãe porque se ela não fosse trabalhar não tinha sustento em casa e eu não tinha direito de questionar isso (...); eles cobram porque eu não fico em casa, porque a mãe não fica mais em casa (...); hoje você não pode ser tão permissivo a ponto de perder o controle e não pode ser tão autoritário a ponto de você criar um distanciamento da relação pai e filho... isso para nós ainda é uma dificuldade...”. (Pai – casal B)

Nestas colocações se expressam ainda alguns dos inúmeros desafios da família contemporânea em relação à tarefa de socialização dos filhos. Além dos obstáculos que não raras vezes surgem na relação conjugal, frente às desigualdades entre homens e mulheres nas tarefas relacionadas a família; à falta de tempo diante das exigências colocadas pela vida profissional de ambos; à ameaça da fragilização do sentimento de pertencimento frente aos apelos do individualismo e da falta de cooperação; há a constante superação da contradição existente entre o modelo em que foram educados/socializados com o modelo que hoje buscam construir a partir das novas demandas educacionais e comportamentais face ao declínio de valores encontrados nas famílias nucleares tradicionais, como por exemplo, o declínio do patriarcado e da autoridade paterna.

“... hoje eu vejo que os pais para não sentir essa questão, para não gerar esse desconforto de resolver o conflito, acabam permitindo muito mais, então o que eu vejo hoje são crianças pré-adolescentes e adolescentes muito soltos dentro de casa, indo para um nível de discussão com pai e mãe como se estivesse conversando com amigos, lá em casa a gente procura corrigir isso, mas a gente vê que tem conflito, que eles tentam furar esse bloqueio e tentam quebrar essa hierarquia todo momento...”. (Pai – casal B)

Por se tratar de um assunto importante dentro de nosso quadro de análise, na medida em que tem uma relação direta com as práticas educativas e o processo de socialização no grupo familiar, a questão da autoridade será discutida mais à frente no eixo: Verticalidade X Horizontalidade.

Certamente todos esses obstáculos e desafios estão relacionados à sociedade “hipermoderna” (LIPOVETSKY, 2011) e seus mecanismos de reprodução difundidos a partir da cultura individualista, consumista e utilitarista, que vem cada vez mais influenciando as uniões/vínculos conjugais e os grupos familiares já constituídos, ressoando no processo de socialização dos filhos.

“... se você me perguntar: você está na condução da casa? Vocês estão na condução da casa? Vocês estão com as rédeas? Eu diria que às vezes, mas em algumas situações não, as coisas são tão corridas que quando você pára para ver, você fala: ‘eu to a reboque’ nessa situação, então toda hora a gente dá um freio e vê que vai ter que se esforçar mais em algumas tarefas de casa, por exemplo, no começo S (esposa) vinha para o trabalho e ela tava com esgotamento físico e psicológico

muito grande, chegava em casa e basicamente ia dormir e eu também, a gente deixou e a gente sentiu que os dois (filhos) as notas despencaram... na questão do aprendizado e em casa também (...) desestabilizou o nosso dia a dia tanto na vida conjugal quanto no relacionamento com os filhos...”. (Pai – casal B)

Em outra pesquisa com pré-adolescentes, na qual Kellerhals e Montandon (1992) relacionam meio social, dinâmica familiar e práticas educativas, aparece que o estilo educativo é determinado pela classe social, pelo tipo de coesão familiar como também pelo meio social. Para estes autores, o controle e as responsabilidades da família em relação à educação de seus filhos nunca estiveram tão fortes quanto na atualidade, sendo que, ao mesmo tempo, a variedade de parceiros educativos é cada vez maior (creche, escola, televisão, colegas, etc).

Em duas das famílias estudadas, devido não só à falta de uma rede de apoio mais próxima, mas também às dificuldades de encontrar pessoas mais adequadas e capacitadas para cuidar dos filhos, as crianças ficam em turno integral na escola. Inicialmente os grupos tentaram dar conta das tarefas dentro de casa e conciliar o cuidado com os filhos e a vida profissional, mas depois acharam que essa forma estava trazendo mais dificuldades aos dois lados.

“Temos duas filhas, uma de seis e uma de oito... nós não temos família aqui, só meu irmão e as meninas ficam na Escola o dia todo... no começo era uma cozinheira e uma babá, depois viu que não tava dando certo e quando começou a Escola ficava uma só, daí essa última deixou a gente na mão, aí a gente decidiu colocar o dia todo na Escola para não ter esse problema, embora eu fosse contra no começo...”. (Pai – casal C)

Um aspecto significativo que foi trazido pelos pais destas crianças que estão o dia todo na escola e que guarda estreita relação com a educação e a socialização dos mesmos, foi a preocupação com uma possível falta de ‘controle’ em relação à sua educação tendo em vista que estariam mais tempo nesta instituição do que em casa com a família.

“... eu era resistente a isso... pensava ‘não vou conseguir ter controle da educação delas’ tanto é que eu nessa parte sou chato com a educação, entendeu? Tanto é que uma das dificuldades que vejo hoje é colocar minha filha para falar ‘senhor’ e ‘senhora’ independente da idade, porque é muito comum ‘você’ e na escola ela só fala assim...”. (Pai – casal C)

Em relação aos grupos familiares pesquisados, embora todos estejam localizados na classe média, muitas vezes o poder aquisitivo pode oscilar de uma família para a outra. Dos três casais/grupos pesquisados, dois deles mostraram ter um poder aquisitivo um pouco menor e foram nestes dois grupos que os traços de coesão interna e a comunicação mais rígida se apresentaram mais fortes. Observamos ainda que o controle e a responsabilidade pela educação dos filhos se mostraram mais expressivos e que as práticas educacionais eram mais conservadoras e mais ligadas aos modelos relacionados à família de origem. Por outro lado, na família mais favorecida social e economicamente e na qual a coesão interna foi identificada como menor, as práticas educativas se revelaram menos controladoras e conservadoras. Vale ressaltar que tanto nesta última família, quanto nas outras duas, em relação ao controle e às práticas educativas, há uma maior parceria/cooperação com a instituição de ensino e/ou com outros serviços de apoio em casa (funcionárias). Estes dados conformam o estudo de Kellerhals e Montandon (1992).

Ratificamos, mais uma vez, que estamos falando nesta pesquisa não apenas da relação entre os vínculos familiares e suas práticas e/ou estratégias educativas, mas nos perguntamos fundamentalmente pelo processo de socialização que está intrinsecamente relacionado com tais práticas educativas, e que a elas transcende, envolvendo questões muito mais complexas do mundo vincular e social familiar, como a constituição do sujeito e sua subjetividade e seu amadurecimento biopsicosocial.

Como já colocamos anteriormente, em todas as famílias pesquisadas, cada uma com suas características e especificidades, identificamos a atenção e a responsabilidade com o processo de socialização dos filhos, não só através das práticas educativas, do conhecimento e informação transmitidos, mas, sobretudo, através da assunção dos papéis dirigidos a essa tarefa e, portanto, a assunção da função parental, em que pese o papel da mãe tenha sido maior. Identificamos que houve o incremento dos vínculos entre os casais, entre estes e seus filhos e com a família de origem, voltados para o suporte da formação da conduta do sujeito, evidenciando-se uma preocupação com o futuro de seus filhos e uma relação mais produtiva com o meio social. Num segundo momento, esse processo é compartilhado com a instituição de ensino, até porque tais famílias não dispõem de uma rede de apoio familiar próxima, mas o

acompanhamento familiar permanece e continua sendo primordial, ficando a escola com o papel de complementar a educação e reforçar valores repassados na família.

“Tem a questão da conduta, da personalidade, as características da pessoa que eu acho que os pais não devem delegar à escola, isso é da família. Tem coisas que a escola pode fortalecer, reforçar, os bons modos, o conceito de cidadania, ética, mas isso não pode ser delegado a Escola, a escola pode ser uma parceira...o modo como meu filho, a criança, vai se comportar perante a família, aos amigos, a sociedade, perante as pessoas mais velhas, isso tudo ele vai aprender em casa e a escola tem que ser um apêndice...”. (Pai – casal B)

4.3 CRISE X MUDANÇA/SUPERAÇÃO

No presente eixo falaremos das situações de crise vivenciadas pelos grupos familiares, suas causas e consequências, e do modo como tais famílias puderam ou não criar estratégias para a modificação e/ou superação destas situações.

Escolhemos trabalhar com este eixo por dois motivos básicos: o primeiro está relacionado as próprias situações de crise identificadas nas famílias pesquisadas e sua relação com: a) o contexto social externo e b) o processo de vinculação do grupo e sua tarefa. E o segundo motivo devido ao fato de considerarmos o grupo familiar como um espaço de elaboração, transformação e simbolização, no qual se refletem vicissitudes da vida cotidiana que por sua vez geram no grupo modalidades de encontro (ou desencontro) e interação, reverberando em seus papéis e funções.

O que se percebeu é que as situações de crise estão relacionadas tanto ao meio social quanto ao sujeito e suas demandas internas e ainda com os vínculos e as modalidades de interação construídas no e pelo grupo. Em relação ao sujeito e ao grupo são evidenciadas situações de crise associadas aos conflitos conjugais e familiares (seja por questões profissionais, pessoais e vinculares do casal); e as transformações geradas pelas perdas de entes queridos na família e por alguns tipos de doença e/ou transtornos.

Em relação aos conflitos conjugais que resultam em conflitos familiares, podemos repensar os aspectos já discutidos acima, relacionados às desigualdades entre homens e mulheres nas tarefas familiares e na inserção profissional o que gerou situações de crise.

“... há um ano que abri a empresa... não imaginava que fosse tão difícil... eu estava muito mais envolvida aqui... ficava nervosa por questões profissionais e acabava discutindo em casa com E (esposo) e sem querer na frente das crianças... o B (filho mais velho) é mais tranquilo, mas a L (filha menor) não, ela tá muito carente, de atenção, de amor, é difícil você conciliar e aí falei: opa, pera aí, eu to colocando muito na frente o lado profissional”. (Esposa – Casal B)

“De uma hora para a outra S (esposa) teve que virar empresária para cuidar de problemas operacionais, de cliente, administrativo, etc; e sem ter know how e conhecimento então isso mexeu com o aspecto físico dela e com o psicológico, gerou um problema porque uma coisa é aqui na empresa, são dois sócios...; outra coisa é dentro de casa, mas isso se confundiu, foi um caminhão de coisas ao mesmo tempo, o distanciamento dos filhos, os problemas, a perda da funcionária que saiu, as cobranças dos filhos... tudo isso gerou uma crise...mas parece que estamos conseguindo equacionar...minha mãe veio para dar uma ajuda dentro de casa para a gente poder ter essa tranquilidade de fazer as coisas... todo problema tem uma solução, ou você faz parte do problema ou da solução”. (Esposo - casal B)

Em um dos relatos, além das dificuldades advindas com a situação de crise, já se apresenta uma alternativa direcionada a possibilidade de superação da mesma, traduzida pelo apoio da família de origem através da mãe do esposo/pai que vem de outro estado para dar suporte nas tarefas familiares e no acompanhamento educativo dos filhos, tendo em vista que o casal/grupo não está dando conta destas tarefas devido à demanda profissional de ambos e ao desgaste do vínculo conjugal gerado por vários motivos, mas sobretudo pela ausência da mulher em casa, que antes assumia totalmente o papel de mãe, esposa e dona de casa, estando agora quase que de forma integral no trabalho.

Abrimos espaço para alguns questionamentos que ficarão sem respostas, mas que certamente servirão para reflexão em relação às alternativas de solução e superação dos conflitos/crises no grupo familiar: será que essa alternativa para melhoria e/ou superação da crise de trazer um membro da família de origem – a mãe – resultará de fato, eficaz nesse sentido? Na medida em que seria algo temporário? E essa mãe, já idosa? Como se sente ao ter que deixar sua cidade, sua casa, sua família (ainda sendo viúva), suas coisas para vir “cuidar”

da casa de seu filho e de seus netos? Por outro lado essa alternativa demonstra o grau de comprometimento da família de origem com a família constituída que agora conta com sua ajuda e apoio no sentido de que possam se reestabelecer em sua rotina diária e em sua comunicação e cooperação.

A perda de algum ente querido da família de origem ou as transformações originadas nos vínculos interpessoais por alguma doença de algum dos cônjuges foram outros fatores que geraram crise nos casais/grupos familiares.

“W (esposo) tem TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), ele é impulsivo e estoura e isso afeta a todos, a gente faz terapia de casal porque a gente teve problemas sérios no relacionamento por causa disso e a gente tem buscado o melhor possível... as vezes ele chega nervoso e nem sempre eu estou com essa tolerância toda e aí a gente acaba discutindo...apartamento pequeno não tem como a criança não ouvir, mas temos procurado melhorar...”.
(Esposa – Casal A)

“Eu já fazia terapia porque eu tenho TDAH e eu tinha essa dificuldade, vinha sinalizando para que ela fizesse também...até porque em 2008, ela descobriu um tumor na tireoide e ficou muito abalada, teve depressão... e isso afetou nosso casamento... aí começamos a fazer terapia de casal e aí melhoramos o nosso relacionamento e superamos essa fase...”. (Esposo – Casal A)

Ambos, tanto a mãe quanto o pai relatam ainda que esta fase influenciou no processo de educação e socialização de suas filhas, tendo em vista que a mais velha começou a apresentar dificuldades de aprendizado e atenção na escola, sendo diagnosticada com a mesma dificuldade do pai (TDAH), tendo que realizar também um acompanhamento psicológico. A mais nova, por sua vez, depois de um tempo, começou a manifestar um grande ciúme da irmã mais velha e, segundo a mãe, isso foi resultante de uma atenção maior dispensada à filha mais velha pelo seu “problema”. Agora a mais nova também está com acompanhamento psicológico, pois o ciúme excessivo começou a gerar muitos conflitos entre elas de maneira tal que os pais se viram inseguros para intervir na situação sem um suporte profissional.

Para esta família a estratégia de superação das dificuldades e da crise se deu através da busca pela terapia de casal e, num segundo momento, dos filhos, através das problemáticas

que foram surgindo e, segundo o casal, a melhora foi grande em relação à comunicação e aos vínculos familiares, como também em relação ao processo de desenvolvimento de suas filhas que começaram a se relacionar de maneira mais cooperativa e menos competitiva.

O casal C relata dificuldades e crise em sua família após a morte da mãe do esposo, algo que o impactou e que terminou afetando sua vida conjugal e sua relação com as filhas.

“... minha mãe veio a falecer e ela sempre quis ter uma menina, éramos só eu e meu irmão; depois ela sempre quis ter uma neta e quando M (esposa) engravidou ela enlouqueceu de alegria (a mãe) e L (filha mais velha) até hoje tem esse vínculo e ela só tinha um ano quando minha mãe faleceu e ela diz que tá com saudade de minha mãe e começa a chorar...acho que esse momento...isso mudou minha vida e eu já tive conflitos com M (esposa) e minha mãe era um suporte para nós... todo mundo fala que eu mudei, isso marcou, o meu casamento, a nossa vida”. (Esposo – casal C)

“Acho que a crise maior que a gente teve foi depois do falecimento de minha sogra que aí realmente mexeu demais com a família, porque meu marido era bem apegado a mãe... acho que foi aquela coisa mesmo de perda materna, aí ele se distanciou de nossa família e depois a gente teve que resgatá-lo e agora ele tá bem”. (Esposa – casal C)

Nesta família a superação se deu através da própria rede vincular familiar que serviu como espaço de elaboração e simbolização para o esposo e, na medida em que o tempo foi passando, os vínculos foram se reestabelecendo e se reestruturando com a ajuda do grupo no qual a esposa teve um papel significativo, quando se viu diante da necessidade de “resgatar” o marido para que o mesmo sáísse do papel de filho, agora órfão de mãe, e voltasse a assumir o papel de pai e esposo.

Além de compreendermos e ratificarmos aqui, nos elementos encontrados, a importância da família enquanto grupo que vem, com todas as limitações, sustentando a função de socialização de seus filhos – ainda que, algumas vezes, influenciando de maneira não muito operativa neste processo devido às dificuldades que enfrenta em seu cotidiano – identificamos este grupo também como espaço de pertencimento, elaboração, simbolização, sustentação e contenção dos indivíduos nos momentos de crise. Nas famílias pesquisadas, isso ficou evidente, mas poderíamos nos questionar pelas famílias que não têm uma ligação com sua família de origem e aquelas formadas por casais mais jovens, nas quais os membros podem estar mais vulneráveis à lógica individualista e utilitarista da sociedade pós-moderna,

evidenciando uma maior fragilização dos vínculos familiares e menores possibilidades em termos de superação das dificuldades/crises. Em geral, a “solução” nesses casos é a negação das dificuldades individuais, conjugais e grupais e a dissolução do vínculo como maneira mais rápida e adequada de acabar com o conflito/crise.

4.4 VERTICALIDADE X HORIZONTALIDADE

“... hoje é inadmissível que um filho não exponha o seu ponto de vista, mesmo que você ache que ele esteja errado, mas ele fala, um filho cobra, eu nunca tive a oportunidade de cobrar a presença de minha mãe porque se ela não fosse trabalhar não tinha sustento em casa e eu nem podia questionar isso, a sociedade naquela época era diferente...”.
(Pai – casal B)

Essa fala nos remete a abordagem e reflexão de importantes noções e aspectos relativos ao grupo familiar e suas ‘novas’ formas de interação e vinculação geracional frente as mudanças culturais e sociais apresentadas no cotidiano pós-moderno. Para essa discussão, utilizaremos como pano de fundo as noções de verticalidade e horizontalidade consideradas sob dois pontos de vista: um que parte da Psicologia Social e seu dispositivo técnico: o grupo operativo; e o outro que parte de uma leitura sistêmica da terapia familiar, ambas já detalhadas em nosso marco teórico. Questionamos: A família pós-moderna está mais voltada para as relações verticais ou para as horizontais? Com o declínio da autoridade paterna os vínculos são mais horizontalizados? De que maneira a família vivencia hoje o que chamamos de “geração”? Como se dá a transmissão dos valores geracionais? Ou isso não é considerado e muito menos problematizado pela família?

Para a Psicologia Social a verticalidade está definida pela história pessoal do sujeito, ou seja, toda sua “bagagem” histórica vincular e social; tudo o que diz respeito ao seu mundo interno. O conceito ou a noção de horizontalidade está atrelado ao processo atual que ocorre no “aqui e agora” com a totalidade dos membros do grupo. Ou seja, falar de horizontalidade é colocar o foco no campo grupal e sua interação.

Nesta perspectiva há o predomínio da articulação da verticalidade com a horizontalidade grupal para se entender como funciona o todo; esta articulação por sua vez se

dá de maneira dialética e é através do papel do porta-voz no grupo familiar que se pode visualizá-la de maneira mais expressiva, tendo em vista que é este porta-voz que irá cruzar verticalidade e horizontalidade. Só para lembrar, neste caso, Pichon-Rivière fala da doença ou enfermidade seja ela psíquica ou física. Esta enfermidade é manifestada pelo membro que assume o papel do porta-voz do grupo, sendo que este processo de adoecimento nunca está relacionado exclusivamente com ele e sua verticalidade, mas também está diretamente relacionado aos vínculos estabelecidos no grupo, vínculos que em geral são estereotipados e rígidos.

Desde a Psicologia Social podemos considerar esta mesma leitura em relação às condutas anti-sociais nos grupos familiares que em geral extrapolam para outros grupos sociais, a escola, por exemplo, e o comportamento no qual há o uso de drogas. Estes sujeitos aí envolvidos são porta-vozes de uma estrutura grupal (a família) e social.

Para identificar o papel do porta-voz no campo grupal, bem como qualquer outro papel, como o de líder ou de sabotador, é necessário que este grupo familiar esteja em uma situação específica de tarefa na qual cada membro possa interagir com os demais e assim manifestar sua relação com estes, as formas de comunicação e o tipo de vinculação. De qualquer modo, podemos realizar algumas leituras e análises a partir do contexto social no qual estão inseridos esses grupos familiares e que certamente interfere em suas formas de interagir e se comunicar e, portanto, em seus papéis dentro do grupo.

Foi possível observar que em um dos grupos familiares se expressou de uma maneira mais peculiar e bastante contundente a relação entre saúde e doença ou, mais especificamente, transtorno de aprendizagem que ocorreu com um dos membros. Essa relação foi sendo reproduzida desde a família de origem. O casal A relatou que a filha tem TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade) e que essa dificuldade ou transtorno de aprendizagem esteve na família de origem do esposo/pai, através do avô e na família constituída atual no pai que também é “portador”, como também em sua filha. Todos os membros estão fazendo acompanhamento psicológico, inclusive terapia de casal, como forma de superação das dificuldades que se apresentaram em função desta situação nova.

“... nós fazemos terapia de casal, eu e meu marido, P (filha) faz e L (filha mais nova) também, segundo a terapeuta toda família que tem

alguém que precisa de uma atenção maior o outro filho sente e lá em casa L tem ciúme de P porque ela acha que P tem tudo, que toda a atenção é para ela e ela não tem nada... tive até um feedback da escola... que ela agora está ótima...” (Integrante 1 – Grupo)

Não é nossa intenção aqui falar acerca do TDAH, mas vale esclarecer algumas questões básicas. Sabemos que o TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade) é um transtorno que traz comportamentos que apresentam problemas de desatenção, inquietação e impulsividade e que, embora suas causas sejam explicadas através de fatores genéticos e neurológicos, não é negada a ideia de que há também uma relação com o ambiente familiar, seus vínculos e os modelos de conduta aí manifestados. Esta é também a posição da Psicologia Social que procura estabelecer a regra da policausalidade para todo fato e/ou fenômeno, seja ele de que ordem for. Todo fato ou fenômeno não tem uma única causa, mas várias e todas elas tem uma relação entre si.

O grupo demonstra ter consciência disto e por isso partiu para a adoção de atitudes no sentido da mudança e superação. Aqui podemos afirmar que o papel do porta-voz aparece no pai, através de sua relação com sua família de origem, e na filha mais velha a partir de seu vínculo com esta família atual, sobretudo com o pai que é o ‘portador’. Assim, compreendemos que, desde a Psicologia Social se diz que o papel de porta-voz cruza a horizontalidade do grupo com a verticalidade do sujeito na família.

Para a terapia familiar sistêmica (Fourez, 2000), como já detalhado anteriormente, o entendimento dos conceitos de verticalidade e horizontalidade está ligado a determinadas representações sociais e históricas, como também as fases da história e seus respectivos modos de produção econômica e cultural. A verticalidade representa ou simboliza o mundo do invisível e do abstrato, que transcende o horizontal. O horizontal simboliza o mundo das aparências, do concreto, o nível humano, as relações inter-humanas e pessoais.

Partindo destas idéias e retomando a fala que introduz a análise do presente eixo, observam-se claramente as mudanças na forma de interação e vinculação, entre os papéis de pai e filho e, portanto, as transformações que se dão de uma geração para outra no grupo familiar. Isso foi visualizado em todos os grupos pesquisados, embora cada um com suas formas de expressão deste vínculo a partir de suas verticalidades.

Em todos os grupos aparece a atitude de valorização pelo diálogo e negociação permanentes com os filhos que estão sempre em posição de questionar e/ou de cobrar posturas, ações e coisas dos pais. Estes, por sua vez, se esforçam muito para que os filhos se sintam satisfeitos em suas demandas, ainda que isso possa se realizar através de um caminho custoso para os pais, que muitas vezes não se sentem preparados para lidar com tais reivindicações, até porque esta não foi a maneira com a qual foram socializados/educados.

“É difícil porque como minha educação foi rígida, eu não sei como lidar; lógico que a gente procura ser moderno também, até porque, por exemplo, meu pai não deixava a gente ver novela quando criança porque segundo ele não prestava... a gente chorava, mas ele não deixava... meu filho ontem comentava a novela, mas a L (filha) queria ver e eu acho que é muito apelativo... os tempos são outros... a gente tem que ser aberto e conversar muito e bem conversado senão eles vão ver na rua...”. (Mãe – casal B)

“... meus pais me deram uma educação tradicional, de respeitar os mais velhos, nada de ficar respondendo como a gente vê hoje em dia criança respondendo a torto e a direito, e eu ainda apanhei algumas vezes, nada de espancamento, mas aquele tapinha que é para educar... (...) isso inclusive é um conflito entre mim e meu esposo porque para ele é inconcebível esse tapinha, para mim não...porque fui criada...”. (Mãe – Casal C)

“Acho difícil. Que elas não me ouçam, mas as vezes dá medo, porque assim quando penso como foi minha infância, o respeito pelos pais, pelos mais velhos, pelos professores...e hoje vejo elas...as vezes a gente conversa e se questiona certa rigidez na educação delas, mas aí volta e meia a gente ouve as pessoas parabenizarem elas pelo comportamento... e apesar de achar que em alguns aspectos estamos um pouco rígidos, parece que isso está surtindo efeito”. (Mãe – casal A)

Nesse sentido podemos considerar que há uma tendência para os vínculos familiares estarem mais voltados a horizontalidade do que para a verticalidade, ainda que em todos os grupos esteja preservado o valor da família de origem e algumas de suas tradicionais práticas educativas que, muitas vezes, mesmo sem a possibilidade do diálogo, serviram para direcionar os filhos. Estes filhos, agora pais, entram em conflito quando são postas, as demandas de seus filhos e os valores impostos pela sociedade pós-moderna e, como se não bastasse, ainda têm que entender e buscar colocar em prática algumas das novas e inúmeras possibilidades de intervenções e conhecimentos da área educacional.

Além de estar relacionada a crescente abertura na interação/comunicação entre pais e filhos e da valorização de um permanente diálogo e negociação nesse vínculo, a tendência a uma maior horizontalidade nas relações do grupo está também vinculada ao papel do pai que foi sendo modificado com o passar dos anos. O pai aparece agora como alguém que de fato assume sua função de educador e formador, aliás, a preocupação e participação mais expressiva do homem/pai nos grupos estudados é nesse sentido, muito embora alguns estejam mais presentes do que outros e que todos estejam menos presentes do que a mãe, considerando a função de socialização/educação. Essa maior proximidade do pai no processo de socialização e educação do filho, pode estar relacionada a um dos motivos que levaram a transformação desse vínculo, como também à autoridade partilhada com a mãe. Por outro lado, essa abertura na interação e mudança na rede vincular e comunicacional, sem a assunção da função parental (que está a cargo não só da mãe, mas também do pai), que não pode prescindir de uma certa autoridade, voltada para a orientação e a formação dos filhos, pode gerar dificuldades e conflitos geracionais e familiares.

“... o que vejo hoje são crianças, pré-adolescentes e adolescentes muito soltos dentro de casa, indo para um nível de discussão com pai e mãe como se estivesse conversando com amigos... lá em casa a gente procura corrigir isso... mas a gente vê que eles tentam a todo momento furar esse bloqueio e tentam quebrar essa hierarquia a todo momento...”. (Pai – casal B)

E aqui abrimos um parêntese para discutir sobre a questão da autoridade que consideramos fundamental quando se fala do processo de socialização (e das práticas educacionais relacionadas a este), através do qual serão dadas as primeiras noções de possibilidades e de limites aos filhos no grupo familiar. Partindo desta tarefa, como prescindir da autoridade no exercício da função parental neste âmbito?

De acordo com Richard Sennett, a palavra autoridade é derivada da palavra latina *auctor* que significa autor. Isto quer dizer que a pessoa que exerce a autoridade seria aquela que gera, que inventa ou produz algo e assim oferece garantias a terceiros sobre o valor do que se faz (SENNETT, 2001, p. 32). Nesse sentido, esta ideia contribui muito para a compreensão que buscamos do assunto, tendo em vista que registra a questão do sentimento no modo como se exerce a autoridade, ou seja, para este autor, o que deve ser notado é o quanto de sentimento de autoridade está nos olhos de quem a vê ou a recebe.

Em seu texto: “Jovens de classe média infratores e a questão da autoridade”, Bastos e Rabinovich (2012) questionam se não estaria havendo a ausência ou o enfraquecimento da autoridade nos meios de socialização da pessoa, considerando que antes, diferentemente de hoje, a autoridade do pai era um pilar regulatório. E em seguida pontuam os impactos das transformações na família em seus aspectos mais contraditórios e menos operativos, ressaltando que a partir daí a autoridade da casa foi sendo segmentada e substituída por instituições externas à ela, como o Estado.

A questão da rejeição, negação ou falta do exercício da autoridade também pode estar relacionada às dificuldades que se apresentam hoje na sociedade e seu frágil vínculo com a dimensão vertical, como também nos entraves para se articular esta dimensão com a dimensão horizontal, de acordo com a perspectiva trazida por Fourez (2000), já detalhada anteriormente. Mas aqui retomamos a ideia de que, quando se trata da vinculação pais e filhos, o registro é feito, de preferência, na vertical. No campo familiar o vocábulo ‘vertical’ significa ainda a sucessão das gerações que constituem a descendência. Neste contexto articulam-se, pois, permanentemente, verticalidade e horizontalidade (fratria). Entretanto, “o mundo pós-moderno parece ter-se estruturado à maneira horizontal; a horizontalidade parece ter-se tornado uma religião, da qual os grandes padres poderiam chamar-se cibernética, informática e computadores”. (FOUREZ, 2000, p. 10).

“... tem pais que acham que é a escola que tem que resolver problemas da criança, mas é a família...” (Integrante 5 – Grupo)

“... acho que de um modo geral esta difícil à criação dos valores, dar os limites...”. (Integrante 1 – Grupo)

“Você não sabe se está repassando o certo... meus pais me deram uma educação, mas será que essa educação é a melhor? Do jeito que as coisas estão tão mudadas... está tudo tão diferente!” (Integrante 2 – Grupo)

A pós-modernidade vem retirando do mundo a dimensão da verticalidade e combatendo tanto suas restrições, quanto o apoio e a proteção que esta mesma verticalidade pode fornecer. Assim nos perguntamos: como o grupo familiar pode sustentar e dar apoio aos processos subjetivos de seus filhos se, em nome de uma cultura horizontalizante e

individualizante, vem abrindo mão do vínculo com a dimensão vertical e da autoridade nela inscrita?

Mesmo com todos os desafios apresentados e vivenciados nestes grupos, identificamos que em todos eles apareceu a valorização pela conservação dos vínculos com a família de origem, mesmo esta estando longe, como também a preservação de alguns valores transmitidos por estas famílias e que a família atual, no exercício de sua função, vem buscando reproduzir, como por exemplo: o respeito aos mais velhos, o respeito as diferenças, o respeito ao espaço dos outros, ser honesto, ter bons modos, etc. Entretanto, a reprodução de tais valores encontra obstáculos, sobretudo numa sociedade em que predomina a lógica do individualismo e do consumismo, como também práticas discriminatórias em relação a pessoas e grupos diversos. Além disso, parece que a rapidez com que se veiculam as novas informações, condutas e estilos em diversos setores e mídias, abre um espaço maior para as diferenças de gostos/estilos e para a mudança de valores familiares e sociais.

(“... você tem que se aproximar, mas é difícil você se aproximar porque os nossos gostos são diferentes, hoje quando eu ouço uma música que eles gostam, eu falo ‘meu Deus!’(...) tem umas músicas que a gente odeia... a funcionária coloca umas músicas, esses pagodes aí ‘tô ficando atoladinha’, ‘rebolation’ essas coisas aí!, então não é o tipo de coisa que eu queria, não é o estilo musical que eu queria trazer para dentro da minha casa, mas tá lá e aí você tem que contornar aquilo, resumindo, você tem que encontrar condições de conversar, de mostrar as coisas mas sem interferir no gosto pessoal porque tem a questão do livre arbítrio, falar: ‘olha essa roupa não é para sair de dia é para sair de noite’, ‘se quiser ir você vai, mas tá fora do contexto’, ‘essa música não é boa’...conversando até vai, mas dizer que vai colocar isto ou fazer aquilo, acho que os pais não tem mais esse controle”.Pai – Casal B)

4.5 NOVAS TECNOLOGIAS X NOVOS VÍNCULOS X NOVOS MODELOS DE APRENDIZAGEM

Não poderíamos deixar de considerar de maneira mais detalhada em nosso estudo os grandes e intensos avanços tecnológicos, como também a difusão da informação através das redes sociais e suas possíveis repercussões nos modos de vinculação e nas modalidades de interação familiar. De que maneira a família vem lidando com estes novos recursos tecnológicos e o aumento da difusão da informação nas redes sociais? De que forma isso vem

se manifestando no processo de educação e socialização? Esses recursos estão sendo utilizados como suporte e apoio ou como ameaça e controle da educação/socialização dos filhos? Que modelos ou matrizes de aprendizagem tendem a ser construídos a partir destas mudanças na família? Estas são questões que buscaremos discutir aqui neste eixo.

“... mesmo num mundo tecnológico a gente tenta fazer com que elas (as filhas) curtam a infância como nós curtimos... acho que tem que brincar de boneca, assistir programas educativos e interativos... é mais DVD infantil, tem programas que elas não assistem. (...) elas podem brincar no computador no fim de semana, mas com a supervisão da gente, elas não têm esse negócio de facebook, essas redes porque não vemos necessidade... meu irmão deu um celular a L (filha mais velha), mas ela mal usa, deixa em casa e não leva para a escola...”. (Pai- casal C)

Os emergentes que aqui aparecem através do pai de um dos grupos, estão relacionados à nova ordem social, econômica e cultural e suas novas tecnologias e redes sociais e de comunicação que invadem cada vez mais e mais rápido a vida cotidiana da família, do trabalho e do tempo livre, reorganizando as formas relacionais e vinculares entre as pessoas, com o tempo e os espaços, imprimindo nestas formas um ritmo mais acelerado.

A realidade social começa a se organizar (como também as suas instituições) através destes avanços tecnológicos, da internet e das redes sociais (realidade/espço virtual), como também em termos produtivos através do aumento de serviços, ofertas e de consumo. O consumo passa a ser então um elemento comum a todas as classes sociais, cada uma com seu próprio perfil e poder de compra e acesso às novas tecnologias.

“... com esse tempo de modernidade e tecnologia... muita informação... acho assim que tá muito difícil criar, dar educação... como tudo está muito a mão as vezes o filho vem e pede determinada coisa e eu falo ‘não’ e ele pergunta ‘porque não? A mais nova questiona mesmo!’” (Mãe – casal B)

Em todos os grupos familiares que participaram deste trabalho, os casais manifestaram que se sentem muitas vezes “reféns” do apelo sistemático ao consumo e à informação indiscriminada. Todos falaram sobre as dificuldades de argumentação e orientação no sentido de colocar limites nos “desejos de consumo” dos filhos, não raras vezes promovidos e incentivados pelas mídias e pela convivência com outros grupos sociais. Este dado aparece como um dos grandes obstáculos enfrentados pelas famílias na atualidade em relação à

socialização/educação dos filhos, juntamente com outro dado que diz respeito às dificuldades em mensurar o controle (ou a falta deste) do uso de aparelhos tecnológicos, como tablets, minigames, celulares, computadores, etc., como também do acesso e uso das redes sociais.

“... essa garotada de hoje infelizmente ou felizmente tem a facilidade da internet então tem muito mais informação do que nós tivemos... a informação boa é bom, mas a informação ruim não e se você não estiver ali para filtrar, a informação acaba sendo ruim para o ambiente da família... eu passo por isso; por exemplo, eu não tenho como, por mais que eu controle o acesso de meu filho mais velho a internet, eu não tenho como ficar todos os dias olhando o computador depois que ele vai dormir para ver em que site ele está entrando e o computador fica no quarto dele... e tem a questão da privacidade, por isso eu procuro investir em conversa e bate papo e tento trazer ele para perto”. (Pai – casal B)

“... a gente procura controlar, elas não têm acesso às redes sociais, facebook, Orkut, porque achamos que é prematuro, não tem celular inclusive, para que não se comuniquem com outras pessoas que a gente não vai ter o controle... a gente acha que elas não têm idade suficiente para lidar com isso...”. (Pai – casal A)

Tais relatos confirmam o que já citamos anteriormente em relação ao controle, ou pelo menos a tentativa de controle do acesso dos filhos à informação e às novas tecnologias, partindo do pressuposto de que as crianças necessitam de acompanhamento em seu processo de educação e socialização para que não leiam, vejam ou acessem algum tipo de informação que ainda não tenham maturidade para entender, resultando em dificuldades comportamentais e vinculares no grupo familiar. Em todas as famílias a atitude de acompanhamento e controle nas práticas educativas e de socialização em relação a tais aspectos ficou bem visível, entretanto, fica evidente também a falta de segurança em relação as estratégias utilizadas para esse controle, ou seja, prevalece em geral o questionamento se, de fato, tais formas de controle estariam sendo eficazes, tendo em vista que o apelo excessivo e incansável das mídias, sobretudo da TV e da internet, não se encontra só em casa ou na escola, mas em vários lugares e locais aos quais as crianças também têm acesso, como no condomínio ou na casa de parentes e colegas, etc.

Por outro lado, e mesmo que esse emergente apareça em proporção bem menor que aquele relacionado aos limites, controle e ao receio do acesso à “má informação”, a facilidade de acesso à informação com a revolução das redes sociais e da internet, apareceu como um

ponto positivo no que se refere ao suporte em relação ao acompanhamento das atividades escolares.

“... agora se a gente não souber a gente faz pesquisa, vai no Google...ou em algum site, já que as vezes o livro não tem todas as informações ou não tem a informação completa para ajudar nosso filho... e não dá para colocar tudo nas costas da Escola, é um trabalho em conjunto”. (Mãe – casal B)

Somando-se aos obstáculos e dificuldades enfrentados na tarefa de controle e limite dos filhos nos aspectos acima relacionados, como os próprios casais entrevistados verbalizaram, está o fato de que a grande maioria das famílias de hoje não têm um cuidado maior em relação ao acompanhamento dos filhos, tendo em vista que estão muito ocupados em seus trabalhos fora de casa e, quando voltam para casa, muitas vezes ainda continuam trabalhando no computador ou respondendo e-mails.

Não foram identificados relatos nos grupos que demonstrassem alguma dificuldade entre os casais e em seu vínculo conjugal, em relação ao uso de tecnologias, embora exista em geral um consenso de que hoje, o uso intenso dos aparelhos, sobretudo celulares e computadores, como também o acesso sem limites às redes sociais podem influenciar na relação conjugal e na maneira como o casal se vincula. Contudo, em nosso estudo, as dificuldades relacionadas a estes aspectos só foram detectadas em nosso estudo na relação entre pais e filhos e não entre os casais.

Outro dado que apareceu na voz de quase todos os entrevistados em sua leitura das famílias atuais, traz dois componentes que estariam implícitos na relação cotidiana entre pais e filhos: culpa e compensação; ou seja, já que os pais não dispõem de tempo suficiente para doá-lo aos filhos, o sentimento de culpa os faz compensar sua ausência através do consumo de bens materiais (roupas, brinquedos, jogos eletrônicos, tablets, etc.) para os mesmos, como também através do excesso de permissividade em relação as suas atitudes, inclusive em relação à utilização indiscriminada de tecnologias e o acesso a informações que ainda não estariam condizentes com sua faixa etária.

“Eu vejo assim, as pessoas hoje tem uma característica dos dois, pai e mãe trabalham e tendem a dar menos atenção aos filhos, e certamente por isso procuram compensar essa falta de atenção com bens materiais

e em fazer todas as vontades dos filhos, dar tudo o que eles querem, há uma preocupação exacerbada em querer satisfazer as necessidades das crianças, quer dizer suprir essa atenção através de coisas materiais, e a gente tem tido uma preocupação nesse sentido de que atenção não é isso, mas sim qualidade e, no momento em que a gente tem oportunidade a gente tá sempre mostrando isso a elas...”. (Pai – casal B)

Como já colocamos em todos os grupos apareceu a preocupação com o tempo dedicado aos filhos, não só através da presença física de ambos, pai e mãe, mas também a partir do convívio diário e da transmissão dos valores já referidos acima (que os pais trouxeram de suas famílias de origem). Em duas famílias esta tarefa se apresentou com alguma dificuldade devido ao tempo dos pais dedicado ao trabalho por características mais pontuais de ambas. Em uma delas, no momento específico em que o casal (casal B), buscando melhorar a renda familiar, abre uma empresa e é a mulher que sai de casa para dirigi-la retomando sua vida profissional e o esposo tem que reajustar seu tempo para que os filhos não fiquem sem um acompanhamento apropriado. Este grupo/casal ainda está vivendo essa fase e está buscando os ajustes necessários considerando que os filhos já apresentaram algumas dificuldades, sobretudo no rendimento escolar.

Em outra família na qual o pai viaja muito e a mãe trabalha fora e a filha mais nova fica muito tempo sob os cuidados de terceiros, embora a mãe esteja sempre buscando acompanhá-la em seus processos de aprendizagem quando está em seu convívio.

“... fiquei quase quatro anos em casa e quando eu voltei a trabalhar e eles sentiram muito e eu achava que B por ser mais velho não ia sentir, mas sentiu também... agora a empresa está com um ano e meio... eles sentiram muito mesmo... as notas foram lá para baixo, mas a gente tenta fazer um esforço, chega cansado... todo mundo tem problemas... a gente acha que é só de uma pessoa, mas os problemas são de todos...”. (Mãe – casal B)

Poderíamos nos questionar aqui pelas matrizes de aprendizagens ou modelos internos que estariam sendo organizados e significados pelos filhos destes casais/grupos familiares, problematizando assim a maneira como os mesmos estariam apreendendo sua experiência de vida a partir dos vínculos aí estabelecidos – as ausências e/ou papéis não assumidos, ainda que momentaneamente. Tais matrizes ou modelos poderiam ser menos favorecedores da aprendizagem não só na família como também fora desta, como por exemplo, na escola,

levando a criança a apresentar algumas dificuldades de aprendizagem. Como também matrizes ou modelos mais estereotipados, levando a uma ausência de responsabilidade ou de atenção com as próprias tarefas. Em um dos grupos, a mãe relatou que sua filha estava errando todo o dever da escola repetidamente e que num dado momento ela percebeu que isso era para chamar sua atenção, já que ela estava ficando muito ausente de casa e a filha estava ficando carente de sua atenção.

Mesmo com muitas dificuldades e condições adversas impostas pelo dia a dia, não identificamos nos casais entrevistados, pais e mães, a ausência da assunção de seus papéis em relação aos filhos na medida em que os mesmos estão quase sempre balizando suas atitudes em função da tarefa de socialização e educação destes. Ainda assim, consideramos aqui um importante emergente que surgiu na fala de todos e que tem relação com a não assunção da função parental na família e, como consequência, com a possível ‘terceirização’ do processo de socialização e educação dos filhos que estaria então sendo delegado a terceiros como a escola, alguns parentes mais próximos ou ainda a profissionais como babás ou auxiliares.

“... a partir do momento que a mulher sai de casa os filhos ficam normalmente sozinhos ou com funcionárias que não tem a mesma formação, educação religiosa, cultural e acadêmica que os pais têm, então com esse distanciamento da mulher, porque o marido já tinha, veio a questão da culpa, então muito do que se tinha antes de regras familiares de bons modos e educação dos filhos, muito se perdeu, na minha opinião por dois motivos: primeiro pela falta da repetição constante, por que a gente aprende muito por repetição, então quando a mãe ou o pai estão em casa, ou a mãe mais, cobrando: ‘oh, tire o chinelo dali, arrume sua cama, toalha do banho em tal lugar, roupa suja em tal lugar’; isso são os bons modos ... isso tudo é o pai ou a mãe que faz, quando a criança não tem o pai e a mãe em casa, só tem a funcionária ela acaba agindo da forma que quer, então você vê crianças que só falam gírias, falando errado, colocando as coisas fora do lugar, porque ela tem alguém que vai recolher e não vai dar limites a ela...”. (Pai – casal B)

Complementamos que, senão totalmente, pelo menos parcialmente este processo de socializar e educar em algumas famílias estaria sendo de fato delegado a terceiros e isto é um dado bastante preocupante no mundo de hoje considerando todos os apelos explícitos e os mandatos da nova ordem social e cultural.

Nos grupos pesquisados, por exemplo, ainda que os pais venham buscando assumir seus papéis e funções, ficaram evidentes os obstáculos em relação a dois aspectos que podemos considerar também como emergentes: a abreviação da infância através do apelo social e sistemático das mídias e aí estaria inserida a questão da educação e orientação sexual dos filhos; e a experiência da infância que hoje já não é mais vivida como antes/antigamente.

“... como você acha que eu vou educar as meninas nesse sentido, porque hoje em dia está muito difícil... eu tenho uma conhecida que trabalha no colégio X e ela já pegou uma menina de 13 anos na escada fazendo sexo oral com um menino; falei ‘meu Deus, como é que eu vou educar o que eu vou falar? Então tá muito difícil hoje em dia isso... fora a questão do homossexualismo também... o que eu vou dizer? Como vou explicar isso para uma menina de 7 anos?’. (Integrante 3 – Grupo)

“Não dá para deixar sem resposta, mas também não se pode antecipar as coisas... o que P (filha) ouve ela divide com a irmã, ela ainda é muito menina e eu e o pai segurando... a gente acha que pode ser mais natural... mas elas têm chegado com questões que não são para a idade delas e ouvem na escola... essa semana uma chegou dizendo que o coleguinha M chamou F para transar... e aí ela perguntou para mim: ‘minha mãe o que é transar?’... eu não vou explicar para ela o que é isso do jeito que é não vejo necessidade... respondi sem dar maiores detalhes...”. (Integrante 1 – Grupo)

Estas falas mostram que as práticas educacionais estão sempre sendo postas à prova quando se trata de uma adequação aos novos moldes e estímulos relacionais da sociedade (que certamente estão relacionados à informação sem filtro) e seus contornos mutáveis e pouco delimitados. Isso pode gerar em algum momento da vida familiar uma falta de sustentação da relação do casal com sua função parental e, portanto, certa fragilidade no vínculo entre pais e filhos, gerando ansiedade e mal estar por se verem sem instrumentos ou conhecimentos eficazes para lidar com situações novas e inusitadas no dia a dia.

Nesse sentido, concordamos que a rapidez e a intensidade com que chegam as informações e como se dão as práticas e relações sociais na vida cotidiana contemporânea não favorecem e muito menos fortalecem os processos educativos e de socialização desenvolvidos na família, tendo em vista que tais processos necessitam de um tempo de permanência mais duradouro e “contínua” para e entre os indivíduos. Como isso é uma qualidade difícil nos tempos atuais, paira uma instabilidade e uma incerteza na família quanto à assunção desta função.

“Se educação tivesse receita eu gostaria de ter uma... é muito difícil educar, às vezes você escuta fulano foi na escola defender a criança, a criança bateu, roubou... a gente julgar é muito fácil, a gente acha que educação é obrigação de pai e mãe, mas sei lá, eu procuro dar a melhor educação possível, mas será que é mesmo a melhor educação possível que eu estou dando? Às vezes você critica o pai e a mãe, não sei, mas de repente aquela educação é boa para eles... como hoje os valores estão todos do avesso...”. (Mãe – casal B)

Sennet (2012), falando sobre a corrosão do caráter na sociedade contemporânea coloca:

“O que é singular na incerteza hoje é que ela existe sem qualquer desastre histórico iminente; ao contrário, está entremeada nas práticas cotidianas de um vigoroso capitalismo. A instabilidade pretende ser normal...”. (SENNET, 2012, p. 32)

Diante de algumas colocações verbalizadas nos grupos, identificamos algumas questões acerca da infância e tais questões nos levaram à seguinte reflexão: até que ponto estas crianças de classe média, que passam o dia na escola ou não, que têm outras atividades fora da escola como, por exemplo, balé, inglês e Kumon, que têm acesso ao consumo e às tecnologias e informações; que estão sendo acompanhadas pelos pais em seu processo de aprendizagem, enfim, até que ponto elas têm infância?

“... a infância de hoje é diferente da infância de ontem... a que a gente teve... outro dia eu fiquei feliz da vida porque vi L (filha) pulando corda... falei ‘gente minha filha sabe pular corda!’”. (Integrante 3 – Grupo)

“... meus filhos não sabem andar de bicicleta... e ainda não aprenderam... com nove anos... são outros tempos... e a gente fica comparando e lembro-me dos nossos pais também... porque os nossos pais também viveram uma infância maravilhosa. Meu pai conta que meus avós não tinham dinheiro para comprar e não tinha aquela coisa que tem hoje de ter todos os brinquedos... meu pai fala que o cavalinho dele era um pedaço de pau de vassoura... e fazia às vezes a cabeça de um cavalo de papel e vivia brincando de cavalinho...” (Integrante 2 – Grupo)

“... quando eu tinha uns nove para 10 anos gente se mudou lá em natal para um conjunto que tinha aquelas casinhas tudo igual... a gente se mudou e foi logo no começo do conjunto e tinha muitas casas vazias e o que a gente brincava de polícia e ladrão, entrando nas casas, pulando o muro, imagine... os meninos da rua... eu era uma moleca e eu juro que tinha a percepção de que eu tinha uns pais maravilhosos que deixavam eu fazer isso... porque eu tinha colegas que ficavam mais dentro de casa porque os pais não deixavam sair... eu valorizava

aquilo... tinha um lugar que chamava barrerão e era só terra e a gente voltava todo sujo de terra... hoje não dá...”. (Integrante 4 – Grupo)

“... aonde é que hoje nossos filhos brincam? Em shopping. Que coisa né!” (Integrante 5 – Grupo)

A partir destes emergentes repetimos aqui a pergunta do documentário de Liliana Sulzbach (2000), *Invenção da infância* (que busca repensar sobre a infância no mundo contemporâneo), no qual o narrador questiona: “Ser criança significa ter infância?”.

Mas os limites para vivenciar uma infância mais rica e com liberdade não estão unicamente no excesso de atividades fora da escola, no consumo desenfreado por brinquedos e/ou brincadeiras que as impedem de pensar e agir por si mesmas de maneira crítica e criativa, no excesso de TV ou de jogos eletrônicos, mas também estão atrelados a dois outros aspectos não menos importantes: a) A insegurança e instabilidade dos pais para deixar que seus filhos vivam de maneira mais livre e solta; e b) A preocupação com o futuro dos mesmos justificada pela grande demanda em relação ao aprendizado de novos conhecimentos e habilidades para ser admitido pelo mercado de trabalho.

“... acho que toda essa preocupação... nós moramos numa cidade grande... as mães do interior pelo menos na minha infância eu não via tanto essa preocupação... não tinha essa preocupação toda... essa coisa assim ‘não vai’, ‘não pode’; a mãe falava ‘tchau pode ir’... era uma coisa mais livre... acho que hoje em dia a gente tem mais insegurança em função do mundo das coisas...” (Integrante 3 – Grupo)

“... nós estamos num mercado de trabalho competitivo e a gente pensa ‘poxa não quero que meu filho sofra tanto para chegar onde eles querem chegar’, então sem querer a gente acaba imprimindo muitas tarefas para eles desde pequeno já... você vai fazer kumom, balé, isso, aquilo... porque a gente sabe que lá na frente o mercado de trabalho vai cobrar... o inglês mesmo... na escola não tem inglês... fico pensando ter tempo para levar para fazer inglês...” (Integrante 2 – Grupo).

“... o medo de deixar seu filho no play e alguém mexer... tô morando praticamente na porta da escola, uma estuda de manhã e a outra de tarde... eu com 10/11 anos eu saía de Argoim, minha cidade, para estudar em Castro Alves, eu pegava um ônibus todos os dias na frente de minha casa e ia para Castro Alves... ia sozinha, sem pai e sem mãe, estudava e voltava nesse ônibus... a gente hoje não deixa...”. (Integrante 1 – Grupo)

Os vínculos familiares que vêm sendo estabelecidos no contexto apresentado e, portanto, neste tempo, espaço e ritmo acelerados da vida cotidiana e suas novas demandas, não oportunizam às crianças o seu crescimento de maneira mais livre e mais saudável. E aqui queremos dizer que, do ponto de vista da Psicologia Social, tais crianças estariam cada vez mais cedo se adaptando de maneira mais passiva à realidade e desenvolvendo matrizes de aprendizagem mais empobrecidas em relação ao seu convívio em família e em sociedade, já que as habilidades que estão sendo solicitadas não requerem uma vinculação mais aproximada e mais duradoura com os demais, perdendo-se cada vez mais a noção de comprometimento ou compromisso, com sua própria vida e escolhas e, portanto, com a vida dos outros.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso estudo, buscamos abordar a dinâmica interna do grupo familiar contemporâneo, enfocando a questão da ressonância dos vínculos aí construídos no processo de socialização dos filhos. Nesse sentido e objetivando não perder de vista o nosso enfoque, inicialmente partimos da abordagem do casal – núcleo central que deu origem a estrutura do grupo familiar – que, por sua vez, tem a função de sustentação dos processos de constituição do mundo interno e da conduta do (s) indivíduo (s), objetivando sua adaptação ativa à realidade.

Afirmamos acima, como também nos instrumentos que utilizamos para abordar e chegar ao casal/grupo/família, o caráter estrutural do grupo familiar, reforçando nosso entendimento de família como uma forma específica e diferenciada de relação vincular e social. Este seu caráter estrutural e essa sua especificidade permitiu abordá-la como unidade de análise, aproximando-nos dela para efetuar uma investigação científica na busca por respostas às nossas indagações.

Como unidade básica e diferenciada de interação, a família aparece como instrumento socializador, no qual o sujeito adquire sua identidade, sua posição individual dentro da rede interacional. A funcionalidade e a mobilidade de tal posição, como coloca Pichon-Rivière (1998), assinalarão o grau e a natureza de adaptação nesse contexto grupal, do qual cada sujeito é porta-voz. Por outro lado, a posição e adaptação deste indivíduo ao contexto familiar e às modalidades de interação aí estabelecidas em função do processo de educação/socialização, refletirão na relação deste indivíduo com o contexto comunitário e social.

A Psicologia Social de Pichon-Rivière pergunta pelos vínculos interpessoais em diversos contextos, inclusive no contexto grupal-familiar, objetivando compreender como a modalidade vincular aí construída ressoa nos processos de ensino-aprendizagem, na construção das matrizes e modelos internos, bem como nas resoluções e/ou superação dos conflitos em momentos de mudança e/ou crise (de qualquer origem e ordem), que podem emergir a qualquer tempo num grupo familiar. Por esta razão, tivemos o cuidado de, em todo momento e etapa de nosso trabalho, colocar a lente da Psicologia Social para contemplar a

família como uma “trama de vínculos” que transcende conjugalidade e parentalidade, utilizando assim uma abordagem mais ampla e ao mesmo tempo mais complexa de relações vinculares que dão origem e que vão compondo o grupo familiar. Além disso, e mesmo sabendo que nosso objeto de estudo tem um perfil delimitado por questões teórico-práticas, partimos de uma compreensão da família como sendo uma realidade em permanente mudança e, por este motivo, não objetivamos chegar aqui a uma posição conclusiva em relação às questões identificadas.

Vale dizer que a lente que colocamos para nos aproximar e fazer a leitura, interpretação e análise da realidade investigada, esteve num permanente diálogo com a abordagem relacional da família em Donati (2008), tendo em vista que esta, como aquela, não é unicamente um modo de conhecer e compreender a família, sendo também um instrumento de interpretação, análise e intervenção desta realidade vincular, grupal e social. Na Psicologia Social, a família é também reconhecida e problematizada como sendo uma estrutura diferente das demais relações, grupos e organizações sociais (embora esteja em permanente relação com estes e seja atravessada por toda a estrutura econômica, cultural, política e social que a envolve), através dos quais os indivíduos vivenciam os seus processos de aprendizagem após suas experiências no grupo familiar. É na família e a partir dos vínculos aí construídos, que tais indivíduos, através do processo de socialização/educação e de transmissão de valores culturais, constituem-se em sujeitos de conhecimento e aprendizagem, podendo estar mais ou menos “adaptados” para conviver em sociedade.

Partindo destes pressupostos, apresentamos nossa análise e discussão em eixos temáticos ou interpretativos através dos quais foram identificados e discutidos vários aspectos e problemáticas relacionadas ao grupo familiar, seus vínculos e à maneira como estes vão influenciando ou não o processo de socialização e educação dos filhos.

Constatamos que na família, ambos, homem e mulher, continuam assumindo seus papéis, sobretudo em relação à procriação, criação, educação e socialização dos filhos, sendo que o modo que vêm se estabelecendo a relação indivíduo/trabalho em nossa sociedade (e aqui não estamos falando só em relação ao homem, mas à mulher também submetida às novas regras e características do sistema produtivo), não favorece ou facilita a assunção e

desenvolvimento da função parental que está diretamente relacionada à socialização, tendo em vista que os pais têm que direcionar grande parte de seu tempo às atividades profissionais.

O papel da mulher/mãe nesse contexto é mais preponderante do que o do homem/pai, ainda que o pai apareça participando mais do acompanhamento, cuidado e da socialização dos filhos, dividindo assim as responsabilidades neste sentido com a mulher/mãe.

Encontramos nos grupos estudados muitas características conservadoras e tradicionais que podem ser vistas como herança das famílias clássicas modernas. São grupos que demonstraram reproduzir valores que estão relacionados à sua família de origem e, portanto, a uma época mais antiga; por isso, há alguns traços de discriminação e diferenciação entre tarefas femininas e tarefas masculinas e o homem aparece como sendo aquele que deve sair de casa e sustentar a família, cabendo então à mulher além do acompanhamento dos filhos, as tarefas de cunho doméstico e/ou a ‘organização’ da casa em relação a tais tarefas. A vida pessoal e profissional das mulheres nestes grupos esteve sempre condicionada a três fatores: a) À vida profissional do esposo; b) À tarefa de cuidar, educar e socializar os filhos; e c) À ausência de uma rede de apoio familiar, tendo em vista que se tratam em todos os casos de famílias que vieram de outros lugares (estados ou do interior para a capital), estando longe de suas famílias de origem.

O sentimento de pertencimento foi identificado em todos os grupos, sendo que o que contribuiu sobremaneira para a construção desse sentimento e, conseqüentemente, para o sentido de comprometimento grupal, foi o exercício da parentalidade iniciado com a chegada dos filhos nos grupos familiares, ou seja, ficou claro que o vínculo conjugal se fortaleceu a partir dos papéis de mãe e pai que passaram a ser assumidos com a existência dos filhos. Em contrapartida, com a conjugalidade mais fortalecida, os membros do grupo puderam se ver mais enquanto grupo de pertença, promovendo de maneira mais fluida suas modalidades de interação.

Não obstante, foi identificada não só a pertença como também outras modalidades e suas formas de registro no âmbito interacional, como: a comunicação – que esteve voltada para o esclarecimento das dificuldades no grupo e superação de situações de conflito ou crise; a pertinência – que fez com que os grupos pudessem de fato se comprometer com sua tarefa

de socializar e educar os filhos; a cooperação – que também foi detectada através da participação de todos os membros integrantes, cada um através de seus papéis, no sentido da realização das tarefas e projetos do grupo; e a aprendizagem – evidenciada nos momentos em que cada grupo, cada um com suas características, puderam transformar situações adversas (de crise) e as dificuldades nelas encontradas, em ações direcionadas para a mudança e melhoria dos vínculos familiares.

A transmissão geracional familiar apareceu através das fortes representações sociais relacionadas aos papéis de pai, mãe e filho, como também do sentido e significado internalizado de família. A família surge, então, como sendo uma estrutura “estruturante” e como sendo um “pilar” que tudo pode sustentar e conter. Isto está diretamente relacionado ao vínculo que foi perpetuado com a família de origem destes grupos, que agora buscam repassar os valores aí apreendidos para seus filhos. Este, aliás, se configurou como um dos grandes desafios para estes casais/pais: repassar modelos e valores sociais que estão em desuso ou que estão sendo considerados ultrapassados quando emergem as novas demandas culturais e sociais e se refletem nas atitudes e comportamentos dos filhos.

Acreditamos que, devido ao fato de serem famílias oriundas de outros locais (do interior) e de outros estados, como também por manterem forte ligação com suas famílias de origem, tais famílias mostraram características de uma estrutura mais fechada com pouca abertura ao mundo externo, nas quais os membros têm uma relação mais estreita entre si, embora a autonomia esteja presente também, sobretudo na relação entre homem e mulher/esposo e esposa, na qual cada um assume seus papéis de maneira mais independente.

A situação de crise aparece nos grupos como um emergente familiar e social, tendo em vista que não está apenas relacionada a questões biológicas, psicológicas, vinculares, familiares e/ou sociais, mas a todas estas instâncias e as relações estabelecidas entre elas. Não obstante, tais situações se expressaram através de circunstâncias relacionadas a três aspectos: trabalho, perda de parente próximo e transtorno comportamental (TDAH). O aspecto comum em todas as situações de crise, ainda que em cada família ela tenha se apresentado através de diferentes circunstâncias, é que há no grupo uma quebra da rotina da vida familiar devido ao impacto frente a um novo acontecimento e, portanto, uma nova aprendizagem que faz com que o grupo tenha que se reestruturar de maneira a se adaptar à nova situação. Há aí uma

reorganização dos papéis e dos vínculos familiares para lidar de maneira mais operativa com o elemento gerador de ansiedades, seja este a perda (no caso da morte de algum parente próximo ou a saída de algum membro do grupo ou ainda quando algum membro deixa de assumir algum papel que sempre assumiu) e a doença ou transtorno comportamental que altera a dinâmica familiar por impor condições vinculares mais específicas a este caso. Nessas situações apareceram os porta-vozes dos grupos, denunciando acontecimentos que não estão meramente relacionados a eles e à sua estrutura ou mundo interno (verticalidade), mas que têm relação com a família e com a sociedade da qual ela faz parte. Isso ficou bem ilustrado no caso do grupo onde apareceu o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade que, muito embora tenha suas origens e causas na estrutura neurológica e genética do indivíduo, está também relacionado às situações impostas socialmente no mundo moderno no qual o sujeito deve ser rápido, eficaz e fazer muitas coisas ao mesmo tempo.

Um dado muito importante identificado nos grupos foi o confronto entre verticalidade e horizontalidade grupal, na medida em que se registrou a importância dos processos relacionados com a dimensão vertical e, portanto, um elo/vínculo ligando a família de hoje à família de origem, descendência, gerações, valores e representações, ao mesmo tempo em que foi detectada uma tendência à horizontalização dos vínculos familiares, principalmente através dos processos comunicacionais manifestados no vínculo entre pais e filhos que, embora seja um vínculo caracterizado pela verticalidade, está cada vez mais sendo vivido e contemplado através da dimensão horizontal.

A questão da tendência à horizontalização dos e nos vínculos familiares observados, por sua vez, não só reforçou um aspecto que surgiu com a modernidade – o declínio da autoridade do pai – como vem roubando deste o pouco de autoridade que ainda lhe resta, dificultando assim o exercício da função parental.

Além deste, outros desafios estão postos nos grupos familiares estudados relacionados diretamente aos filhos e ao processo de socialização e educação destes, são eles: o aumento do consumo familiar que se expressa também através das constantes demandas dos filhos (e isto tem estreita relação com as informações que estes vêm na TV e na internet); a abreviação da infância e dos processos a ela relacionados como a educação e orientação sexual; as dificuldades de colocar limites e de controlar o uso de aparelhos eletrônicos e o acesso à

internet e às redes sociais; o excesso de atividades realizadas pelas crianças que, além de estudarem, devem articular as atividades escolares com as atividades fora da escola e, por fim, os limites impostos pela própria família, frente à insegurança gerada por situações de violência social que dificultam o caminho para uma infância mais livre e lúdica.

As rotinas familiares na vida cotidiana estão sendo organizadas através destas práticas e formas de vínculos e relações sociais que, por sua vez, estão sendo originadas a partir das novas demandas sociais e culturais que começam a operar na formação de matrizes de aprendizagem ou modelos internos pouco operativos do ponto de vista do que significa ‘aprender com o outro’ e ‘aprender em grupo’.

A família contemporânea, seus vínculos e funções e, portanto, sua tarefa básica traduzida pelo processo de socialização e educação dos filhos, depara-se cotidianamente com o enfrentamento da lógica imposta socialmente pela nova ordem social – lógica na qual predominam a tecnologia, a informação, o consumo e o individualismo. Esta lógica, por sua vez, bem como os caminhos que a legitimam, trava uma luta invisível com a lógica do humanitarismo, do aprender em grupo, do se colocar no lugar do outro, da pertença e cooperação e, portanto, do comprometimento com a formação de indivíduos mais aptos e capazes de lidar com os inúmeros desafios cotidianos. Estes indivíduos, de acordo com os grupos aqui escutados, estão sim sendo formados tendo em vista que a função parental foi assumida através do comprometimento cotidiano de seus pais para com seus filhos e de todos com o grupo familiar.

Enquanto o grupo familiar desenvolver e dispor de um espaço de comunicação, elaboração, pertencimento e confiabilidade, o que foi visto nos grupos desta pesquisa, mais chances terá em relação ao “sucesso” em sua função de socialização diante deste contexto. “Sucesso” aqui posto como sendo sinônimo de aprendizagem e de adaptação ativa à realidade do indivíduo em formação que, através deste espaço vincular familiar, pode crescer emocional e intelectualmente, transformando-se a si próprio e a sua realidade através de um processo dinâmico.

REFERÊNCIAS

ABOIM, Sofia. Emoções e rotinas: a construção da autonomia na vida conjugal. In: CONGRESSO PORTUGUES DE SOCIOLOGIA; SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS: REFLEXIVIDADE E AÇÃO, 5., 2000, Portugal. **Anais...Portugal**, 2000. p. 146-155.

ABOIM, Sofia; WAAL, Karin. Tipos de família em Portugal: interações, valores, contextos. **Análise Social**, Portugal, n. 163, p. 475-506, 2002.

ACOSTA, Ana R.; VITALE, Maria Amália (Orgs.) **Família: redes, laços e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 2005.

ARIÈS, Felipe. **História social da criança e da família**. 2. ed., Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **O mal estar da modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BERSTEIN, Marcos. Psicologia de la vida cotidiana en el grupo familiar: aportaciones a la terapia. **Revista Terapia familiar**, Buenos Aires, n. 9, Ediciones cinco, p. 29-57, 2000.

BERGER, Peter; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Trad. Floriano de Souza Fernandes. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BIAZOLI-ALVES, Zélia. M.; SIMIONATO-TOZO, Stella. P.; SAGIM, Mirian. B. Valores e práticas – permanências e mudanças, estudo de famílias trigeracionais. **Família, saúde e desenvolvimento**, Curitiba, v. 8, n.1, p.26-31, jan./abr. 2006.

BLEGER, José. **Psicologia da conduta**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

CARVALHO, Maria. C. (Org.). **A família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC, 2002.

CARVALHO, Ana. M; MOREIRA, L (Orgs.). **Família, subjetividade, vínculos**. São Paulo: Paulinas, 2007.

CARVALHO, Ana. M; MOREIRA, L (Orgs.). **Família e educação: olhares da psicologia**. São Paulo: Paulinas, 2008.

CARVALHO, Joari. A. S. de. **Psicologia Social e Educomunicação: questões sobre o processo grupal**. 2009. 393 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Instituto de

Psicologia, Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-04122009-131028/pt-br.php>.

CARVALHO, A. et al. Vínculos e redes sociais em contextos familiares e institucionais: uma reflexão conceitual. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 589-598, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n3/v11n3a14.pdf>.

CORRÊA, Alex Sandro. Autoridade e formação do indivíduo na escola: uma reflexão sobre a indisciplina escolar à luz da teoria crítica. **Revista Iuminart**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 35-43, 2009.

CASTRO, Mary. G.; CARVALHO, Ana Maria. A.; MOREIRA, Lúcia. V. (Orgs). **Dinâmica familiar do cuidado: afetos, imaginário e envolvimento dos pais na atenção aos filhos**. Salvador: EDUFBA, 2012.

DOMINGUES, José M. Gerações, modernidade e subjetividade coletiva. **Tempo Social**, São Paulo, v. 14, n.1, p. 67-89, maio de 2002.

DONATI, Pierpaolo. **Família no século XXI: abordagem relacional**. São Paulo: Paulinas, 2008.

_____. **Sociologia delle polítiche familiari**. Roma: Carocci, 2003.

_____. **Manual de sociologia da família**. Roma-Bari: Laterza, 1998.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. Trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza, 23 ed., São Paulo: Perspectiva, 2010.

ENGELS, Frederich. **A origem da família da propriedade privada e do estado**. 14. ed., Rio de Janeiro: Bertran Brasil:1997.

ESPINHEIRA, Carlos. G; **A Organização do mundo diante da vida como um ‘infernal emaranhado de coisas’**. II Jornada latino americana de psicologia social em homenagem a Pichon-Rivière, Buenos Aires, 2000. p. 1-7.

FARR, Robert. M. **As raízes da psicologia social moderna**. Trad. Pedrinho A. Guareschi e Paulo V. Maya. Petrópolis: Vozes, 1998.

FERES-CARNEIRO, Terezinha (Org.) **Família e casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2005.

FUMAGALLI, Carlos. **Teoria dos papéis: aula ministrada na Primeira Escola Privada de Psicologia Social**. Buenos Aires: Ediciones Cinco, 1999.

FONSECA, Cláudia. A História social do estudo da família: uma excursão interdisciplinar. **BIB**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 51-73, jan./jun., 1989.

FOUREZ, Bernard. Fratria: perspectivas históricas e societais. In: TILMANS-OSTYN, Edith; MEYNCKENS-FOUREZ, Muriel (Orgs.) **Os Recursos da fratria**. Belo Horizonte: Artesã, 2000. p. 13-17.

GIDDENS, Antony. **Família: O mundo na era da globalização**. Lisboa: Presença, 2007.

GONZALES, Maria Isabel. **El cuidado de los vínculos: mediación familiar y comunitária**. Bogotá: Facultad de Medicina/Editorial Universidade del Rosario, 2007.

GUTFREIND, Celso. **Narrar, ser mãe, ser pai: e outros ensaios sobre a parentalidade**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

JAPPE, Anselm. **Sobre a balsa da medusa: ensaios acerca da decomposição do capitalismo**. Lisboa: Antígona, 2012.

KAËS, René. **O grupo e o sujeito no grupo: elementos para uma teoria psicanalítica do grupo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

_____. Entrevista a René Kaes, por Rosa Jaitin. El sujeto y el grupo. In: Temas de Psicología Social. **Temas de Psicología Social**, Buenos Aires, out., 1992. p. 107-116.

KALOUSTIAN, S. M. (Org.). **Família brasileira, a base de tudo**. São Paulo: Cortez, 1994.

KAMKHAGI, Vida R. Horizontalidade, verticalidade e transversalidade em grupos. In: BAREMBLITT, Gregorio (Org.) **Grupos: teoria e técnica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p. 205-213.

KELLERHALS, Jean; MONTANDON, C. **Les stratégies éducatives des familles: milieu social, dynamique familiale et éducation des préadolescents**. Neufchâtel: Delechaux et Niestlé, 1991.

KELLERHALS, Jean; FERREIRA, Cristina; PERRENOUD, David. Linguagens de parentesco: lógicas de construção identitária. **Análise Social**, Portugal, v. 37, n.163, p. 545-567, 2002.

KODATO, Sergio; SANTOS, Manoel Antonio dos. Processo grupal e crise da pós-modernidade: o que vemos, o que nos olha! **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v.6, n.2, dez., 2005.

KLIKSBERG, Bernardo. **Por uma economia com face mais humana**. Brasília: UNESCO, 2003.

LANGER, Rosa. Consideraciones sobre Grupo Familiar em Enrique-Pichon-Rivière (Fuentes y ambitos de intercambio). **Revista Terapia familiar**, Buenos Aires, Ediciones cinco, p. 01-16, 1998.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo**. Lisboa: Relógio D'Água, 1989.

_____. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **A felicidade paradoxal.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos.** São Paulo: Barcarolla, 2004.

MACEDO, Rosa. M. A família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer?. **Cad. Pesq.**, São Paulo, n. 91, p. 62-68, nov., 1994.

MANIGOT, Marta. **Teoria dos grupos.** Aula ministrada na Primeira Escola de Psicologia Social. Buenos Aires: Ediciones Cinco, 1996.

MORENO, Jacob Levy. Filmes terapêuticos. In *Psicodrama*. 4. ed., São Paulo: Cultrix, 1987. p. 445-482.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo.** Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. **O Problema epistemológico da complexidade.** Portugal: Publicações Europa-América, Biblioteca universitária, 1996.

_____. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, F.M; SILVA, J. M. (Orgs.). **Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura.** Porto Alegre: Sulina / Edipucrs, 2003. p.13-36.

OLIVEIRA, Eloisa. G. Paulo Freire e Pichon-Rivière: aproximações conceituais em torno da educação. **Revista Vozes em diálogo**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 01-11, jul-dez/2008.

PEIXOTO, C.; SINGLY, F. de; CICCHELLI, V. (Orgs). **Família e individualização.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

PERUCCHI, Juliana; BEIRÃO, Aline. M. Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. **Psicol. Clin.**, Rio de Janeiro, v.19, n.2, p.57 – 69, dez., 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>.

PETRINI, João Carlos. Políticas sociais dirigidas à família. In: BORGES, A.; CASTRO, M.G. (Orgs.) **Família, gênero e gerações: desafios para as políticas sociais.** São Paulo: Paulinas, 2007. p. 207-231.

PETRINI, João Carlos; CAVALCANTI, Vanessa, R. S. (Orgs.) **Família, sociedade e subjetividades.** Petrópolis: Vozes, 2005.

PETRINI, João Carlos; FONSECA, R.; PORRECA, W. **Pobreza, capital humano, capital social e familiar.** Memorandum, nº 19, p. 184-197, 2010.

PETRINI, João Carlos. **Pós-modernidade e família**. Bauru: Edusc, 2003.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Teoria do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

_____. Sociedade, mudança e identidade. In: _____. **Psicologia da vida cotidiana**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 22-24.

_____. **La psiquiatría, una nueva problemática**: del psicoanálisis a la Psicología Social, Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1979.

QUIROGA, Ana. P. de. **Enfoques y perspectivas em psicología social**: desarrollos a partir del pensamiento de Enrique Pichon-Rivière. Buenos Aires: Ediciones Cinco, 1997.

_____. **Crisis, procesos sociales, sujeto e grupo**: desarrollos a partir del pensamiento de Enrique Pichon-Rivière; Buenos Aires: Ediciones Cinco, 1998.

_____. **Interrogantes y propuestas em educación**: ideales, mitos y utopia a fines del siglo XX. Buenos Aires: Ediciones Cinco, 1995.

_____. Los grupos y la queja. **Temas de psicología social**. Buenos Aires, set. 2009. P. 11-31.

_____. **Matrices de aprendizaje**: constitución del sujeto en el proceso de conocimiento. 7. ed. Buenos Aires: Ediciones Cinco, 2001.

_____. **Apuntes para una teoría de la conducta**: desde el pensamiento de E. Pichon-Rivière. Buenos Aires, Ediciones Cinco, 1994.

_____. **Proceso de constitución del mundo interno**. Buenos Aires, Ediciones Cinco, 1996.

QUIROGA, A. P. de; RACEDO, J. **Crítica de la vida cotidiana**. Buenos Aires: Ediciones Cinco, 1996.

RABINOVICH, Elaine; MOREIRA, Lúcia. (Orgs.). **Família e parentalidade**: olhares da psicologia e da história. Curitiba: Juruá, 2011.

RENNER, Estela. **Criança, a alma do negócio**. Documentários do Brasil. 2008. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=rW-ii0Qh9JQ>.

SANT'ANA, Ruth. B. de. Psicologia social na escola: as contribuições de G. H. Mead. **Psicologia e Sociedade**, São João Del-Rei, v. 17, n.1, p. 67-74, jan/dez., 2005.

SANTOS, Boaventura. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista crítica de ciências sociais**, 78, out. 2007. p. 3-46.

_____. Por que é tão difícil construir uma teoria crítica? **Revista de ciências sociais**. n. 54, jun., 1999. p. 197-215.

SARTI, Cynthia. Algumas questões sobre família e políticas sociais. In: JACQUET, C.; COSTA, L. (Org.). **Família em mudança**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2004. p.193-213.

_____. Contribuições da Antropologia para o estudo da família. **Psicologia-USP**, São Paulo, v. 3, n. 1/2, p. 69-76, 1992.

_____. Deixaras pai e mãe: notas sobre Lévi-Strauss e a família. **Revista Antropológicas**, Caxambu, ano 9, v. 16, n. 1, p. 31-52, 2005.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento com liberdade**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: o desaparecimento das virtudes com o novo capitalismo**. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012.

_____. **Autoridade**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SINGLY, François de. **Sociologia da família contemporânea**. Trad. Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SILVEIRA, Tatiane.; et al. A conjugalidade na contemporaneidade. **Rio Grande do Sul**, p. 1-8, 2011. Disponível em: <http://www.unifra.br/eventos/sepe2012/Trabalhos/6418.pdf>.

SIMIONATO, Marlene. A; OLIVEIRA, Raquel. G. Funções e transformações da família ao longo da história. In: Encontro Paranaense de Psicopedagogia, 1., 2003, Paraná. **Anais... ABPppr**, 2003. p. 57-66.

SULZBACH, Liliana. **A invenção da infância**. Documentários do Brasil. 2000. Disponível em: <http://www.portacurtas.com.br/Filme.asp?Cod=672>.

TABARES, Horacio; ROUGIER, Héctor. Pedagogia vincular: el pensamiento de Enrique Pichon-Rivière. **Temas de psicologia social**, Buenos Aires, out., 1992. p. 29-45.

WINNICOTT, Donald. **A família e o desenvolvimento individual**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla, 3. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ZANETTI, Sandra; GOMES, Isabel. **A Fragilização das funções parentais na família contemporânea: determinantes e consequências**. Temas em Psicologia Social, São Paulo, v. 19, n. 2, 2011. p. 491-502.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

ZIMERMAN, D. E.; OSÓRIO, L. C. (Orgs.) **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

ANEXOS

ANEXO 1

ROTEIRO GERAL

1. Como você definiria a família?
2. Você acha que na família existem vínculos? Por quê?
3. Qual é o papel da família na vida de uma pessoa?
4. Há diferença de papéis para mulheres e homens na família?
5. Fale sobre seu vínculo com os filhos.
6. O que você considera mais importante na família? Por quê?

ANEXO 2**ROTEIRO DE ENTREVISTA****PESQUISA: VÍNCULO FAMILIAR CONTEMPORÂNEO: RESSONÂNCIAS NO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO**

Data da realização do encontro grupal ou entrevista: ____/____/____.

Horário de início: _____.

Duração: _____

1. Dados de Identificação: nome completo; o que faz; onde mora; escolaridade.
2. Fale um pouco sobre onde nasceu e que tipo de educação teve.
3. Em relação ao casal. Como se conheceram. Como se deu o processo de união, casamento.
Anos de casados.
4. Ver se ambos trabalham e em que (Caso positivo verificar rede de apoio)
5. Fale sobre o nascimento dos filhos. O que mudou para o casal.
6. Como está sendo agora no casamento e com os filhos.
7. Nos momentos de conflito, como as decisões são tomadas na família.
8. Como os filhos participam das tomadas de decisão na família. De que modo.
9. Como o casal lida com o confronto com os filhos. Como são as negociações.
10. Situações de crise.
11. Como você vê a comunicação em sua família.
12. Fale sobre o que acha sobre as mães e os pais hoje na realidade da vida cotidiana.
13. Como você entende a família de hoje.

ANEXO 3

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “PESQUISA: VÍNCULO FAMILIAR CONTEMPORÂNEO: RESSONÂNCIAS NO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO”.

O estudo está sendo desenvolvido pela pesquisadora Maura Espinheira Avena, mestranda da Universidade Católica do Salvador. Seu objetivo é investigar sobre os vínculos familiares na contemporaneidade e a forma como estes vínculos podem influenciar no processo de socialização dos filhos.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em participar do grupo operativo ou de entrevista, sem que haja quaisquer riscos à sua saúde. Haverá sigilo com relação aos seus dados de identificação, pois as informações obtidas com essa pesquisa serão confidenciais. Os dados obtidos poderão ser apresentados em eventos científicos e publicados em artigos de periódicos ou livros, estritamente para fins dessa pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo no qual consta o telefone, endereço e o e-mail da orientadora desta pesquisa que poderá esclarecer suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou em outro momento. Sua participação não é obrigatória e, a qualquer momento, o (a) senhor (a) poderá desistir de participar e retirar seu consentimento, sem que haja qualquer prejuízo na sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

Cidade: _____

Data: __/ __/____.

Eu, _____, declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios desta pesquisa e concordo em participar.

Assinatura do participante

Pesquisadora: Maura Leite Espinheira Avena

Orientadora: Elaine Pedreira Rabinovich

Universidade Católica do Salvador UCSal

Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea

Av. Cardeal da Silva, 205 – Salvador/ BA. CEP 40.231-902/ Tel. 55 (71) 3203-8969

ANEXO 4

Quadro 3: Excertos das entrevistas organizadas a partir dos cinco eixos propostos para a sua análise, Salvador, 2013.

Eixos Participantes	I Mulher X Trabalho	II Individualização X Pertença/ Cooperação	III Crise X Mudança/ Superação	IV Verticalidade X Horizontalidade	V Novas Tecnologias X Novos Vínculos X Novos Modelos
Mãe/esposa - casal A	“... ele foi para o Rio e eu fiquei com P (filha) em Feira de Santana esperando ele chegar, se ambientar, alugar apartamento, eu fazia faculdade e tranquei e fui para o Rio...quando chegamos lá, P (filha) com oito meses, eu engravidei (...); ...quando a gente estava em Feira era mais fácil, minha mãe estava quase todo dia, no Rio eu não tinha isso...no primeiro mês foi horrível, muita mudança, filho pequeno, gravidez...o medo de estar numa cidade sem conhecer ninguém com duas filhas	“Primeiro filho... achei que ia tirar de letra, mas tive dificuldades e minha mãe e irmã vieram me dar apoio e ficaram uns 15 dias, só que o apoio foi invasivo e eu tive alguns conflitos com W (esposo), administrar filho e casamento, muda sim, muda porque a gente tem que dividir a atenção e era pouca atenção para ele (esposo)...”.	“W (esposo) tem TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), ele é impulsivo e estoura e isso afeta a todos, a gente faz terapia de casal porque a gente teve problemas sérios no relacionamento por causa disso e a gente tem buscado o melhor possível... as vezes ele chega nervoso e nem sempre eu estou com essa tolerância toda e aí a gente acaba discutindo...apartamento pequeno não tem como a criança não ouvir, mas temos procurado melhorar...”.	“Acho difícil. Que elas não me ouçam, mas as vezes dá medo, porque assim quando penso como foi minha infância, o respeito pelos pais, pelos mais velhos, pelos professores...e hoje vejo elas...as vezes a gente conversa e se questiona certa rigidez na educação delas, mas aí volta e meia a gente ouve as pessoas parabenizarem elas pelo comportamento... e apesar de achar que em alguns aspectos estamos um pouco rígidos, parece que isso está surtindo efeito”	

	<p>praticamente da mesma idade...”. “Eu não teria conseguido concluir faculdade, cuidar das meninas, trabalhar, sem o apoio de W (esposo), partiu de um incentivo dele...”.</p>				
Mãe/esposa - casal B	<p>“Nesse tempo em que eu fiquei em casa, uns 4 anos, eu é que acompanhava os dois e assim é com a L (filha), o B (filho) é mais independente...de sde um ano e meio que estou na loja e ela (filha) se viu na obrigação de fazer sozinha, então ela vai, senta e faz e depois sou eu que corrijo...”. “Me casei em 97 e ele recebeu o telegrama sendo convocado em 98, não tínhamos filhos, os filhos nasceram aqui, vim e voltei para São Paulo para pegar o resto da mudança... foi bastante difícil pois nunca tinha saído de perto da minha família, sempre morei com meus pais em São Paulo,</p>	<p>“Mudou muito porque quando é só marido e mulher a gente não tem muita preocupação... um dá atenção para o outro... mudou na seguinte situação: a gente acaba dando mais atenção ao filho, a gente tem um amor muito grande pelos filhos e isso muda o casal... você acaba esquecendo um pouco o marido”. “A gente tem que mostrar os ‘não’ também porque a vida vai mostrar e eles têm que aprender... sempre o ‘sim’ não dá, a vida não mostra só isso, então a gente tem que mostrar e as negociações dão resultado”.</p>	<p>“... há um ano que abri a empresa... não imaginava que fosse tão difícil... eu estava muito mais envolvida aqui... ficava nervosa por questões profissionais e acabava discutindo em casa com E (esposo) e sem querer na frente das crianças... o B (filho mais velho) é mais tranquilo, mas a L (filha menor) não, ela tá muito carente, de atenção, de amor, é difícil você conciliar e aí falei: opa, pera aí, eu to colocando muito na frente o lado profissional”.</p>	<p>“É difícil porque como minha educação foi rígida, eu não sei como lidar; lógico que a gente procura ser moderno também, até porque, por exemplo, meu pai não deixava a gente ver novela quando criança porque segundo ele não prestava... a gente chorava, mas ele não deixava... meu filho ontem comentava a novela, mas a L (filha) queria ver e eu acho que é muito apelativo... os tempos são outros... a gente tem que ser aberto e conversar muito e bem conversado senão eles vão ver na rua...”.</p>	<p>“... com esse tempo de modernidade e tecnologia... muita informação... acho assim que tá muito difícil criar, dar educação... como tudo está muito a mão as vezes o filho vem e pede determinada coisa e eu falo ‘não’ e ele pergunta ‘porque não? A mais nova questiona mesmo!’”. “... agora se a gente não souber a gente faz pesquisa, vai no Google...ou em algum site, já que as vezes o livro não tem todas as informações ou não tem a informação completa para ajudar nosso filho... e não dá para colocar tudo nas costas da Escola, é um trabalho em conjunto”.</p>

	<p>trabalho lá, aí você casa é uma vida nova...eu senti por um ano bastante! Meu medo era não me adaptar”.</p> <p>“A gente se preocupa muito com a educação dos dois e a gente se preocupa pensando no futuro deles para que tenham tranquilidade (...) acho que é obrigação do pai e da mãe olhar e acompanhar, a gente pode pedir um auxílio a babá, secretária, mas a gente é que deve olhar...”.</p> <p>“No ano passado acho que fui à uma reunião escolar, quem foi mais foi o E (esposo), até muito mais do que eu, esse ano também, eles chamam, a coordenadora chama e se precisar ele vai conversar ou para a reunião, em relação a isso ele ajuda demais, não sei se é porque os pais dele se separam cedo, quando ele tinha só 9 anos e</p>				<p>“... fiquei quase quatro anos em casa e quando eu voltei a trabalhar e eles sentiram muito e eu achava que B por ser mais velho não ia sentir, mas senti também... agora a empresa está com um ano e meio... eles sentiram muito mesmo... as notas foram lá para baixo, mas a gente tenta fazer um esforço, chega cansado... todo mundo tem problemas... a gente acha que é só de uma pessoa, mas os problemas são de todos...”.</p> <p>“Se educação tivesse receita eu gostaria de ter uma... é muito difícil educar, às vezes você escuta fulano foi na escola defender a criança, a criança bateu, roubou... a gente julgar é muito fácil, a gente acha que educação é obrigação de pai e mãe, mas sei lá, eu procuro dar a melhor educação possível, mas será que é mesmo a melhor educação possível que eu estou dando? Às vezes você critica</p>
--	--	--	--	--	---

	<p>ele não teve um pai presente, então ele se sente na obrigação de participar e dar uma boa educação aos filhos, ele sempre participa mesmo”.</p>				<p>o pai e a mãe, não sei, mas de repente aquela educação é boa para eles... como hoje os valores estão todos do avesso...”.</p>
<p>Mãe/esposa - casal C</p>	<p>“Nos conhecemos lá, namoramos lá em São Paulo e ele recebeu uma proposta para trabalhar no interior da Bahia...aí ficamos noivos e ele veio trabalhar, depois voltou para casar e viemos para cá... assim que chegamos, eu trabalhei um ano em Itaberaba (interior) e ele também, depois viemos para Salvador os dois e L (filha) nasceu cinco anos depois...”.</p>	<p>“Quando L (primeiro filho) nasceu mudou tudo, muda tudo, o relacionamento de marido e esposa muda, a gente quer queira quer não, dá mais atenção aos filhos... o marido reclama um pouquinho, porque antes eram dois e era tudo ali perfeito, bonitinho... vem o filho, mas não é que desestrutura não, acho que o foco começa a ser outro...”.</p> <p>“Lá em casa tem o cantinho da disciplina, a gente procura fazer as coisas direito... tem um cronograminha para as meninas; chegam e vão tomar banho, vão fazer isso, fazer aquilo, todos os deveres, aí sim podem ver televisão, vão poder fazer o seu lazer e elas aceitam bem...”.</p>	<p>“Acho que a crise maior que a gente teve foi depois do falecimento de minha sogra que aí realmente mexeu demais com a família, porque meu marido era bem apegado a mãe... acho que foi aquela coisa mesmo de perda materna, aí ele se distanciou de nossa família e depois a gente teve que resgatá-lo e agora ele tá bem”.</p>	<p>“... meus pais me deram uma educação tradicional, de respeitar os mais velhos, nada de ficar respondendo como a gente vê hoje em dia criança respondendo a torto e a direito, e eu ainda apanhei algumas vezes, nada de espancamento, mas aquele tapinha que é para educar... (...) isso inclusive é um conflito entre mim e meu esposo porque para ele é inconcebível esse tapinha, para mim não...porque fui criada...”.</p>	

<p>Pai/esposo - casal A</p>	<p>“... a vida a dois ficou comprometida em grande parte ainda mais que ela (esposa) estava concomitantemente fazendo o curso e isso tomava muito tempo e L (filha) com 5 meses... C (esposa) precisava de estagiar para se formar...nossa vida passou por dificuldades, se dedicava menos tempo a vida a dois, eu ficava preocupado com aquela coisa de família”.</p> <p>“... nos contatos com outras crianças e principalmente nas escolas, que é onde passam a maior parte do tempo com outras crianças, a gente percebe que nem todas as crianças tem a mesma criação ou o mesmo perfil que nós temos e tem crianças que tem facilidade e acesso a certas situações que a gente acha que não é adequado para essa idade e aí a gente</p>	<p>“A própria criação familiar que nós tivemos de querer manter a família junta, unida, contribui sobremaneira para que a gente tenha essa preocupação, buscar cada um abrir mão de certas coisas, ceder um pouco (...) acho que é a consciência do que é família, da importância de se ter uma família unida, de ver os filhos crescendo com acompanhamento de ambos...”.</p>	<p>“Eu já fazia terapia porque eu tenho TDAH e eu tinha essa dificuldade, vinha sinalizando para que ela fizesse também...até porque em 2008, ela descobriu um tumor na tireoide e ficou muito abalada, teve depressão... e isso afetou nosso casamento... aí começamos a fazer terapia de casal e aí melhoramos o nosso relacionamento e superamos essa fase...”.</p>		<p>“... a gente procura controlar, elas não têm acesso às redes sociais, facebook, Orkut, porque achamos que é prematuro, não tem celular inclusive, para que não se comuniquem com outras pessoas que a gente não vai ter o controle... a gente acha que elas não têm idade suficiente para lidar com isso...”.</p>
------------------------------------	--	--	--	--	--

	conversa e mostra que isso não é bom para elas...tem que tá sempre monitorando...”.				
Pai/esposo - casal B	<p>“... de um ano para cá que ela assumiu a loja a coisa ficou bastante complicada porque de uma hora para a outra nós perdemos a mulher que cuidava, perdemos a funcionária que muitas vezes acaba fazendo o papel da mãe na hora em que o filho quer um carinho ou alguma coisa, e ficou uma pessoa estranha dentro de casa com duas crianças...”.</p> <p>“A gente considera que o grande desafio de nossas vidas é dar a elas (as filhas) uma criação adequada em todos os aspectos, educação familiar, escolar, comportamento... a gente tá sempre chamando a atenção, conduzindo isso e elas são receptivas”.</p> <p>“Desde que</p>	<p>“... o filho vem para dentro do seu quarto, você tem que conviver com isso, mas para mim era ótimo porque eu queria estar perto... então nossa relação com o primeiro filho foi tranquila, eu acho que foi, é claro que tira um pouco da privacidade porque você acaba tendo que dividir a atenção e todo lugar que tem divisão há perdas...”.</p> <p>“Essa coisa de você estar em outro lugar e querer assumir a maternidade e a paternidade envolve a questão social, você quer assumir de um lado e vai perder de outro, então a gente perdeu muito isso... prova disso é que a gente está aqui há 15 anos e não tem um relacionamento de amizade social com muita gente, são poucos... essa questão de relacionamento</p>	<p>“De uma hora para a outra S (esposa) teve que virar empresária para cuidar de problemas operacionais, de cliente, administrativo, etc; e sem ter know how e conhecimento então isso mexeu com o aspecto físico dela e com o psicológico, gerou um problema porque uma coisa é aqui na empresa, são dois sócios...; outra coisa é dentro de casa, mas isso se confundiu, foi um caminhão de coisas ao mesmo tempo, o distanciamento dos filhos, os problemas, a perda da funcionária que saiu, as cobranças dos filhos... tudo isso gerou uma crise...mas parece que estamos conseguindo equacionar...minha mãe veio para dar uma ajuda dentro de casa para a gente poder ter essa tranquilidade de fazer as coisas... todo problema tem uma solução, ou você faz parte do</p>	<p>“... hoje é inadmissível que um filho não exponha o seu ponto de vista, mesmo que você ache que ele esteja errado, mas ele fala, um filho cobra, eu nunca tive a oportunidade de cobrar a presença de minha mãe porque se ela não fosse trabalhar não tinha sustento em casa e eu nem podia questionar isso, a sociedade naquela época era diferente...”.</p> <p>“... o que vejo hoje são crianças, pré-adolescentes e adolescentes muito soltos dentro de casa, indo para um nível de discussão com pai e mãe como se estivesse conversando com amigos... lá em casa a gente procura corrigir isso... mas a gente vê que eles tentam a todo momento furar esse bloqueio e tentam quebrar essa hierarquia a todo momento...”.</p> <p>“... você tem que</p>	<p>“... essa garotada de hoje infelizmente ou felizmente tem a facilidade da internet então tem muito mais informação do que nós tivemos... a informação boa é bom, mas a informação ruim não e se você não estiver ali para filtrar, a informação acaba sendo ruim para o ambiente da família... eu passo por isso; por exemplo, eu não tenho como, por mais que eu controle o acesso de meu filho mais velho a internet, eu não tenho como ficar todos os dias olhando o computador depois que ele vai dormir para ver em que site ele está entrando e o computador fica no quarto dele... e tem a questão da privacidade, por isso eu procuro investir em conversa e bate papo e tento trazer ele para perto”.</p>

	<p>nasceu a gente decidiu eu e ela que íamos ser pai e mãe e não ia delegar isso a ninguém”.</p>	<p>social acabou ficando para segundo plano, eu diria até que para terceiro plano...”. “... a gente procura dar uma educação rigorosa, mas não é nem sombra do que era, então hoje, por exemplo, é inadmissível que um filho não exponha seu ponto de vista mesmo que você ache que ele esteja errado, mas eles falam, cobram, eu nunca pude cobrar a presença de minha mãe porque se ela não fosse trabalhar não tinha sustento em casa e eu não tinha direito de questionar isso (...); eles cobram porque eu não fico em casa, porque a mãe não fica mais em casa (...); hoje você não pode ser tão permissivo a ponto de perder o controle e não pode ser tão autoritário a ponto de você criar um distanciamento da relação pai e filho... isso para nós ainda é uma dificuldade...”. “... hoje eu vejo que os pais para não sentir essa questão, para não gerar esse</p>	<p>problema ou da solução”.</p>	<p>se aproximar, mas é difícil você se aproximar porque os nossos gostos são diferentes, hoje quando eu ouço uma música que eles gostam, eu falo ‘meu Deus!’ (...) tem umas músicas que a gente odeia... a funcionária coloca umas músicas, esses pagodes aí ‘tô ficando atoladinho’, ‘rebolation’ essas coisas aí!, então não é o tipo de coisa que eu queria, não é o estilo musical que eu queria trazer para dentro da minha casa, mas tá lá e aí você tem que contornar aquilo, resumindo, você tem que encontrar condições de conversar, de mostrar as coisas mas sem interferir no gosto pessoal porque tem a questão do livre arbítrio, falar: ‘olha essa roupa não é para sair de dia é para sair de noite’, ‘se quiser ir você vai, mas tá fora do contexto’, ‘essa música não é boa’...conversando até vai, mas dizer que vai colocar</p>	<p>“Eu vejo assim, as pessoas hoje tem uma característica dos dois, pai e mãe trabalham e tendem a dar menos atenção aos filhos, e certamente por isso procuram compensar essa falta de atenção com bens materiais e em fazer todas as vontades dos filhos, dar tudo o que eles querem, há uma preocupação exacerbada em querer satisfazer as necessidades das crianças, quer dizer suprir essa atenção através de coisas materiais, e a gente tem tido uma preocupação nesse sentido de que atenção não é isso, mas sim qualidade e, no momento em que a gente tem oportunidade a gente tá sempre mostrando isso a elas...”. “... a partir do momento que a mulher sai de casa os filhos ficam normalmente sozinhos ou com funcionárias que não tem a mesma formação, educação religiosa,</p>
--	--	--	---------------------------------	--	---

		<p>desconforto de resolver o conflito, acabam permitindo muito mais, então o que eu vejo hoje são crianças pré-adolescentes e adolescentes muito soltos dentro de casa, indo para um nível de discussão com pai e mãe como se estivesse conversando com amigos, lá em casa a gente procura corrigir isso, mas a gente vê que tem conflito, que eles tentam furar esse bloqueio e tentam quebrar essa hierarquia todo momento...”.</p> <p>“... se você me perguntar: você está na condução da casa? Vocês estão na condução da casa? Vocês estão com as rédeas? Eu diria que às vezes, mas em algumas situações não, as coisas são tão corridas que quando você pára para ver, você fala: ‘eu to a reboque’ nessa situação, então toda hora a gente dá um freio e vê que vai ter que se esforçar mais em algumas tarefas de casa, por exemplo, no</p>		<p>isto ou fazer aquilo, acho que os pais não tem mais esse controle”.</p>	<p>cultural e acadêmica que os pais têm, então com esse distanciamento da mulher, porque o marido já tinha, veio a questão da culpa, então muito do que se tinha antes de regras familiares de bons modos e educação dos filhos, muito se perdeu, na minha opinião por dois motivos: primeiro pela falta da repetição constante, por que a gente aprende muito por repetição, então quando a mãe ou o pai estão em casa, ou a mãe mais, cobrando: ‘oh, tire o chinelo dali, arrume sua cama, toalha do banho em tal lugar, roupa suja em tal lugar’; isso são os bons modos ... isso tudo é o pai ou a mãe que faz, quando a criança não tem o pai e a mãe em casa, só tem a funcionária ela acaba agindo da forma que quer, então você vê crianças que só falam gírias, falando errado, colocando as coisas fora do lugar, porque ela</p>
--	--	--	--	--	--

		<p>começo S (esposa) vinha para o trabalho e ela tava com esgotamento físico e psicológico muito grande, chegava em casa e basicamente ia dormir e eu também, a gente deixou e a gente sentiu que os dois (filhos) as notas despencaram... na questão do aprendizado e em casa também (...) desestabilizou o nosso dia a dia tanto na vida conjugal quanto no relacionamento com os filhos...”.</p> <p>“Tem a questão da conduta, da personalidade, as características da pessoa que eu acho que os pais não devem delegar à escola, isso é da família. Tem coisas que a escola pode fortalecer, reforçar, os bons modos, o conceito de cidadania, ética, mas isso não pode ser delegado a Escola, a escola pode ser uma parceira...o modo como meu filho, a criança, vai se comportar perante a família, aos amigos, a sociedade, perante</p>			<p>tem alguém que vai recolher e não vai dar limites a ela...”.</p>
--	--	--	--	--	---

		as pessoas mais velhas, isso tudo ele vai aprender em casa e a escola tem que ser um apêndice...”.			
Pai/esposo - casal C		<p>“Toda vez que nasce uma criança muda a vida do casal, a mãe fica numa dedicação exclusiva ao filho, é assim. Eu passei a dar valores diferentes tanto para a família como para o que não está relacionado a família”.</p> <p>“A gente escuta a opinião delas (filhas) e participa tudo, mas elas não decidem as coisas, elas participam de tudo que convém a uma criança da idade delas participar e a gente vê o que é melhor para a família e não o que é bom para uma só...”.</p> <p>“Temos duas filhas, uma de seis e uma de oito... nós não temos família aqui, só meu irmão e as meninas ficam na Escola o dia todo... no começo era uma cozinheira e uma babá, depois viu que não tava dando certo e quando começou a Escola ficava uma</p>	<p>“... minha mãe veio a falecer e ela sempre quis ter uma menina, éramos só eu e meu irmão; depois ela sempre quis ter uma neta e quando M (esposa) engravidou ela enlouqueceu de alegria (a mãe) e L (filha mais velha) até hoje tem esse vínculo e ela só tinha um ano quando minha mãe faleceu e ela diz que tá com saudade de minha mãe e começa a chorar...acho que esse momento...isso mudou minha vida e eu já tive conflitos com M (esposa) e minha mãe era um suporte para nós... todo mundo fala que eu mudei, isso marcou, o meu casamento, a nossa vida”.</p>		<p>“... mesmo num mundo tecnológico a gente tenta fazer com que elas (as filhas) curtam a infância como nós curtimos... acho que tem que brincar de boneca, assistir programas educativos e interativos... é mais DVD infantil, tem programas que elas não assistem. (...) elas podem brincar no computador no fim de semana, mas com a supervisão da gente, elas não têm esse negócio de facebook, essas redes porque não vemos necessidade... meu irmão deu um celular a L (filha mais velha), mas ela mal usa, deixa em casa e não leva para a escola...”.</p>

		<p>só, daí essa última deixou a gente na mão, aí a gente decidiu colocar o dia todo na Escola para não ter esse problema, embora eu fosse contra no começo...”.</p> <p>“... eu era resistente a isso... pensava ‘não vou conseguir ter controle da educação delas’ tanto é que eu nessa parte sou chato com a educação, entendeu? Tanto é que uma das dificuldades que vejo hoje é colocar minha filha para falar ‘senhor’ e ‘senhora’ independente da idade, porque é muito comum ‘você’ e na escola ela só fala assim...”.</p>			
Integrante 1 - Grupo	<p>“... a família possui tarefas e às vezes sobrecarrega um lado... W (esposo) trabalha fora e hoje ele é o cabeça financeiro da família é quem traz o dinheiro e eu conscientemente procuro não sobrecarregar ele com outras tarefas... mas</p>	<p>“... morei no interior com meus pais e avós... até os 19 anos eu convivi com eles... ir aos domingos, tomar o lanche da tarde tomar a benção... e eu falo para vocês até hoje eu não superei essa distância da família... se vocês me perguntarem o que é que mais me dói hoje assim... graças a Deus eu</p>		<p>“... nós fazemos terapia de casal, eu e meu marido, P (filha) faz e L (filha mais nova) também, segundo a terapeuta toda família que tem alguém que precisa de uma atenção maior o outro filho sente e lá em casa L tem ciúme de P porque ela acha que P tem tudo, que toda a atenção é para ela</p>	<p>“Não dá para deixar sem resposta, mas também não se pode antecipar as coisas... o que P (filha) ouve ela divide com a irmã, ela ainda é muito menina e eu e o pai segurando... a gente acha que pode ser mais natural... mas elas têm chegado com questões que não são para a idade</p>

	<p>assim tem coisas que eu acabo deixando mesmo para ele, tipo: ele me cobra algum concerto em casa e aí eu digo 'isso eu não faço'... tem alguns maridos que fazem supermercado... o meu não...eu tenho as minhas tarefas, cuido da meninas, da casa, levo elas para escola e coloco ele a par das coisas, mas as tarefas de concerto é com ele...".</p> <p>"Pedi para sair do trabalho para dar uma atenção maior às meninas e por uma questão específica que é a de P (filha mais velha) que tem déficit de atenção... ela estava tendo dificuldade de acompanhar as atividades porque não tinha uma pessoa exclusiva para ela... meu trabalho era bom e eu gostava, ganhava direitinho... mas o custo benefício não tava bom para ela aí a gente colocou na</p>	<p>tenho uma vida maravilhosa, com W (esposo) e as crianças, de realização profissional e pessoal, de tudo, mas eu sinto um vazio familiar porque aqui em salvador eu só tenho minha madrinha que é como se fosse uma segunda mãe para mim e é a quem eu recorro... e minha irmã que morava aqui até ontem, agora foi para o Rio porque o esposo foi transferido... a família é muito forte... as crianças tem um conceito de família muito importante... porque além da sociedade mostrar esse conceito de família diferente eu ainda sou muito tradicional... quero que elas acreditem que família é isso... e se lá na frente elas quiserem de outro modo, pelo menos eu mostrei que pode ser assim...".</p>		<p>e ela não tem nada... tive até um feedback da escola... que ela agora está ótima..."</p> <p>"... acho que de um modo geral esta difícil à criação dos valores, dar os limites...".</p>	<p>delas e ouvem na escola... essa semana uma chegou dizendo que o coleguinha M chamou F para transar... e aí ela perguntou para mim: 'minha mãe o que é transar?'... eu não vou explicar para ela o que é isso do jeito que é não vejo necessidade... respondi sem dar maiores detalhes...".</p> <p>"... o medo de deixar seu filho no play e alguém mexer... tô morando praticamente na porta da escola, uma estuda de manhã e a outra de tarde... eu com 10/11 anos eu saía de Argoim, minha cidade, para estudar em Castro Alves, eu pegava um ônibus todos os dias na frente de minha casa e ia para Castro Alves... ia sozinha, sem pai e sem mãe, estudava e voltava nesse ônibus... a gente hoje não deixa...".</p>
--	---	---	--	---	---

<p>balança e viu que era melhor eu sair do trabalho e dar essa atenção então estou desde 2011 acompanhando elas e a parte da casa, levar para a escola, terapia, sou eu que faço... fui convidada para ensinar e agora estou ensinando na faculdade... e adoro ensinar...".</p> <p>"... hoje eu trabalho muito mais do que quando eu trabalhava fora, porque quando eu trabalhava fora, elas (filhas) estavam no turno integral então eu deixava 7h na escola e ia para o trabalho, trabalhava lá no meu trabalho e se tivesse necessidade de hora extra eu fazia e pronto, fiz ali e não levei nada para casa... às 6h pegava as crianças na escola e levava para casa, tomava banho já com janta... chegava em casa e ia olhar a mochila, arrumar, mas a casa já estava</p>				
---	--	--	--	--

	arrumada porque a menina já havia arrumado, mas aí se eu for falar do que faço hoje! Não vou nem começar a contar senão vocês vão cansar”.				
Integrante 2 - Grupo		“... meus filhos me cobram muito falam ‘mãe quando a gente vai para São Paulo’ ver minha avó e meu avô? Acho tão bom isso... a gente se preocupa bastante em relação a isso... para mim família não é só marido e filhos, mas acho que é o pai, a mãe, os avós, irmãs...”.		“Você não sabe se está repassando o certo... meus pais me deram uma educação, mas será que essa educação é a melhor? Do jeito que as coisas estão tão mudadas... está tudo tão diferente!”	“... meus filhos não sabem andar de bicicleta... e ainda não aprenderam... com nove anos... são outros tempos... e a gente fica comparando e lembro-me dos nossos pais também... porque os nossos pais também viveram uma infância maravilhosa. Meu pai conta que meus avós não tinham dinheiro para comprar e não tinha aquela coisa que tem hoje de ter todos os brinquedos... meu pai fala que o cavalinho dele era um pedaço de pau de vassoura... e fazia às vezes a cabeça de um cavalo de papel e vivia brincando de cavalinho...” “... nós estamos num mercado de trabalho competitivo e a gente pensa ‘poxa não quero que meu filho sofra tanto

					para chegar onde eles querem chegar', então sem querer a gente acaba imprimindo muitas tarefas para eles desde pequeno já... você vai fazer kumom, balé, isso, aquilo... porque a gente sabe que lá na frente o mercado de trabalho vai cobrar... o inglês mesmo... na escola não tem inglês... fico pensando ter tempo para levar para fazer inglês..."
Integrante 3 - Grupo	"... para F (esposo) está sendo muito difícil... ele reclama que estou trabalhando e estudando e tenho que cuidar da casa e chego e vou olhar dever... quando dá 10 horas da noite eu estou morta... ele manda as meninas arrumar a mochila e fica sentado falando... pegue isso, coloque aquilo... o que ele faz de vez em quando é lavar a louça e colocar as roupas na máquina... mas pelo menos tenta ajudar, mas o que ele reclama muito é de	"Considero a família muito importante, primeiro porque ela vai ser o pilar pra gente construir uma pirâmide mesmo, para a gente conseguir seguir na vida, a partir da família a gente tem uma educação, tem... descobre realmente o que é certo e o que é errado... na verdade não é nem o que é certo, mas a gente tenta mostrar para os filhos qual o caminho melhor para eles não sofrerem tanto... a partir do momento em que você vai para um lado			"... como você acha que eu vou educar as meninas nesse sentido, porque hoje em dia está muito difícil... eu tenho uma conhecida que trabalha no colégio X e ela já pegou uma menina de 13 anos na escada fazendo sexo oral com um menino; falei 'meu Deus, como é que eu vou educar o que eu vou falar? Então tá muito difícil hoje em dia isso... fora a questão do homossexualismo também... o que eu vou dizer? Como vou explicar isso par uma menina de 7 anos?'"

	<p>carinho, atenção, quer conversar e essa parte está mais difícil...”. “... eu acho que nessa parte ainda existe um pouco de machismo sabia? O homem não admite, mas eles se incomodam... eu sinto que F (esposo) na verdade não fica à vontade, não que ele seja contra a minha faculdade, mas ele tá vindo de certa forma que se eu passar num concurso eu vou ser mais independente e eu acho que isso ainda para o homem pega um pouco...”.</p>	<p>errado está fadado a sofrer... mais pra frente... é para formar a estrutura da criança porque a criança não sabe nada da vida e quem vai ensinar mesmo somos nós pais...”.</p>			<p>“... a infância de hoje é diferente da infância de ontem... a que a gente teve... outro dia eu fiquei feliz da vida porque vi L (filha) pulando corda... falei ‘gente minha filha sabe pular corda!’”. “... acho que toda essa preocupação... nós moramos numa cidade grande... as mães do interior pelo menos na minha infância eu não via tanto essa preocupação... não tinha essa preocupação toda... essa coisa assim ‘não vai’, ‘não pode’; a mãe falava ‘tchau pode ir’... era uma coisa mais livre... acho que hoje em dia a gente tem mais insegurança em função do mundo das coisas...”</p>
<p>Integrante 4 - Grupo</p>	<p>“Só para registrar: tudo de casa é para o meu lado... eu vi formas de lidar com isso, porque ele (esposo) sempre foi de trabalhar fora, nasceu para ser... para trabalhar... aí o que é que eu faço, eu tenho empregada,</p>	<p>“...acho assim... que a família como eixo até meu pai, minha mãe... meus filhos... as coisas giram em torno desse eixo... a família para mim é estruturante... é o que dá estrutura para as pessoas... é claro que o conceito de família mudou um</p>			<p>“.... quando eu tinha uns nove para 10 anos gente se mudou lá em natal para um conjunto que tinha aquelas casinhas tudo igual... a gente se mudou e foi logo no começo do conjunto e tinha muitas casas vazias e o que a</p>

	<p>minha vida é meio maluca então eu tenho duas pessoas lá em casa e elas fazem tudo, fazem supermercado, ligam, chamam alguém para concertar as coisas que preciso, então eu delego; eu falo, pode chamar... faça, então eu estou dando meu jeito...”.</p>	<p>pouco... a família do mundo moderno... mesmo que você se separe mesmo que mude... a família continua... é para sempre... é pai, é mãe, é filho, é para sempre... mesmo que em algum momento isso não dê certo... acho que o conceito de família e as relações por mais que isso mude de alguma maneira deve ser preservado e acho assim a família é um apoio... minha família, minha mãe, meus tios, minha cunhadas... para mim são pessoas que eu sei que posso contar, é base, é sustentação, é referência e eu vejo assim, às vezes a gente passa por fases... tem horas que você pensa ‘família é bom longe! Mas depois você vai descobrindo o quanto que aquilo é importante! É fundamental... avô e avó são importantes, né? Eu sinto muito por meus filhos ficarem longe de meus pais... mas</p>			<p>gente brincava de polícia e ladrão, entrando nas casas, pulando o muro, imagine... os meninos da rua... eu era uma moleca e eu juro que tinha a percepção de que eu tinha uns pais maravilhosos que deixavam eu fazer isso... porque eu tinha colegas que ficavam mais dentro de casa porque os pais não deixavam sair... eu valorizava aquilo... tinha um lugar que chamava barrerão e era só terra e a gente voltava todo sujo de terra... hoje não dá...”.</p>
--	---	--	--	--	--

		<p>apesar da distância acho que conseguem ter um vínculo...”.</p> <p>“... foi uma crise fruto de um desgaste... o casamento é algo difícil... foi iniciativa dele e eu entendi, mas foi sofrido para mim... vi a gente com três filhos... rotina pesada... tem uma imagem que ficou na minha cabeça, embora seja apenas o simbólico... fomos a um churrasco na casa de amigos... gente jovem com outro frescor sem esse peso que naturalmente vai vindo aí a pequena começou a chorar e tinha que ir embora e ele me disse ‘então vá’...isso foi um peso... para mim a gente tinha que ter voltado juntos...”.</p>			
<p>Integrante 5 - Grupo</p>	<p>“... R (marido) até ajuda com as filhas, dá um banho de vez em quando... olha, mas o negócio é a cozinha que eu é que tenho que chegar e dar conta, dar conta da casa... e encontro tudo assim jogado, sapato das</p>			<p>“... tem pais que acham que é a escola que tem que resolver problemas da criança, mas é a família...”.</p>	<p>“... aonde é que hoje nossos filhos brincam? Em shopping. Que coisa né!”</p>

<p>meninas, roupa e ele não consegue controlar isso porque ele também fez assim e faz... ele cresceu assim não mudou nele e aí S (filha) tem isso dele... meu marido reclamava muito da faculdade... ah essa faculdade você faz toma tempo e aí não deixa as coisas prontas... eu faço janta todos os dias...".</p> <p>"... às vezes eu chego da loja cansada, não quero fazer nada... e ele (esposo) fala que eu não devia ficar trabalhar na loja, mas devia ficar em casa cuidando das meninas que era melhor porque loja dá dor de cabeça e termina que eu deixo de fazer as coisas em casa...".</p>				
--	--	--	--	--

ANEXO 5



Autora: Isadora Espinheira Avena